ISSN 2763-5252

# REVISTA DA AHIMTB

## ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

VOL. 1, N. 10, 2025

# A Obra
# “GUERRA - 1942”

A obra “Guerra” de Lasar Segall, pintada em 1942, é um óleo sobre tela de grandes dimensões e representa tema de sofrimento humano, inspirado pelas atrocidades da I e II Guerras Mundiais. A obra, que pertence ao acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP), faz parte de uma série de trabalhos de Segall que abordam a experiência da guerra, da perseguição e da emigração.

A pintura “Guerra” foi influenciada pelos desenhos feitos por Segall para o caderno “Visões de Guerra 1940-1943”, que também denunciavam o conflito e suas consequências. O artista, conhecido por sua representação do sofrimento humano, utilizou sua arte para expressar a dor e a angústia causadas pela guerra.

“Guerra” é uma obra marcante no contexto da produção de Lasar Segall, que transitou entre o expressionismo alemão e o modernismo brasileiro. Suas obras, frequentemente retratando a condição humana, incluem temas como a emigração, a pobreza e a perseguição, temas que se tornaram ainda mais relevantes durante os períodos das guerras.

Além de “Guerra”, outras obras de Segall que abordam a temática da guerra e da emigração incluem “Navio de Emigrantes” (1939-1941) e “Campo de Concentração”. Essas obras, juntamente com os desenhos das “Visões de Guerra”, demonstram o engajamento de Segall com as questões sociais e políticas de seu tempo, utilizando a arte como forma de denúncia e reflexão.[1]

---

1 Fonte: texto gerado por IA, acesso em 01 de julho de 2025.

## Fatos Históricos

Lasar Segall (1891-1957), de origem judaica, nascido em Vilna, na Lituânia, viveu na Alemanha e na França, naturalizado brasileiro, entre suas vindas e idas do Brasil, vivenciou na Europa as duas guerras mundiais, abordou a temática da guerra em sua obra, especialmente a Primeira Guerra Mundial, através de uma visão expressionista que retrata o sofrimento humano e a violência do conflito. E a perseguição ao povo Judeu, tanto na Lituânia ocupada pela Rússia como durante a invasão nazista aos povos europeus.

Sua pintura "Guerra" (1942), produzida em plena II GM, é um exemplo marcante, mostrando soldados em combate corpo a corpo nas trincheiras, com um registro impactante da luta e do horror da guerra, além de ser influenciado por relatos de amigos e notícias da época.  O capacete simbolicamente retratado, entre corpos dilacerados é de um militar inglês.

## Informações Técnicas

- Autor: Lasar Segall.
- Dados biográficos: Vilna, Lituânia, 1889 - São Paulo, Brasil ,1957.
- Título: Guerra.
- Data da obra: 1942.
- Designação: Pintura.
- Técnica: Óleo sobre tela.
- Dimensões: 183 x 270 cm.
- Aquisição MASP: Doação Museu Lasar Segall, 1983.
- Número de inventário: MASP.00900
- Créditos da fotografia: João Musa.

## Visite

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP (Museu de Arte de São Paulo), Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01310-200. https://www.masp.com.br/

# REVISTA DA AHIMTB

## ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

vol. 1, n. 10, 2025

Resende, RJ
2025

# EXPEDIENTE

**Conselho Editorial**

**Editor**
***Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Marechal Mário Travassos AHIMTB .***
Localização: Academia Militar das Agulhas Negras – **AMAN**
Conjunto Principal I – Corredor do 2º andar
Endereço: Rodovia Presidente Dutra Km 306, Resende/RJ

***Carlos Roberto Peres – Cel. Eng. Ref. – Presidente da AHIMTB.***
Graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras e em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Pós-graduação em Relações Internacionais pela Universidade Cândido Mendes
Mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
Doutorado em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares e em Política, Estratégia e Alta Administração Militar, ambos pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
Professor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras desde 2018 e atual Presidente da Diretoria Executiva da AHIMTB.

***Anvalgleber Souza Linhares – Cel. Inf. Ref. – Vice-Presidente da AHIMTB.***
Graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN)
Graduação em Direito pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM)
Especialização em Direito Internacional dos Conflitos Armados pela Escola Superior de Guerra (ESG)
Especialização em Direito Civil Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/MG)
Mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO)
Mestrado em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL).. Professor de Direito da AMAN e UBM.

***Antonio Carlos Simon Esteves – Cel. Inf. Ref. – Secretário da AHIMTB.***
Graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras
Graduação em Administração pela Universidade Dom Bosco – Campo Grande/MS
Especialização em Educação pela Associação Educacional Dom Bosco
Especialização em Educação pelo Centro de Estudos de Pessoal do Exército
MBA pela Fundação Getúlio Vargas
MBA pela ISCTE – Lisboa/PT
Mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
Mestrado em Comunicação Social e Educação pela UFRJ.

***Alexandre Neves Lemos Esteves. Cel. Inf. – Relações Públicas da AHIMTB.***
Graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).
Mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).
Doutorado em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.
Graduado em História pela UNIRIO e pós-graduado em Política e Estratégia.
Professor da Cadeira de História Militar da AMAN, desde 2018.

***Durland Puppin de Faria. Cel. Int. 1º Tesoureiro da AHIMTB.***
Graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).
Mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).
Graduado em Direito e História, pós-graduado em Ciências Políticas e História Militar e mestrando em História Cultural.
Professor da Cadeira de História Militar da AMAN, desde 2009.

***João da Costa Paiva Filho – Cel. Inf. Ref. – Coordenador da AHIMTB.***
Graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) Mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) Doutorado em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
Especialização em Gestão Estratégica de Recursos Humanos pela UFRJ.

***Julio Cesar Fidelis Soares. Professor Universitário. Conselheiro Fiscal da AHIMTB.***
Mestre em História Social.
Pesquisador membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e da Academia Resendense de História.
Integrante do Instituto de Estudos Valeparaibanos e do Grupo de Preservação da História da FEB – Capitão Cobra – Resende - RJ (Instituto de Pesquisas e História Militar Duque de Caxias - RESENDE RJ - Reencenação Histórica Militar).

***Marcos Cotrim de Barcellos. Professor Universitário. Membro da AHIMTB.***
Graduação em Filosofia pelo Centro Unisal de São Paulo.
Mestrado em Filosofia pela UFRJ.
Doutorado em História Social pela UFRJ.
Professor de Filosofia e História da Educação, Filosofia e História do Direito, na Associação Educacional Dom Bosco.
Professor de História da Filosofia, Filosofia da Ciência e Filosofia da Natureza no Centro Universitário Salesiano de São Paulo.

***Projeto Gráfico e diagramação da Revista***
Maria Aparecida Ladeira da Cunha

***Desenvolvedor***
Kélcio José Gomes

***10ª Edição***
vol. 1, n. 10, 2025

***Periodicidade***
Semestral

***Site***: www.revistamilitarterrestre.com.br

***Contato***: contato@revistamilitarterrestre.com.br

# EDITORIAL

## REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL | ANO 06 | NÚMERO 10

Antonio Carlos Simon Esteves[1]

Prezados leitores,

Com muita satisfação e elevada honra apresentamos o décimo número da Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em seu sexto ano de existência. Desde o lançamento da revista em 06 de dezembro de 2020 temos a satisfação de contar com a colaboração de destacados estudiosos da ciência militar, com a apresentação de seus artigos científicos publicados em nosso periódico.

Entramos nessa edição na contagem da dezena de números publicados, que desde o início tem sido mantida sua regularidade de dois exemplares por ano, em julho e dezembro, sempre contando com no mínimo seis artigos em cada semestre.

Mais uma vez por dever de justiça, respeito e admiração o décimo número é dedicado ao fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - Presidente de Honra Cel Claudio Moreira Bento.

O Presidente da AHIMTB reeleito, Cel Carlos Roberto Peres, os acadêmicos, sua Diretoria e os autores dos artigos desta edição, são amantes da história e discípulos do Cel Bento, reconhecedores do seu legado histórico-cultural, desenvolvido com amor e muita dedicação ao longo das últimas décadas. Fica registrada esta manifestação de apreço ao Coronel Bento e o compromisso da continuação de seu árduo e elevado trabalho intelectual.

---

1 Possui graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras – Infantaria/ AMAN, em 1977 - Turma Tiradentes. Em Administração pela Universidade Dom Bosco – Campo Grande/MS, pós-graduação e especialização em Educação pela Associação Educacional Dom Bosco e pelo Centro de Estudos de Pessoal do Exército. MBA pela Fundação Getulio Vargas e ISCTE – Lisboa/ PT; mestrado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Mestrando em Comunicação Social e Educação pela UFRJ. Professor concursado do Magistério do Exército nas disciplinas de Introdução à Economia e Introdução à Administração na AMAN. Professor Emérito da Academia Militar das Agulhas Negras. Chanceler do Centro Universitário Dom Bosco do Rio de Janeiro, Presidente da Associação Educacional Dom Bosco – Resende/RJ.

A capa desta edição, no contexto das guerras, nos traz à reflexão, uma obra de arte contemporânea, uma tela (quadro exposto no MASP): a imagem, a descrição e um breve histórico da visão de um artista naturalizado por opção brasileiro, Lasar Segall, expressionista/modernista, e em sua mensagem contida na obra, das atrocidades decorrentes dos conflitos bélicos entre as nações.

As expressões da arte abrangem diversas formas de manifestação criativa, incluindo a pintura, escultura, música, arquitetura, dança, literatura, teatro, cinema, fotografia, dentre outras formas antigas e modernas. Essas linguagens artísticas são meios pelos quais os artistas expressam ideias, sentimentos e emoções, refletindo a cultura, a história, a identidade de um povo e seu pertencimento. As expressões artísticas são diversas e estão em constante evolução, refletindo a criatividade humana e a adaptação a novos contextos e tecnologias.

Com este olhar, a Revista da AHIMTB tem procurado ao longo das suas edições, contemplar o leitor com a publicação em sua capa de diversas obras de arte de autores consagrados no cenário nacional, sempre com o viés de nossa história e das forças terrestres do Brasil.

Esta edição da Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, de julho de 2025, de acordo com os seus princípios norteadores, contempla sete artigos cujo fio condutor procura dar continuidade às comemorações dos 80 anos do início da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na 2ª Guerra Mundial.

Todos os artigos conseguem transitar entre a Ciência Militar e a Arte em suas narrativas, ora através de um meio artístico ora através de uma pesquisa.

Em pleno século XXI, em que a China se apresenta como uma das maiores economias do mundo (e bélica), a literatura "A Arte da Guerra", escrito pelo pensador Chinês Sun Tzu, onde ensina estratégias e táticas de guerra, enfatiza a importância do planejamento, do conhecimento do inimigo e de si mesmo, da flexibilidade e da adaptabilidade, além da necessidade de liderança eficaz e do uso inteligente de informações.

> Não há mais de cinco notas musicais, mas as combinações destas cinco originam mais melodias do que pode ser ouvido. Não há mais de cinco cores primárias, mas em combinação elas produzem mais cores do que pode ser visto. Há não mais de cinco gostos palatáveis, ainda que suas combinações produzam mais sabores do que pode ser provado. (Sun Tzu).

Convido os leitores, nesta edição, desde a capa da revista, a passearem pela arte; ao ler o artigo inicial do Capitão Músico João Carlos Talina, que aborda a Banda de Música Divisionária da FEB, sua origem, formação, importância e atividades no cotidiano da FEB, no Teatro de Operações da Campanha da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial, que tem por objetivo "difundir e preservar, ao público em geral, militar, civil e acadêmico, as crenças, tradições e valores militares, enfim, o patrimônio imaterial, bem como, a imagem e memória do Exército perante a sociedade, aproximando assim, o cidadão brasileiro ao seu exército".

O segundo artigo apresentado transita pela arte do teatro com a Encenação da Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã na 2º GM, realizada na AMAN, no

dia 01 de maio de 2019, por ocasião do VIII Seminário Nacional sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (VIII SENAB - 2º GM), através do trabalho fotográfico do artista plástico João Saboia. A atividade foi programada pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército e coordenado pelo Centro de Pesquisa em História Militar do Exército. A encenação foi conduzida pelos Coronéis Claudio Scora Rosty e Claudio Luiz de Oliveira e a equipe da encenação foi constituída pelos integrantes da Associação Brasileira dos Preservadores de Viaturas Militares (ABPVM) e do Clube de Veículos Militares Antigos do Rio de Janeiro (CVMARJ). O evento foi ainda apoiado pelo Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e pela cadeira de História Militar da AMAN.

Dando continuidade, segue o brilhante trabalho do Coronel Veterano Paulo Gilmar Marques Berguenmayer sobre "As Pontes da FEB – A Engenharia Construindo Vitórias". Neste artigo apreciamos as obras de arte da engenharia e sua bela irmã, a arquitetura medieval, em plena guerra; com os modernos equipamentos da época, com o emprego da Ponte Bailley, e o fato histórico pouco conhecido da ponte e do Castelo Buonno Champagne, em Vignola, que não foram destruídos, tendo em vista a interferência providencial da Engenharia Expedicionária Brasileira. Em suma: Honra, Glória e Legado do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial, pontuando as pontes e seus nomes, as vitórias e seus heróis.

O Doutores em História Ten Cel Fabio da Silva Pereira e a Professora Florence Alencar Moreira no artigo "Correio Sul: 80 anos da atuação do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira na capital (1944-1945)" nos apresenta um estudo dos relatórios confidenciais emitidos pelo Ministério da Guerra no Brasil e as instruções para a censura postal militar, em plena 2º GM, objetivando a segurança das operações e de todos os envolvidos.

No Brasil, a troca de correspondências já não passava despercebida da atuação do DIP (Governo Vargas), que aplicava a censura nos mais diferentes meios de comunicação. A proibição da fala e da escrita nos idiomas alemão, italiano e japonês no território brasileiro, após a declaração de guerra ao Eixo em 1942. Os autores concluem que "as missivas desses contemporâneos e suas respectivas redes de sociabilidade, dentre elas suas famílias e madrinhas de guerra, ficaram perdidas no tempo e no espaço – cabendo aos historiadores da contemporaneidade pesquisá-las e valorizá-las enquanto fontes históricas. Ao fim de mais um estudo sobre o Serviço Postal da FEB, constata-se que ainda existe muito para se pesquisar em prol desse complexo sistema, que entregava um alento às famílias e aos expedicionários enviados para o conflito".

Nesta edição temática da arte, citando a nossa rica cultura e origens greco-romana o Cel Veterano Luiz Ernani Caminha Giorgis, com seu artigo "O Brasil, a FEB e a Deusa Romana da Guerra – Belona", enfatiza que o "Brasil não foi para a Itália em 1944 para lutar contra italianos, etruscos, latinos, nem mesmo contra Belona. Foi sim, para lutar contra um outro exército também estranho naquelas terras geladas dos Montes Apeninos, assim como em toda a península: o Exército Nazista, de Adolf Hitler e seus aliados".

O autor de forma didática apresenta seu trabalho visando divulgar os antecedentes, o desenvolvimento e as ações posteriores da maior vitória brasileira em solo italiano – a conquista de Monte Castello, que completa oito décadas. Em suas consi-

derações finais cita o General Mascarenhas de Moraes que em palestra na ECEME, a FEB teve: "Uma operação de abertura – Camaiore; Uma operação de dignidade - Monte Castello; Uma operação de sofrimento – Montese; Uma operação militar – Castelnuovo di Vergato; e Uma operação de coroamento – Fornovo". E conclui dizendo que: Belona esteve sempre presente, protegendo os brasileiros das agruras de uma guerra em outro continente.

Os Professores Júlio Cesar Fidelis Soares e Marcelo Etiene Nunes no artigo "Símbolos e Insígnias Militares da FEB" apresentam uma pesquisa que aborda o uso de símbolos representando a 1ª Divisão de Infantaria Brasileira, núcleo da Força Expedicionária Brasileira que lutou ao lado dos Estados Unidos e outras tropas aliadas no norte da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. A insígnia divisional que chamamos carinhosamente de Coração do Brasil, ou sua segunda versão final A Cobra Fumando, muito conhecida pela população brasileira.

O estudo buscou elucidar o seu estandarte ou bandeira símbolo geral da unidade e seus comandantes no teatro de operações da Itália em 1944 e 1945. Apresenta as flâmulas que representam a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira e da Brigada de Infantaria Divisionária, formada iconograficamente em um retângulo com as estrelas do Cruzeiro do Sul, símbolo que até pouco tempo atrás o Exército Brasileiro ainda ostentava pintado na lateral de suas viaturas e presente no escudo representativo do Exército Brasileiro. Nas flâmulas, entre outros caracteres, são adicionados o número da divisão/brigada e símbolos de ramificação na talha, fazendo valer as cores nacionais brasileiras.

O artigo com fundamentação filosófica, apresentado pelo Cel Veterano Júlio Raphaël de Freitas Coutinho: "Platão e Aristóteles os precursores de história da Ciência Militar", permite o coroamento dessa edição que versa sobre os 80 anos da presença da Força Expedicionária Brasileira no teatro de operações da secular Itália, durante a 2º GM. Teatro que não se refere ao lúdico e prazeroso, mas sim de operações beligerantes entre nações e de emprego da Ciência Militar.

A Filosofia e a Arte se complementam na construção do conhecimento segundo Michelangelo Buonarroti, nascido em 1475, em Caprese, na Itália, considerado um dos maiores artistas da história, com sua obra transcendendo as fronteiras do Renascimento e da arte ocidental. Enquanto a filosofia usa a razão e a argumentação lógica para compreender questões conceituais e abstratas, a arte lida com os domínios das emoções, percepção sensorial e imaginação.

O Cel Raphaël conclui que "a intensão deste autor não foi retornar ao tempo de Platão, Aristóteles e de outros filósofos que os sucederam para criar um mundo passado, ao contrário, este recuo histórico foi para tomar impulso, buscar argumentos que nos ajudem a entender nosso mundo paradoxal e complexo e, também, nos indicar que o caminho da política, com seu componente militar, é feito com ética e justiça que nos sinalizam para fazermos reflexões radicais e, como consequência, apresentar soluções adequadas e práticas à nossa realidade presente e futura".

**Uma boa leitura.**

**Antonio Carlos Simon Esteves**

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

## SUMÁRIO

**A banda de música divisionária da FEB** 12
*João Carlos Talina*

**A encenação da rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã na 2ª GM** 35
*Conselho Editorial da Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil*
*João Saboia*

**As pontes da FEB: A Engenharia construindo vitórias** 46
*Paulo Gilmar Marques Berguenmayer*

**Correio Coletor Sul: 80 anos da atuação do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira na Capital Federal (1944-1945)** 61
*Florence Alencar Moreira*
*Fabio da Silva Pereira*

**O Brasil, a FEB e a Deusa Romana Da Guerra - Belona** 74
*Luiz Ernani Caminha Giorgis*

**Símbolos e Insígnias Militares da FEB** 86
*Julio Cesar Fidelis Soares*
*Marcelo Etiene Nunes*

**Platão e Aristóteles os precursores de história da ciência Militar** 96
*Júlio Raphaël de Freitas Coutinho*

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# A BANDA DE MÚSICA DIVISIONÁRIA DA FEB

*Origem, formação, importância e atividades no cotidiano da FEB, no Teatro de Operações da Campanha da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial*

João Carlos Talina[1]

## 1 INTRODUÇÃO

> Que os exércitos rolam sobre as suas próprias barrigas, já dizia o grande Imperador Napoleão Bonaparte... mas, indubitavelmente, marcham garbosamente, aos sons e cadências das músicas marciais executadas pelas suas bandas de música militares. (Cap QAO Músico R1 João Carlos Talina)

É notória a participação do Brasil, na 2ª Guerra Mundial, por meio de sua Força Expedicionária Brasileira – FEB, no teatro de operações da Campanha da Itália. Entretanto, julgamos que tal conhecimento, de forma geral, tende a um reducionismo histórico, tanto no meio militar, quanto civil e acadêmico. Tal afirmativa tem a sua justificativa quanto à limitação de tal participação da FEB apenas por tropas brasileiras de infantaria, artilharia, em especial. Muito pouco ou quase nada se sabe, sobre a Banda de Música Divisionária e os demais elementos de tropa especial, bem como, os órgãos não divisionários, que participaram ativamente, direta ou indiretamente, mas que deram o importante e imprescindível suporte as tropas brasileiras da FEB no front, nos acampamentos..., durante todo o conflito.[2]

---

1 Cap QAO Mus R/1 Mestre de Música (EsIE/2005); Músico (EsIE/1994/1989/1984); graduado em Educação Musical (SUAM/1988), especialista em Educação Musical (CBM/1990), especialista em Psicopedagogia (UFRJ-CEP/1997), especialista em Pedagogia (UFRJ-CEP/1999), mestre em Ciência da Arte (UFF/2003), associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), ex-assessor de Musicologia e ex-Chefe da Subseção de Musicologia - Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx) - Diretoria de Educação e Cultura do Exército (DECEx).

2 Como por exemplo, a Inspetoria Geral, Intendência, Serviço de Saúde, Enfermeiras da FEB, Armamento e Remuniciamento, Correspondentes de Guerra, Pelotão Neuropsiquiátrico, Companhia Comando da 1ª Divisão de Infantaria Divisionária, Serviços de Fundo, Pagadoria Fixa e Agência do Banco do Brasil junto a FEB, Esquadrilha de Observação e Ligação, Batalhão de Trabalhadores, Justiça Militar

Neste sentido, este artigo tem o escopo de abordar o objeto de pesquisa - A Banda de Música Divisionária da Força Expedicionária Brasileira – FEB, quanto, seus primórdios, sua contextualização no Estado Novo, o ideal nacionalista de época, sua origem, seus diversos *ethos musicais*, formação e, a sua importância nas atividades musicais militares no cotidiano da FEB no Teatro de Operações da Campanha da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial, contextualizando-o assim, em um processo histórico, com o objetivo também, de contribuir para a historiografia militar brasileira, com novos conhecimentos, em especial, sobre a Banda de Música Divisionária da FEB, os seus aspectos mais relevantes levantados na presente pesquisa, cooperando desta forma, com o estudo e a divulgação da participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, por meio da produção de acervo histórico e cultural, de forma a difundir e preservar, ao público em geral, militar, civil e acadêmico, as crenças, tradições e valores militares, enfim, o patrimônio imaterial, bem como, a imagem e memória do Exército perante a sociedade, aproximando assim, o cidadão brasileiro ao seu Exército.

## 2. O ESTADO NOVO

*Alvorada do nacionalismo em terras brasiliensis*

> Independente de qualquer linguagem musical, a música se diz nacionalista quando realmente contém elementos musicais característicos a um determinado povo ou nação. Desses elementos, os principais são: o ritmo, as características melódicas, o idioma, o folclore e outras manifestações populares ou patrióticas. (ADAM, Joselir N.G. & VALLE, José N)[3]

No ano de 1848, de acordo com Bennet (1986), a Europa foi varrida pelos ventos dos inúmeros *movimentos revolucionários*, de caráter *socialista/anarquista*, como o movimento italiano *Risorgimento* (Ressurreição), entre outros. Portanto, tais movimentos, ao suscitarem música nacionalista, por meio dos elementos folclóricos, temas nacionais, mitologia, etc., possibilitaram "criar", agregar uma cultura comum de um determinado povo, possibilitando assim ressurgir uma identidade cultural e nacional, a qual foi fundamental para a libertação, emancipação, unificação e criação de cada país, como também, do estado moderno na Europa, ou seja, o estado democrático e republicano, em substituição ao estado feudal, representado pela aristocracia (nobreza e clero), aonde o presidente, 1º ministro ou chanceler ambos vieram a substituir os reis, imperadores e príncipes. Neste sentido, por exemplo, as composições de R. Wagner e G. Verdi, contribuíram para a formação da cultura e da

na FEB, Depósito de Pessoal, Serviço Postal, Pelotão de Sepultamento, Pelotão de Polícia do Exército, 1º Grupo de Aviação de Caça, Serviço de Assistência religiosa, Serviço de Transmissões e Marinha Mercante.

3 Cf. ADAM, Joselir N.G. & VALLE, José N. Linguagem e estruturação musical. Curitiba: Beija-flor, s/d.2 Cf. BENNETT, R. Uma breve história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 57 a 66,.

identidade, bem como, da unidade dos estados germânicos e italianos. De acordo com Squeff & Wisnik (1982), esta corrente também influenciou os compositores brasileiros do final do séc. XIX, para o séc. XX, fazendo assim surgir o Nacionalismo Brasileiro, representado pelas obras musicais dos compositores: A. C. Gomes, A. Levy, A. Nepomuceno, H. Villa-Lobos, C. Guarnieri, F. Mignone, entre outros. Prosseguindo, Squeff & Wisnik (1982, p. 131) afirmam que os compositores nacionalistas brasileiros acima, dentre outros, "[...] usaram fartamente o material 'folclórico' na composição de suas peças, e é esse o uso que marca o perfil característico tão reconhecível na música de todos eles."

Portanto, surge a Música Nacionalista Brasileira, tanto erudita como popular, a qual foi se desenvolvendo, em uma profunda e equilibrada coexistência social, com as atividades das orquestras, bandas de música civis e militares, corais, grupos instrumentais e vocais, rádios, gravadoras..., enfim, possibilitando assim, a formação de uma identidade cultural e nacional do povo brasileiro, com o apoio do Estado Novo. Conforme Talina (1990) com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas sobe ao poder, surgindo assim, o Estado Novo, período de profundas modificações ao nível sócio-político-econômico, bem como, cultural. O Governo Getulista (ou ditadura de Vargas) surgiu no período de apogeu dos regimes nazi fascistas europeus, possuindo certas afinidades com os regimes, possivelmente, devido ao pleno sucesso alcançado pelos mesmos.

> As figuras de Vargas e de Villa-Lobos, bem como, o relacionamento dos dois no cenário da vida político-social-cultural brasileira, me levaram a relaciona-los, de uma forma ou de outra, com as figuras de Adolf Hitler (Führer) e do compositor Richard Wagner, na Alemanha Nazista. Neste sentido, eu buscava entender a essência de tal relação, sabendo que a música era um elemento comum, pois tanto Hitler como Vargas utilizaram a música dos eminentes compositores R. Wagner e H. Villa-Lobos, respectivamente, para alcançar os seus objetivos políticos. Através de documentários, tive conhecimento das grandes concentrações nazistas nas paradas militares, datas cívicas, manifestações paramilitares, cuja música de R. Wagner penetrava no coração de um povo adormecido, despertando-lhe um sentimento de patriotismo, disciplina, culto à pátria e a autoridade. (TALINA, 1990, pg.07)

Prosseguindo, de acordo com Talina (1990, pg. 07), a ideologia[4] do Estado Novo era formada por um conjunto de princípios como o nacionalismo, disciplina, hierarquia, integração nacional...", culto à pátria e a autoridade, etc. Tais princípios nortearam os diversos setores abrangidos pela política do Estado Novo, ou seja, as

4 O conceito de ideologia está intrinsecamente ligado ao de acordo com BOUDON, Raymond. A ideologia. São Paulo: Ática, .1989, p. 25-46. Cf. com ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985., e com CARVALHO, Mário Vieira de. A música e a luta ideológica. Lisboa: Estampa, 1976.

instituições públicas e privadas, a sociedade, enfim, as escolas, as Forças Armadas, a educação, a cultura... e neste sentido, tanto a música militar, como a música patriótica, erudita e popular, enfim, foram utilizadas para veicular esses valores, com o objetivo maior de se construir no imaginário popular o Estado Moderno Brasileiro, o Estado Novo, sua sociedade, seu povo, sua cultura... enfim, em última instancia, a construção de uma identidade nacional do povo brasileiro.

## 3. A VOZ DA GUERRA!

*Soam as trombetas! Rufam os tambores...*

A priori, o surgimento da Banda de Música Divisionária da Força Expedicionária Brasileira está indissoluvelmente ligada, com a própria eclosão da 2ª Guerra Mundial e, consequentemente, com a entrada do Brasil neste conflito e, por conseguinte, com a criação da própria FEB. Cabe ressaltar que, durante os primeiros anos da 2ª Guerra Mundial, o Governo Getulísta (TALINA, 1990, pg.7) manteve-se de forma neutra nas relações com os países deliberantes neste conflito, o qual já se desenrolava nos continentes europeu, africano e asiático. Entretanto, só a patir da conferência realizada em 28 de janeiro de 1942 é que o Estado Novo rompe as relações diplomáticas e comerciais com os Países do Eixo - a Alemanha, a Itália e o Japão, sendo que os demais países latino-americanos participantes de conferência realizada anteriormente, em 15 de janeiro do mesmo ano, já tinham decidido romper tais relações com os mesmos.

De acordo com Sander (2007), já a partir de meados de junho de 1942, posteriormente ao rompimento diplomático do Brasil com os Países do Eixo, o Governo Getulísta cedeu ao Governo Americano, áreas nos estados da Região Nordeste, para serem instaladas as bases da *Força Tarefa Americana nº 3*, pertencente aos Estados Unidos da América, bem como, liberou os portos de Recife e Salvador para servirem como base naval para Marinha Americana[5]. Cabe ressaltar que, o Saliente do Nordeste – a Região Nordeste do Brasil era considerada uma região estratégica pelos aliados para dar apoio a Campanha na África do Norte, em especial. Em conseqüencia, tal ato não passou desapercebido pelos Países do Eixo e foi considerado assim hostil pelos mesmos, pois o Brasil sairia de sua neutralidade política, vindo assim, a se posicionar ao lado dos Países Aliados, momento em que o próprio Embaixador da Alemanha no Brasil, *Sr. Pruefer*, declarou na ocasião que o Brasil se posicionara *"em estado de guerra latente"* com os Países do Eixo. Conseqüentemente, após estes fatos, os Países do Eixo, em especial, Alemanha e a Itália, por meio da guerra submarina[6], realizaram também, ataques sistemáticos aos navios brasileiros que

5 A estratégia da instalação de tais bases militares americanas, tinha o escopo também de bloquear o envio de matéria prima aos países inimigos, Alemanha e Itália, em especial, criou a "Cintura do Atlântico" ou "Saliente do Nordeste". Cf. SANDER. Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

6 A flotilha era composta de cerca de 22 (vinte e dois) submarinos alemãs (Unterseeboot-U) e 05 (cinco) submarinos italianos: U-66, U-94, U-155, U-156, U-159, U-161, U-162, U-163, U-170, U-185, U-199,

navegassem pelo Atlântico, Mediterrâneo e Índico, com o objetivo de interromper o envio de matérias primas para os Estados Unidos e o envio de suprimentos para a Grã-Bretanha (SANDER, 2007)[7].

Segundo Carvalho (2005, p.18), a guerra submarina, realizada por intermédio dos ataques de submarinos alemães e italianos resultou no afundamento de 35 navios mercantes brasileiros, perfazendo um total de 1.081 mortos e 1.686 sobreviventes. O resultado dessas agressões culminou com manifestações populares, Após o afundamento dos navios mercantes brasileiros, bem como, o elevado número de vítimas, principalmente civis, inclusive cianças, fatos estes divulgados na ocasião, pelos meios de comunicação, desencadearam inúmeras manifestações populares que ocorreram em várias cidades brasileiras, inclusive, de forma violenta, com depredações de residências e estabelecimentos comerciais pertencentes a imigrantes oriundos dos Países do Eixo, chegando ao ponto de ocorrer até tentativas de linchamento a estes imigrantes estrangeiros, especialmente alemães, japoneses e italianos. Nesta ocasião, várias intituições, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), sindicatos, entre outras, organizaram manifestações, comícios e passeatas nas principais cidades brasileiras e, em conjunto com a população brasileira, como um todo, exigiram do Governo Getulísta a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos países aliados contra os Países do Eixo, frente aos ataques dos seus submarinos do Eixo aos navios mercantes brasileiros, o afundamento dos mesmos, com inúmeras vítimas e perdas materiais significativas. Face às estas manifestações de ambito nacional, em que toda a população brasileira se mobilizou, protestanto contra as agressões dos Países do Eixo, bem como, exigindo uma reação governamental, o Governo Getulísta, após reunião ministerial, em 22 de agosto, declarou "*estado de beligerância*" contra a Alemanha e à Itália, por intermédio do Decreto-Lei nº 10.508, expedido no dia 31 de agosto de 1942.

---

U-203, U-432, U-502, U-504, U-507, U-513, U-514, U-516, U-518, U-590, U-861 - e, Archimede, Da Vinci e Barbarigo, Tazzoli, Calvi e Torelli, pertencentes as classes de Uboat alemãs do Tipo VII-C, IX-C e IX-D2, XIV – Milchkuw e, classes dos submarinos Italianos do tipo Blin, Marcello, Marconi Calvi e Gato respectivamente, sendo que 10 (dez) submarinos alemãs e 01 (um) italiano foram afundados pelas patrulhas aéreas aliadas, próximos as costas brasileiras: U-164, U-128, U-507, U-590, U-513, U-662, U-598, U-199, U-591 e U-161 e, Archimedes, respectivamente. Cf. https://pt.m.wikipedia.org., https://www.naufragios.com.br. e https://www.brasilmergulho.com.br.

7 Os submarinos alemãs e italianos afundaram 36 navios brasileiros e 56 navios de bandeira estrangeira. São os seguinte navios mercantes afundados pelos submarinos alemãs e italianos do Eixo, pertencentes as companhias Lloyde Brasileiro, Lloyde Nacional e Costeira, a saber: Afonso Pena, Alegrete, Aníbal Benévolo, Antonico, Apolóide, Arabutã, Arará, Araraquara, Baependy, Bagé, Barbacena, Brasilóide, Buarque, Cairu, Campos, Cisne Branco, Gonçalves Dias, Itagiba, Itapagé, Jacira, Lages, Olinda, Ozório, Paracurí, Pelotasloide, Piave, Porto Alegre, Shangrilá, Suilóide, Tamandaré, Taubaté, Tutóia, Vidal de Negreiros e Vital de Oliveira. Cabe também ressaltar que a maioria das embarcações atacadas pelos submarinos alemãs e italianos do Eixo, se constituia de navios mercantes ou mistos, ou seja, cargueiros e passageiros, pertencentes às grandes companhias de navegação da época, como o Lloyd Brasileiro, o Lloyd Nacional e a Costeira, bem como, embarcações pertencentes às outras companhias de menor porte, como também, embarcações pertencentes a pequenos armadores regionais e homens do mar. O Lloyd Brasileiro, a maior dessas empresas, foi, sem dúvida, a que mais perdeu navios e tripulantes, foram 21 embarcações atacadas, das quais 19 foram afundadas. Cf. SANDER. Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007., e com. https://www.naufragios.com.br.

## 4. AS BANDAS DE MÚSICA MILITARES NO BRASIL

*Origens europeias nos primórdios*

As bandas de música europeias tiveram a sua origem e desenvolvimento a partir dos grupos instrumentais do período medieval e renascentista, denominados – *haut, "altos" ou "fortes*" (BENNETT, 1986, p 29-30.), empregados para desenvolverem as suas atividades musicais ao ar-livre, ou mesmo, em grandes áreas cobertas, como grandes salões e, por isso, eram compostos por instrumentos musicais muito sonoros de sopro, das famílias das madeiras e metais, bem como, de percussão[8]. A partir do séc. XVI surgi o aumento do desenvolvimento da música instrumental, por meio do maior interesse dos músicos em comporem obras também para estes grupos de instrumentos, pois até então, a música vocal era a principal atividade. Certamente, a banda de música, tendo como base os grupos de instrumentos "autos", foi se desenvolvendo através dos tempos, adquirindo, paulatinamente, novos e diferentes tipos de instrumentos, aumentando assim, as suas configurações instrumentais e, em última análise, primando para o seu equilíbrio sonoro (intensidade e timbre), visando a sua padronização, sendo que, já por "volta de 1810 as maiores bandas militares europeias tinham alcançado seu tamanho atual" (BINDER, 2002, p.17-18).

Cabe ressaltar que, de acordo com Maggini (2009, pg. 15-21), o séc. XIX foi muito promissor para o surgimento e desenvolvimento das bandas de música militares e civis, no campo da organologia[9], com o surgimento de novos instrumentos, como o Saxofone, Rothfone, Sarrussofone, Saxhorner, como também, a implantação de novos mecanismos-sistemas acústicos para os instrumentos de sopro madeiras (flautas, oboés, fagotes, clarinetas,...) e metais (trompetes, trompas, trombones, saxhorner...); enriquecimento do repertório, com novas formas musicais de composição, com inúmeras composições como marchas, marchas fúnebres, concertos, aberturas... de compositores renomados, como Johann Nepomuk Kumel, Johann Simon Mayr, Ludwig van Beethoven, Felix Bartholdy Mendelsohn, Hector Berlioz, Pyotr E. . Tchaykovsky, Thomas Attwood Walmisley, Giacomo Rossini, Gustav Holst, Percy Aldredge Grainger...; no campo da regência e composição para banda de música, por exemplo, o famoso compositor Johann Strauss, que foi regente da banda de música do Regimento da Cidade de Viena, onde regeu a sua famosa marcha militar Radetzky, conhecida mundialmente; também outros grandes expoentes como Nicolai Rimskij-Korsakov, Camilo de Nardis, entre outros compositores também contribuíram para tal desenvolvimento das bandas de música.

Maggini (2009, 15-21), também afirma, acima, que, tais progressos, no campo da organologia, como também, nos campo da composição, regência possibilitaram, além da riqueza expressiva da performance, a reorganização, em especial, das bandas de música militares em vários países europeus, iniciando tal processo na Fran-

---

8 Instrumentos como: Sopro Madeiras - Flauta Transversa, Charamela, Bombarda, Cervelato, Krummhorn...; Sopro Metais - Trompete, Trompa, Sacabuxa... e, Percussão – Tambor, Pratos, Guizos etc. Cf. BENNETT, Roy. Uma breve história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 13-30.

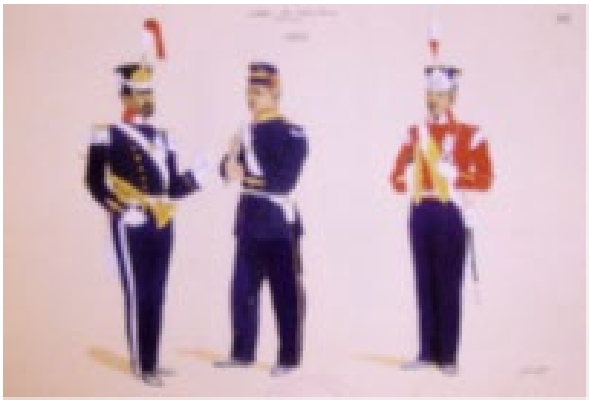
9 Organologia subárea da Musicologia que estuda os instrumentos musicais, seus aspectos constitutivos físicos, acústicos... Cf. HENRIQUE, Luis. Instrumentos musicais. Lisboa: Gulbenkian, 1987, p. 15.

ça, posteriormente, na Alemanha, Itália, Inglaterra, Estados Unidos da América do Norte... e, concomitantemente, fazendo surgir inúmeras bandas de música militares, como Marine Band, Boston Brigade, Coast Artillary Band, entre outras, bem como, ilustres regentes de bandas de música como Gaetano Caruso, Francesco Scalla, Patrick, John Pillhip de Souza; possibilitaram também surgir instituições de ensino musical específicos para a banda de música, como por exemplo, o Royal Military School of Music. Tais aperfeiçoamentos das bandas de música estrangeiras, ocorridos no séc. XIX para o séc. XX vieram, com certeza, a influenciar diretamente nas formações das bandas de música brasileiras, militares e civis, por meio das inúmeras missões militares, intercâmbios, cursos, visitas... como também, pela vinda de músicos estrangeiros (Maggini, 2009, p. 17).

### *Raízes brasileiras*

> A continuidade da tradição no campo da produção de música instrumental ao gosto das amplas camadas das cidades, iniciada em meados de Setecentos pelos ternos de Barbeiros[10] com a chamada de música de porta de igreja, ia ser garantida a partir da segunda metade do século XIX pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas pequenas bandas municipais ou liras formadas por mestres interioranos, nas cidades menores. (TINHORÃO, 1998, pg. 177)

Figura 1 - Uniformes dos músicos do 2º Batalhão de Infantaria, 1850



Fonte: Binder, 2002

De acordo com Tinhorão (1998, pg. 177-191), a partir do séc. XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa a Cidade do Rio de Janeiro, as bandas de músi-

10 Ternos de Barbeiros, segundo Tinhorão (1998, pg155-175) eram grupos musicais formados por negros ex-escravos, barbeiros de ofício, que executavam músicas nos festejos religiosos que ocorriam nas portas das igrejas, cujas atividades perduraram muito depois da chegada e instalação da Família Real Portuguesa na Cidade do Rio de Janeiro. Cf. ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ca militares foram formadas, organizadas como tal, nos regimentos de Primeira Linha[11]. Portanto, tais bandas de música militares, criadas neste período, irão coexistir com as bandas de música pré-existentes no Brasil, se relacionando mutuamente, em especial, no aspecto do *ethos musical*, quanto ao repertório, público, formação de musicistas, etc.

> Conforme exposto, o surgimento de bandas em "bases orgânicas" no exército português ocorreu na passagem do século XVIII para o XIX, portanto antes de 1814 como propunha Salles. Além disso, como mostraremos abaixo, existem indícios que mostram a existência de bandas de música no Brasil com padrões instrumentais semelhantes àqueles encontrados em Portugal, antes da chegada da corte portuguesa ou da banda da brigada da Real da Marinha. (BINDER, 2006, pg. 24)

***Ethos musicalis militar e ethos musicalis civil***

> Atraídos aos quadros militares pela sua rara qualificação, músicos civis vestiram a farda e passaram a fazer parte do corpo de tropa, passando a comportarem-se como simples funcionários contratados, aos quais recebiam pagamentos na base de soldo de oficial. (TINHORÃO, 1998: 178).

Cabe ressaltar que, segundo Tinhorão (1998, pg. 178) abaixo, os efetivos das bandas de música militares eram constituídos, pela incorporação de músicos nos regimentos, oriundos também, de diversas bandas de música civis. Neste sentido, as bandas de música militares tiveram os seus repertórios, bem como, as suas performances musicais enriquecidas com a bagagem musical desses músicos incorporados as suas corporações militares, bem como, a própria formação profissional musical desses músicos.

> O fato é que, com essa valorização das bandas da Primeira Linha e da Guarda Nacional, centenas de músicos de origem popular encontraram a oportunidade de viver de seu talento, contribuindo para identificar com o povo, por intermédio da música do coreto e das festas cívicas, um tipo de formação instrumental muito próxima do das orquestras sinfônicas das elites. (TINHORÃO, 1998. p. 178-179).

Esses musicistas civis traziam consigo, além de suas expertises musicais, como instrumentistas, arranjadores, copistas, luthiers, compositores e regentes, mas também, as suas vivencias musicais desenvolvidas na sociedade civil, por intermé-

11 De acordo com Binder (2006, pg. 27) as bandas de música pertenciam aos regimentos de 1ª Linha, era profissional e ficava permanentemente em armas estacionada no Rio de Janeiro. Formada por três regimentos de infantaria e um de artilharia, segundo o decreto de 1810.

dio de um repertório riquíssimo, de música militar, popular, religiosa... o qual iriam incorporar em suas novas atividades musicais castrenses, enriquecendo assim, os repertórios e as performances musicais de suas bandas de música militares, possibilitando assim, as mesmas, de atuarem tão somente nas atividades militares, como formaturas, desfiles, guardas de honra entre outras cerimônias e atividades militares, mas também, nas atividades musicais na sociedade, como uma banda de música civil, ou seja, nas festas, cortejos, procissões, enfim, na sociedade de entorno (TINHORÃO, 1998, p.177-189).[12]

## 5 BANDA DE MÚSICA DIVISIONÁRIA DA FEB

*Da capo! Origem e formação...*

Com a eclosão da 2ª Guerra Mundial, fato este já descrito em texto anterior, bem como, a participação do Brasil neste conflito mundial, ao lado dos Países Aliados contra os Países do Eixo, a Força Expedicionária Brasileira – FEB foi criada, como um Corpo de Exército – CEx, a priori, composto, na 1ª Etapa, pela *1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE*, por militares e reservistas das 1ª, 2ª e 4ª Regiões Militares – RM, bem como, por voluntários das Forças Auxiliares.

Figura 2 – Fração da Banda de Música Divisionária na Itália

Fonte: https://images.app.goo.gl/QPB6bmrAcDfdN2QR7

12 Embora Tinhorão (1998) aborde a história social da música popular brasileira, do ponto de vista cultural e ideológico, o referido autor, de forma historiográfica, cita as origens de nossa música popular brasileira, em especial, as bandas de música civis e militares, escopo desta pesquisa. Cf. TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Editora 34, 1998, pg. 177-191.

A Banda de Música Divisionária da Força Expedicionária Brasileira – FEB, assim como as OMs divisionárias de Infantaria[13], Artilharia, entre outras, bem como, os demais elementos de Tropa Especial, além dos Órgãos Não Divisionários, teve a sua origem concomitantemente com a criação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE. A princípio, o seu efetivo foi composto pelos respectivos efetivos das bandas de música dos regimentos de infantaria também agregados a 1ª DIE, ou seja, do 1º RI, 6º RI e do 11º RI, transformando assim as bandas de música orgânicas em uma banda de música divisionária, seguindo um modelo norte-americano[14] bem como, por militares músicos voluntários das demais bandas de música do Exército Brasileiro e, por outros voluntários, perfazendo um efetivo total de 200 (duzentos) músicos, tendo a frente, o 2º Ten Músico Franklin de Carvalho Júnior (MEIRA & SCHIRMER, 2000, pg. 118.).[15]

## Instrumentoriun

A formação instrumental da Banda de Música Divisionária da FEB, na época, foi composta, consequentemente, pela aglutinação das formações instrumentais das respectivas bandas de música dos regimentos de infantaria do 1º RI, 6º RI e do 11º RI, tendo como modelo de efetivo e instrumental, as formações das bandas de música europeias, em especial, as bandas de música militares portuguesas... e, italianas (VESSELLA, 1955, pg.115).[16] Portanto, de acordo com Vessella (1955) acima, a instrumentação básica da Banda de Música Divisionária também foi composta por duas famílias a saber: Família dos Sopros dos Instrumentos de Madeiras - (Flautim e Flauta; ... Clarineta Piccolo, Soprano, Alto e Baixo; Saxofone Alto, Tenor e Barítono) e de Instrumentos de Metais (Trompete, Trompa; Saxhorners) e Família de Instrumentos de Percussão (Lira, Bombo, Pratos, Caixa Surda e Caixa de Guerra) (HENRIQUE, 1998).[17]

---

13 O 1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio, o 6º Regimento de Infantaria – Caçapava/SP e o 11º Regimento de Infantaria – Regimento Tiradentes de São João Del Rey/MG. Cf.SANDER. Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

14 De acordo com Meira & Schirmer (2010, pg. 50), o procedimento em desagregar as bandas de música orgânicas dos seus regimentos, no caso, as bandas de música dos regimentos de infantaria do 1º RI, 6º RI e do 11º RI, agregando-as em uma bande de música divisionária era modelo norte-americano de época.

15 O Ten Franklin de Carvalho Júnior era o Maestro/Oficial Regente do 1º Regimento de Infantaria (RI) – Regimento Sampaio e, posteriormente, foi o Oficial Regente da Banda de Música da Escola Militar de Resende – atual Academia Militar das Agulhas Negras. (MEIRA & SCHIRMER, 2000, pg. 118.).

16 VESSELLA (1955, p. 115) propôs três tipos de bandas de música: Piccola Banda, com cerca de 28 (vinte e oito) instrumentistas; Media Banda, com cerca de 45 (quarenta e cinco) instrumentistas e, Grande Banda, com cerca de 65 (sessenta e cinco) instrumentistas. Cf. com Vessella. A. Studi di strumentazione per banda. Milano: Ricordi, 1955.

17 De acordo com Henrique (1998), segundo a Organologia, a instrumentação da banda de música, em geral, é composta pelas famílias dos sopros - madeira e metal e percussão. Cf. HENRIQUE, Luis. Instrumentos musicais. Lisboa: Gulbenkian, 1988.

## 6. A MÚSICA NO COTIDIANO DA FEB

*Os ethos musicalis febianus - si vis pacem, para musica, para bellum...*

Figura 3 – Cotidiano de uma fração da Banda de Música Divisionária da FEB

Fonte:www.goodreads.com/group”>book> on Goodreads.

Nos anos da Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir de 1942, quando o Brasil entra na guerra, a música, especialmente do gênero samba, foi um dos instrumentos de controle utilizado pelo governo de Getúlio Vargas para mobilizar a população para a guerra... O rádio foi um dos principais meios de comunicação para a propagação de composições nacionalistas e que exaltavam os soldados brasileiros que já haviam ido ou mesmo aqueles que estavam indo lutar na Europa... Na Europa, os expedicionários também utilizavam a música para “esquecer” os ataques e as tristezas do seu dia a dia na guerra. Assim, além das músicas oficiais que eram tocadas pela Banda da FEB (Força Expedicionária Brasileira) ou as músicas trazidas do Brasil, ou ainda as estrangeiras, os soldados também criavam canções.[18]

Inúmeras fontes iconográficas, entre outras, registram as atividades musicais da Banda de Música Divisionária, suas frações, conjuntos e grupos musicais, bem como, dos demais integrantes da 1ª DIE no cotidiano da FEB, sejam em suas viagem, em destino para a Itália, sejam na vida castrense dos acampamentos, bases, no front, como também, nas cidades italianas que ocuparam, desenvolvendo assim, o seus *ethos musicalis popularis, militaris et para bellum*

18 Segundo Silva (2016) o LP “Expedicionários em Ritmos”, uma das poucas fontes da música dos pracinhas, foi gravado após a guerra, em 1966, com o repertório das canções – sambas, emboladas, marchinhas... compostas pelos pracinhas no front, em treinamento, nas tréguas dos combates... Cf. SILVA, Ester Gonçalves da. O que era cantado nos campos de batalha pelos soldados brasileiros na segunda guerra mundial: O LP “EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS” (1966). Monografia, Curso de Licenciatura em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, 2016 p.6.

Figura 4 – Banda de Jazz - Fração da Banda de Música Divisionária – Tropa Especial

Fonte:www.google.com/imgres?imgurl=https://images.app.goo.gl/QPB6bmrAcDfdN2QR7

De acordo com Silva (2016, p.39), o Serviço Especial foi criado, com a finalidade de "[...] cuidar da diversão, hospedagens e outras atividades dos expedicionários brasileiros... [...]". Neste sentido, a Banda de Música Divisionária da FEB pertencia também ao Serviço Especial e, por intermédio de suas frações de bandas de música orgânicas e Jazz Band, cumpriu muito bem o seu papel:

.

> A Banda de Música executava hinos, dobrados e marchas militares habituais; trechos de obras de música erudita como de "O Guarani" (de Carlos Gomes); e arranjos de música popular, como de "Aquarela do Brasil" (Ary Barroso) [...]. Consta que este conjunto teria realizado mais de uma centena de programas; isso só pode ser considerado verdade caso se incluam as atuações de duas subunidades informais: o Coral Sacro, formado por elementos do 11º RI, e a Banda de Jazz da FEB (ou Jazz Band, ou Banda do Serviço Especial) [...]. (SILVA, 2016, p. 33)

## 6.1. Ethos musicalis popularis – la barcarola do Tio San

A bordo dos navios americanos de transporte de tropas[19], os músicos militares se enturmaram com os demais companheiros e irmãos de armas para praticarem música, nas horas de folga que eram permitidas, realizando assim, apresentações de

19 Os navios americanos de transporte de tropas que transportaram a FEB foram: 1º Escalão – "Gen Mann"; 2º Escalão – "Gen Mann"; 3º Escalão – "Gen Meigs"; 4º Escalão – "Gen Meigs" e 5º Escalão– "Gen Meigs".

repertório de música popular brasileira[20], com música vocal e instrumental[21], durante toda a viagem, seja no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º Escalões... cantavam o repertório da MPB de época e, de acordo ainda com Silva (2016, p. 33) até mesmo as "[...] canções exaltadoras que foram criadas antes da guerra acabaram por se tornar canções guerreiras, e tal foi o caso de Aquarela do Brasil, escrita em 1939 por Ary Barroso, a mais ouvida nos anos de guerra." Neste período de viagem, nascem às primeiras canções, sambas, marchinhas...

Figura 5 – Música febiana durante a viagem para a Itália

Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://images.app.goo.gl/Hbh1CZJgUwL4UzzB7

## 6.2. A música castrense e no front – ethos musicalis militares

A Banda de Música Divisionária participava das atividades militares normais do cotidiano militar da vida castrense, no acampamento base da 1ª DIE, bem como, de suas OMs subordinadas, como formaturas, treinamentos, guarda de honra, sepultamentos, apresentações, entre outras. Neste sentido, o efetivo de 200 (duzentos) músicos da Banda de Música Divisionária foi dividido em seções de Bandas de Música Orgânicas, com o escopo de atender, concomitantemente, todas as necessidades de ordem militar e civil. Binder (2006, pg. 15) cita Camus (1976, p. 3), quanto às funções e seus objetivos da banda de música militar nas atividades castrenses, possui as seguintes funções, a saber:

20 De acordo com Tinhorão(1998, 289-304) executavam todo o tipo de forma musical da MPB, como samba, samba canção, choro, marchinhas, emboladas, etc. Cf. TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Editora 34, 1998.

21 Inúmeras iconografias nos revelam que utilizaram instrumentos musicais característicos da Música Popular Brasileira – MPB, como violão, banjo, cavaquinho, pandeiro, afoxé, cuíca, atabaque...

> a) desenvolver o espírito de corpo e o moral da tropa, b) auxiliar nas tarefas de campo, c) prover com música cerimônias militares e d) prover com música atividades sociais e recreativas.

O repertório de música militar executada se consistia nos hinos pátrios, canções, marchas e  dobrados, como, por exemplo, Avante Camaradas, Batista de Melo, Saudades de Minha Terra e Quatro Dias de Viagem. Segundo as iconografias, os músicos militares se enturmavam com os demais militares da FEB, para realizarem apresentações com músicas populares brasileiras, inclusive, suas próprias composições, que veremos abaixo, para o efetivo de folga, de forma voluntária, realizando assim, confraternizações e estreitando os laços de camaradagem que os uniam como verdadeiros irmãos.

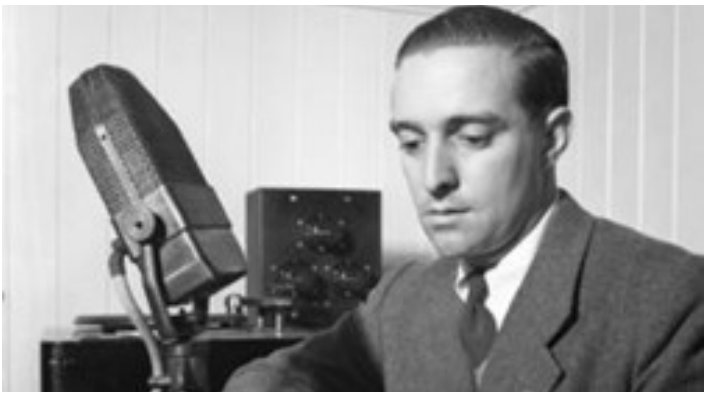
> A Banda de Jazz (trombones, saxofones, pistons, banjo, bateria, pandeiro, sousafone e violoncelo) era dirigida por Milton Vieira Galvão. Além das apresentações "normais", das transmissões de rádio e das gravações para a BBC, o grupo subia em um caminhão e ia até próximo ao front, onde descia as laterais do veículo transformando-o em um palco-móvel. Seus shows mesclavam música cívica com a popular nacional e internacional [...]. Às vezes eram acompanhadas de um grupo vocal masculino à maneira dos grupos norte-americanos, que também interpretavam as canções compostas pelos veteranos. Silva (2016, p.39)

Figura 6 – Música febiana no aquartelamento na Itália

Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://f.i.uol.com.br/fotografia/2017/10/17

### 6.3. A música dos pracinhas nascida do front – ethos musicalis para bellum

Figura 7 - Francis Hallawell - "Chico da BBC"



Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://fotografia/2009/25/04

Cabe ressaltar que a música dos pracinhas nascida no front, nos acampamentos, bases... como os sambas, marchinhas, emboladas... teve, indubitavelmente, um papel importantíssimo para a elevação da moral, disciplina, espírito de corpo, combatividade, enfim, da tropa brasileira. Esta música fez um tremendo sucesso na época, se imortalizando na história, graças ao trabalho do "Chico da BBC" – Francis Hallawell[22] que, segundo Silva (2016, p. 40) colaborava "com o Serviço Especial da FEB e o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), colocando em seu noticiário - Nossa Terra, músicas brasileiras mescladas com as falas sobre os acontecimentos da guerra" por meio do programa radiofônico especial, pela BBC, que apresentava a execução músicas dos pracinhas, como, Heróis da Retaguarda, Onde eu vi muito tedesco, entre outras[23]. Essas composições foram gravadas especialmente, pela BBC de Londres, com diversos militares do Regimento Sampaio, a tal equipe carioca da FEB, no acampamento em Francolise, na Itália e, retransmitidas na Itália e no Brasil. O conjunto musical era formado pelos próprios compositores, em sua maioria, pelos 3º Sargentos Serafim José de Oliveira, Ary Carvalho Vasconcellos, Quialdo A. Lemos; Cabos Walther Gomes, José Augusto Nogueira, Nilson W. Braga, Aroudel L. da Silva, Ermínio Pacheco de Resende e, os Soldados Natalino Cân-

22 Francis Hallawell, conhecido como "O Chico da BBC", era brasileiro, gaúcho, filho de ingleses, engenheiro, funcionário da Empresa Inglesa Metropolitan-Vicher, contratada para eletrificar a Rede Ferroviária da Central do Brasil, na década de 1940. Foi voluntário para o serviço militar inglês, e, após ser dispensado, foi trabalhar como locutor na BBC de Londres e, posteriormente, como correspondente de guerra da BBC de Londres, junto ao grupo de correspondentes da FEB, apresentando programas de música pela BBC na Itália e no Brasil, com o repertório de músicas dos pracinhas, em especial. Cf. <https:www.bbc.com> brasil – 43389816.

23 De acordo com Silva (2016, p 46) são exemplos de músicas transmitidas pela Rádio BBC:TEDESCO EU QUERO VER (S. J. Oliveira); HERÓIS DA RETAGUARDA (Pieri Junior); SORRINDO E CANTANDO (Pieri Junior); A LOURDINHA ESTÁ CANTANDO (Natalino Cândido), entre outras.

dido da Silva, Pieri Junior e Elpídio Viana.[24] SILVA (2016, p.55) cita também outra canção de Natalino C. S., uma embolada, referente à conquista do Monte Castello - Onde eu vi muito tedesco:

> Mas onde eu vi muito tedesco
> Foi no monte Castelo
> Onde eu vi muito tedesco
> Foi no monte Castelo
> Subindo ao monte encontrei Sinhá Lurdinha[25]
> Estava toda afobadinha...
> Vinha um tal de 88...[26]
> Mas eu também que conduzia o meu 60...[27]
> O 105 atirava com afinco...[28]
> E até mesmo a CPP com a 81 em posição...[29]

### 6.4.Ethos musicalis italiano - La música populare – concerto à italiana

De acordo com Silva (2016) a Banda de Música Divisionária desenvolvia também, atividades musicais no seio da sociedade italiana, da mesma forma que as bandas de música italianas na época e, de acordo com as iconografias, atividades estas realizadas nos locais por onde a 1ª DIE atuou, realizando apresentações no seio da população, das inúmeras cidades, povoados, vilas...

> Entre as músicas estrangeiras não faltavam "Funiculi" (Giuseppe Turco e Luigi Denza) [...], "Lili Marleen" (Hans Leip e Norbert Schultze) [...] e "Deus Salve a América" (Irvin Berlin). (SILVA, 2016, p.40)

Entretanto, segundo Silva acima (2016, p.40), os concertos realizados pela Banda de Música Divisionária, bem como, pelas suas frações de bandas de música nas comunas italianas utilizaram repertório de música popular italiana, canções

---

24 Os soldados Pieri Junior e Elpídio Viana imitavam, por meio de vocalize, o trombone e o trompete, respectivamente, com perfeita entonação, timbre e ritmo.

25 Lurdinha – apelido dado pelos pracinhas às metralhadoras alemãs Machine Gewer MG 34 e a MG 42. Cf. Abril Coleções (Org.) in: Coleção Armas de Guerra. Armas portáteis 1870-1950, Vol. 15, São Paulo: Abril, 2010, Vol. 15, 2010, pg. 107-108.

26 O 88 – apelido dado pelos pracinhas ao lendário canhão antiaéreo FlugZeugAbwehrKanone Flak 18, calibre 88 mm, de múltiplo emprego. Cf. Abril Coleções (Org.) in: Coleção Armas de Guerra. Artilharia 1850-1945. Vol. 13, São Paulo: Abril, 2010. Vol. 13, 2010, pg. 52-53.

27 105 – apelido dados pelos pracinhas ao canhão de campanha LechtFeldKanone calibre 105 mm. Cf. Ibidem, Vol. 13, 2010, pg. 76-77.

28 O 60 – apelido dado pelos pracinhas ao seu morteiro americano M1, calibre 60 mm. Cf. Ibidem, Vol. 13, 2010, pg. 113.

29 O 81 – apelido dado pelos pracinhas ao seu morteiro americano M27/31, calibre 81 mm. Cf. Ibidem, Vol. 13, 2010, pg. 116.

napolitanas consagradas na época, com Torna Surriento... bem como, de peças do repertório erudito, como La Pátria, Vá Pensieiro (G. Verdi), músicas de caráter nacionalistas.

## 7 GRAN FINALE

*Coda*

> "O pracinha brasileiro é o soldado que luta a mais alta das lutas sorrindo e sim, cantando também. Que vence os obstáculos e as asperezas da campanha, extraindo de cada dificuldade uma pilhéria, de cada vicissitude uma anedota. São estas pilhérias, improvisadas dentro do próprio perigo. É uma capacidade de contar, como anedota, os lances trágicos e instantes difíceis... é essa capacidade de esquecer a guerra, no minuto preciso do seu esforço que se pode chamar de moral excelente do soldado brasileiro [...]" Francis Hallawell[30]

A participação da Banda de Música Divisionária no cotidiano da vida castrense no Teatro de Operações da Campanha da FEB, como também, nas comunas italianas, ultrapassou os parâmetros normais de uma simples atividade de música militar, muito mais que isto, mas se constituiu como um verdadeiro instrumento institucional de comunicação social da FEB e, de extrema importância para todos os militares da 1ª DIE, bem como, para o povo italiano, estendendo-se aos aliados e, até aos prisioneiros de guerra. Neste sentido, a Banda de Música Divisionária se fez presente em todos os momentos possíveis e necessários no cotidiano, seja nas cerimônias militares como formaturas, guardas de honra... treinamentos, sepultamentos.

> A base real de um exército é o seu espírito de corpo e esse espírito grupal, em cada unidade, não pode nascer num curto período de incorporação de recrutas... Foi o espírito grupal que fez vitoriosos os exércitos de Alexandre Magno e de Roma... que prima por seu spirit de corps...[31]

Já no cotidiano das comunas italianas, fez-se também presente, de forma indelével, executando especialmente repertório de músicas italianas, canções napolitanas, musica popolare italiana, aproximando ainda mais as tropas brasileiras com a população local, onde os militares brasileiros foram acolhidos como verdadeiros *fratelli, il soldati brasiliani libertatori di mostra terra, il nostro popolo dalla schiavitù... ma, conquistatori del cuori, afetto, anima, vitta... della popolazione italiana*.[32]

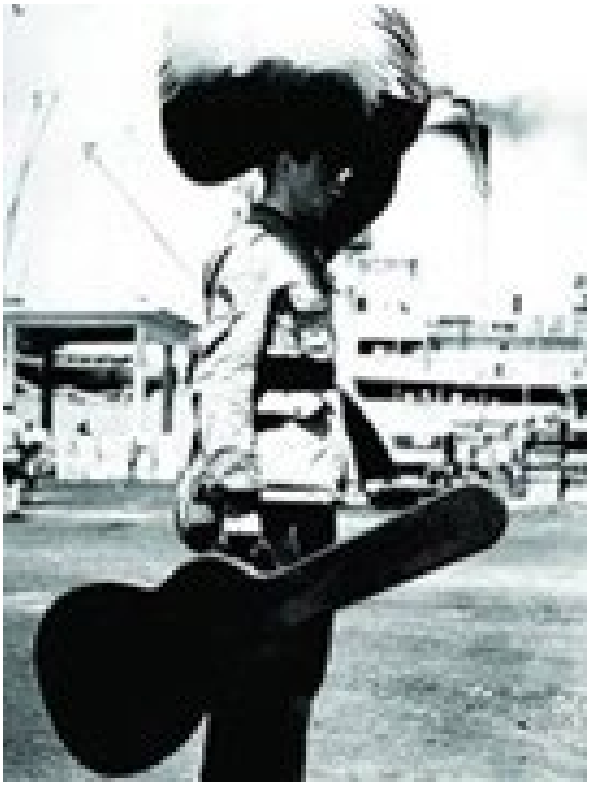
---

30 Gravação da voz do Francis Hallawell, - "O Chico da BBC", no Programa - Nossa Terra da Rádio BBC de Londres. . Cf. <https:www.bbc.com> brasil – 43389816.

31 Cf. MEIRA, Antonio Maria & SCHIRMER, Pedro. Música militar e banda de música: origem e desenvolvimento. Rio de janeiro: Estandarte, 2000. p.49-50.

32 "[...] irmãos, os soldados brasileiros, libertadores de nossa terra, do nosso povo da escravidão... mas,

Figura 8 – O pracinha com seu material para a guerra e o seu violão para a paz



Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://f.i.uol.com.br/fotografia/2017/10/17

## *Ethos musicales – teoria dos afetos*

> Uma Banda... traz recordações, acelera as associações, abre e une os corações dos homens com mais eficácia que as outras exortações. As canções que toca e as palavras que as acompanham podem parecer muito afastadas do heroísmo ou da devoção mas o seu poder mágico e estimulante pode levar a alma dos homens a compreender certas verdades de que suas mentes duvidariam (...) Mais do que isso, ninguém, nem mesmo o Ajudante, pode dizer ao certo onde vive a alma do batalhão mas a expressão dessa alma é, na maioria das vezes, encontrada na banda. Rudyard Kipling[33]

conquistadores do nosso coração, afeto, alma, vida... da população italiana." Tradução nossa.

33 Rudyard Kipling, Prêmio Nobel de Literatura – 1907 foi escritor e autor de inúmeras obras literárias e poéticas, como, por exemplo Baladas da Caserna, (Meira & Schirmer, 2010, pg. 51).

Figura 9 – Desfile Militar da FEB e sua Banda de Música Divisionária na Itália

Fonte: www.goodreads.com/group”>book> on Goodreads.

Em síntese, cabe refletir que, de acordo com o pensamento de Keegan (2003)[34], com o advento dos exércitos nacionais, já na 1ª Guerra Mundial, formados, em suas bases, por recrutas oriundos dos diversos segmentos sociais, os soldados-cidadãos[35] em substituição dos exércitos de mercenários, os quais estes eram pagos com altas somas de riquezas pelos seus estados contratadores, houve a extrema necessidade por parte das novas nações-estados de desenvolverem valores diferentes, no inconsciente coletivo da tropa desse novo exército nacional, popular (JUNG, 1990)[36], de suas novas forças armadas, valores estes que viessem a contribuir com a disciplina, espírito de corpo, lealdade, amor à pátria... ou seja, não mais os valores antigos... ao pagamento dado aos exércitos de mercenários como oo direito ao butim de guerra, ao saque, escravos, altas somas de dinheiro, ouro, prata, pedras preciosas,... ou seja, os antigos valores de riqueza, poder, enfim, que faziam movimentar exércitos de mercenários à guerra..., mas sim, valores de caráter imaterial, como o nacionalismo acerbado, o amor à pátria, à bandeira nacional, ao povo, a liberdade, a terra... o sacrifício da própria vida... como objetivo maior de conquista para esses novos militares, soldados-cidadãos, exércitos populares, mesmo porque os países já estavam saindo do modelo de estado feudal, se projetando no modelo do Estado Moderno. Neste sentido, as bandas de música, por meio do repertório de música militar e patriótica, em especial, foram também verdadeiros instrumentos disseminadores desses valores

34 O britânico John Keegan é um dos principais historiadores militares da atualidade. Dono de uma vasta obra destaca-se por introduzir nos estudo dos fatos e fenômenos militares a discussão de valores e análise dos homens em guerra. Valoriza o contexto sócio-político e introduz instrumentais sociológicos e antropológicos para o estudo do seu objeto de pesquisa – a “cultura” da guerra.

35 Ojeda (2015), citando Ferraz(2012) quanto ao conceito soldado-cidadão, revela: “Pela expressão cidadão-soldado entende-se o indivíduo que, ao prestar o serviço militar – na paz ou na guerra – por um determinado período à sua pátria, adquire a qualificação de sua cidadania por meio do “tributo de sangue.” (FERRAZ, 2012, p. 45)

36 Quanto ao conceito de inconsciente coletivo Cf. JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

imateriais possibilitando assim, reverter o caráter dos conflitos... agora, um embate de caráter moral, filosófico, ideológico e político... onde, a luta, não será mais como as antigas guerras, para a conquista de terras, riquezas, butins..., para os seus reis e rainhas, imperadores, príncipes... mas sim, para a conquista da honra, da paz, da liberdade...

> Segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm, o mundo contemporâneo é resultante de uma dupla revolução, os efeitos combinados da Revolução Francesa e da Revolução Industrial... Em relação à primeira, teríamos o advento e desenvolvimento do vocabulário político moderno (direita e esquerda), a linguagem e prática da cidadania, da política de massas, da constituição do campo dos direitos civis, enfim, o mundo das ideologias e, principalmente, o desenvolvimento da idealização/realização da Nação e do Nacionalismo. Entendida como momento histórico do fortalecimento e expansão do Estado Nacional Moderno, a Revolução Francesa transforma todos os antigos súditos em "filhos da pátria" (como expresso nos versos da Marselhesa, o verdadeiro hino do longo século XIX). Desponta, o Nacionalismo militante, que para virar beligerante não necessita mais do que poucos passos de marcha acelerada. (PARISI, s/d, p.2)[37]

Portanto, a Banda de Música Divisionária da FEB, e suas frações de bandas de música orgânicas, conjuntos e grupos musicais, por meio de seus ethos musicais, constituíram em um verdadeiro instrumento de comunicação social, unindo os soldados-cidadãos brasileiros da Força Expedicionária Brasileira, com um excelente espírito de corpo, disciplina, combatividade, moral, ufanismo, enfim, valores imateriais estes, que os possibilitaram tão somente, a galgar as duras situações da frente de batalha, como as intempéries, barragens de artilharia, armadilhas, campos minados, rajadas de metralhadoras... e, toda sorte de cenas de horrores próprios de uma guerra, como, camaradas mortos e feridos, destruição generalizada, mas sim, vencerem as tropas alemãs e italianas, em inúmeras batalhas, conquistando a admiração e respeito das tropas aliadas, bem como do povo italiano e de seus próprios inimigos.

## 8. CONCLUSÃO

*Finale*

> Acredita-se que é vasto os seus efeitos sobre as emoções e desejos do homem, e os pesquisadores estão apenas começando a suspeitar-lhe da extensão da influência até sobre os processos puramente intelectuais e mentais... Em outras palavras, a mú-

37 Quanto ao pensamento de Maurício Orestes Parisi sobre o nacionalismo, no Artigo - A GUERRA NO "LONGO SÉCULO XIX" :TEORIAS DA GUERRA E ANÁLISE HISTÓRICA Cf. <www.diversitas.fflch.usp.br>

> sica também pode representar um papel muito mais importante do que a maioria das pessoas, até agora, propendeu a crer. Os poderes da música são multifacetados, às vezes misteriosamente potentes e, até agora, não de todo compreendidos. (TAME, 1988, pg.13)[38]

De acordo com Tame (1988)1, a música, tanto de gênero instrumental, como vocal ou mesmo mista, instrumental e vocal, seja de estilo erudita ou popular - militar, patriótica, religiosa, profana... enfim, os seus efeitos sobre o comportamento do homem, os seus poderes de influência nos aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores, biológicos, bioquímicos ..., morais, espirituais do homem são reais, concretos, fatuais e notórios, registrados na história de suas civilizações, desde a Antiguidade Clássica, até os tempo modernos (CANDÉ, 1994.). Portanto, no presente trabalho foram expostos os mais variados assuntos do objeto de pesquisa - A Banda de Música Divisionária da FEB, nos diversos capítulos, por meio de uma epistemologia convergente (VISCA, 1987)38, concatenando cada capítulo, cada assunto, um a um, formando assim, um constructo sobre a origem, importância e as atividades no cotidiano da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações na Campanha da Itália, durante a 2ª Guerra Mundial, com os mais variados aspectos constitutivos deste fenômeno histórico.

Concluímos que é inegável a importância da participação da Banda de Música Divisionária da 1ª DIE – FEB no Teatro de Operações da Campanha da Itália, no que tange as suas atividades no cotidiano da vida militar dos nossos pracinhas, bem como, no seio civil da população italiana. Portanto, é de fundamental importância realizar pesquisas futuras sobre as atividades da Banda de Música Divisionária da 1ª DIE – FEB no Teatro de Operações da Campanha da Itália, pois, de acordo com Neto (2009, pg. 100), não resta dúvida de que "[...] o cotidiano dos pracinhas, além de complexo e inexplorado, resguarda elementos ainda desconhecidos[...]", com o escopo de enriquecer a História Militar Brasileira, com novos fato, de forma a possibilitar o conhecimento mais profundo sobre este objeto de estudo, neste campo de pesquisa e, com isto, evitando também assim, o reducionismo histórico, limitando, assim, apenas a participação das unidades divisionárias da FEB no front, incluindo também, neste sentido, os demais elementos de Tropa Especial e Órgãos Não Divisionários, tema da Comunicação nº 17, do VIII Seminário Nacional sobre a Participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial – SENAB – 2ª GM 2019 – Atuação da FEB na Itália com seus elementos de Tropa Especial e Órgãos Não Divisionários, promovido pelo DPHCEx.

38 Quanto à influência da música sobre o homem e sobre a sociedade - o ethos musicales – teoria dos afetos, Cf. TAME, David. O poder oculto nada música. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

## REFERÊNCIAS


ADAM, Joselir N.G. & VALLE, José N. Linguagem e estruturação musical. Curitiba: Beija-flor, s/d.

ABRIL COLEÇÕES (Org.) in: Coleção Armas de Guerra. Artilharia 1850-1945. Vol. 13 e 15, São Paulo: Abril, 2010.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

BINDER, Fernando Pereira. Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BOUDON, Raymond. A ideologia. São Paulo: Ática, 1989.

CAMUS, Raoul F. Military music of the American Revolution. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1976.

CANDÉ, Roland de. A música: linguagem, estrutura e instrumentos. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. História universal da música. São Paulo: Martins Fontes, 1º e 2º volumes, 1994.

CARVALHO, L. P. Macedo. Força Expedicionária Brasileira: 60 anos. Verde Oliva, Brasília, ano 22, n.185 p. 16-21, jul/ago/set. 2005.

CARVALHO, Mário Vieira de. A música e a luta ideológica. Lisboa: Estampa, 1976.

FERRAZ, Francisco César Alves. A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Tese de doutorado. São Paulo, 2003.

HENRIQUE, Luis. Instrumentos musicais. Lisboa: Gulbenkian, 1987.

HOBSBAWN, Eric J.A Era das Revoluções.(1789-1848). Rio de Janeiro. Paz e Terra. 5 ed. 1986 pp.17-20 e 37-42 In PARISI.

JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

KEEGAN, John. História ilustrada da primeira guerra mundial. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MAGGINI, Tomislav La Banda: la sua storia, il suo ruolo di sviluppo culturale e di aggregazione per i ceti popolari. Università degli studi di verona, Italia, Facoltà di lettere filosofia corso di laurea in scienze dei beni culturali Pg. 15-24, 2009.

MEIRA, Antonio Maria & SCHIRMER, Pedro. Música militar e banda de música: origem e desenvolvimento. Rio de janeiro: Estandarte, 2000.

OJEDA, Caroline Martins In: FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: MEMÓRIAS DE GUERRA E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES - 1 XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis/SC, Brasil, 2015.

PEREIRA, M. E. Você sabe de onde eu venho? O Brasil nos tempos de guerra (1942-1945). 2009. 148f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2009.

SANDER. Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SILVA, Ester Gonçalves da. O que era cantado nos campos de batalha pelos soldados brasileiros na segunda guerra mundial: O LP "EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS" (1966). Monografia, Curso de Licenciatura em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, 2016.

SILVA, M. A Educação brasileira no Estado Novo (1937/45). 1ª ed. São Paulo: Livramento, 1980, pg. 29.

SQUEFF, Enio & WISNIK, José Miguel. O nacional e o populat na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.

TALINA, João Carlos. A educação musical no Estado Novo: o orfeão de orfeu. Rio de Janeiro: Centro de Pós-Graduação do Conservatório Brasileiro de Música, monografia, 1990.

TAME, David. O poder oculto nada música. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Editora 34, 1998.

VESSELLA, A. Studi di strumentazione per banda. Milano: Ricordi, 1955.

Visca, Jorge. Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médica, 1987.

NETO, Anysio Henriques. A cobra fumou na Itália: os alicerces do cotidiano dos pracinhas brasileiros no front. Juiz de Fora, Relatório, CES/JF, 2009, p. 89 – 102.

<//pt.m.wikipedia.org>

<www.bbc.com> brasil – 43385807

<www.bbc.com> brasil – 43389816

<www.brasilmergulho.com.br>

<www.naufragios.com.br>

<www.sentpua.com. br>

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# A ENCENAÇÃO DA RENDIÇÃO DA 148ª DIVISÃO DE INFANTARIA ALEMÃ NA 2ª GM

Conselho Editorial da Revista da Academia de História Militar Terrestre do Brasil[1]
João Saboia[2]

Neste ano em que se completam 80 anos das grandes vitórias da FEB na península italiana, é importante relembrar os feitos vivenciados na Segunda Grande Guerra. E não somente isso, lembrar todas as enormes dificuldades enfrentadas pelo governo, pela FEB e por todos os militares que participaram daquele esforço hercúleo. Dentre os episódios mais importantes destacamos a Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã.

Este artigo, além de homenagear a FEB, tem por finalidade apresentar o trabalho fotográfico realizado pelo artista plástico João Saboia durante a Encenação da Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã à tropa brasileira, nos Campos de Batalha da Itália. O evento foi realizado na AMAN, no dia 01 de maio de 2019, na Abertura do VIII Seminário Nacional sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (VIII SENAB - 2º GM).

A atividade foi programada pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército e coordenado pelo Centro de Pesquisa em História Militar do Exército.

A encenação foi conduzida pelos Coronéis Claudio Scora Rosty e Claudio Luiz de Oliveira e a equipe da encenação foi constituída pelos integrantes da Asso-

1 Cel Carlos Roberto Peres; Cel Anvalgleber de Souza Linhares; Coronel João da Costa Paiva Filho; Coronel Antônio Carlos Simon Esteves; Coronel Durland Pupim de Faria; Coronel Alexandre Neves Lemos Esteves; Coronel Nery Oliveira Dornelles; Empresário Luis Renato Braganholo; e Professor Julio Cesar Fidélis Soares.

2 Nascido no Rio de Janeiro é descendente direto de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço. Formado em Comunicação Social, destacou-se em sua área de atuação na cidade de Resende, tornando-se Cidadão Resendense, Profissional Emérito e Amigo da AMAN. Atuante na área cultural foi recentemente condecorado com a Medalha do Mérito Cultural Claudionor Rosa, outorgada pela Câmara Municipal de Resende. Atuou em equipes da Xerox, TV Globo, Canal 100 e da Ouvidoria Geral da Prefeitura de Resende. Nas artes visuais participou de diversas exposições e recebeu vários prêmios com destaque para "Casa da Cultura Macedo Miranda", no Salão da Primavera do Museu de Arte Moderna de Resende. Nos seus mais de setenta anos de idade tem mais de 45 trabalhos fotográficos dedicados à Cultura e à Comunicação Social.

ciação Brasileira dos Preservadores de Viaturas Militares (ABPVM) e do Clube de Veículos Militares Antigos do Rio de Janeiro (CVMARJ). O evento foi ainda apoiado pelo Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e pela cadeira de História Militar da AMAN.

## 1 INTRODUÇÃO

Em primeiro de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha de Hitler, eclodiu a 2ª Guerra Mundial. Em seus aspectos destruidores, essa guerra estendeu-se em todas as direções, atingindo as nossas costas marítimas, quando submarinos alemães e italianos torpedearam nossos navios mercantes.

O Brasil foi, então, forçado a entrar na guerra ao lado das Forças Aliadas, contra as potências do eixo (Alemanha, Itália e Japão), criando, em 1943, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), sob o comando do General João Baptista Mascarenhas de Moraes. A FEB conduziu ao front italiano 25.334 homens, distribuídos em cinco escalões, iniciando sua atuação no dia 7 de setembro de 1944.

Tinha início, uma longa jornada de derramamento de sangue, heroísmo e sacrifícios, quando os Pracinhas provaram sua coragem, iniciativa e capacidade combativa, igualando-se aos melhores soldados do mundo.

Assim, superadas as dificuldades iniciais, foram conquistadas as regiões de Massarosa, Camaiore, Monte Prano, Barga e Monte Castello. Seguiram-se Castelnuovo di Vergato, Montese, Zocca, Colechio e Fornovo di Taro. Nessa última região, a FEB cercou e aprisionou a 148ª Divisão de Infantaria Alemã, sob o comando do General Otto Fretter Pico.

## A Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã

A rendição da 148ª DI Alemã teve inicio após a conquista de Montese, embora os alemães ainda tenham resistido por cinco jornadas naquela localidade. A ocupação de Zocca indicou uma nova etapa na Ofensiva da Primavera – o aproveitamento do êxito – que resultou na conquista da região do médio Panaro pela Divisão Brasileira. A ocupação de Vignola marcou o início da ação.

Ao estabelecer contato com o inimigo, na região próxima à localidade de Fornovo di Taro a FEB manteve encurraladas as forças do 3º Reich, que continuavam tentando romper as linhas de cerco e realizar uma retirada para o Oeste e, posteriormente, para o Norte, até chegar ao passo de Brenner, na fronteira italiana com a Áustria.

O comando da FEB ordenou o ataque, bombardeando o inimigo com a artilharia brasileira, enquanto os alemães revidavam com seus canhões. Na tarde do dia 27 de abril, o comandante do 6º RI, Coronel Nelson de Mello, aceitou o oferecimento do padre de Neviano di Rossi – Dom Alessandro Cavalli – para ser o mediador entre os contendores, solicitando que as tropas alemãs se rendessem, a fim de evitar mais derramamento de sangue.

Depois de muito diálogo, o comando alemão foi convencido a se render. A maioria dos oficiais alemães se mostrou favorável à rendição, desde que houvesse garantias. Finalmente, um oficial graduado alemão disse ao religioso: “Pastor, faça o favor de dizer ao comandante brasileiro que escreva as condições da rendição e depois volte aqui”.

Após os contatos com o General Mascarenhas, foi enviado um ultimato aos alemães. O texto, escrito em italiano pelo padre, era um apelo ao bom senso das tropas cercadas, já sem condições de reação.

Fig 1 a 3 - O Vigário nos contatos iniciais para a rendição

O vigário retornou com a seguinte resposta dos alemães: “Depois de receber instrução do comando superior, seguirá resposta”.

Fig 4 a 6 - O Vigário retorna com a proposta dos alemães.

Na noite do dia 28 de abril, teve início o processo de rendição, quando o Major Kuhn, representando o General Fretter Pico, apresentou-se no Posto de Comando brasileiro, sediado em Colechio, acompanhado de um sargento intérprete e de um tenente das milícias da S.S.: “Meu comandante disse que a guerra está perdida, que temos muitos feridos sem atendimento, que estamos gastando os últimos cartuchos para sustentar o fogo nesse momento e não temos comida. Queremos aproveitar a oportunidade de nos render aos brasileiros, porque sabemos que seremos bem tratados”.

Fig 7 a 9 - O Representante do Cmt Alemão no PC brasileiro.

Os entendimentos foram realizados no PC do 6º RI. Logo após, o Coronel Nelson de Mello deixou o PC e se deslocou para o Quartel General (QG) da Divisão, a fim de comunicar a decisão do comandante da 148ª DI alemã, sendo autorizado pelo General Mascarenhas de Moraes a receber a rendição incondicional.

## Negociação da Rendição

Os entendimentos se realizaram na noite do dia 29 de abril. Ficou estabelecido que as unidades alemãs se apresentariam às 13:00h, entregando, inicialmente, seus feridos, única exigência dos alemães, que foi aceita pelo comando da FEB, por questões humanitárias.

No horário marcado, apontou na estrada, ao sul de Ponte Scodogna, a primeira coluna de 13 ambulâncias repletas de feridos, que foram tratados e evacuados para Modena. Os demais combatentes se apresentariam aos postos de coleta de prisioneiros, sendo, mais tarde, conduzidos aos campos de concentração organizados em Ponte Scodogna e Felegara.

Cerca de 20 mil homens, a maioria da 148ª DI, além de integrantes da 90ª Divisão Panzer Granadier e de italianos da Divisão Bersaglieri (San Marco e Monte Rosa), foram encaminhados para grandes áreas descampadas da região de Ponte Scodogna.

Fig 10 a 12 – A Rendição da Div alemã.

No final da tarde de 29 de abril, após supervisionar todos os procedimentos e dando por encerrada a rendição das tropas alemãs e italianas, o primeiro comandante a se entregar foi o General Mário Carloni, com seus 18 oficiais do Estado-Maior.

Fig 13 a 15 – A Rendição do Cmt italiano.

O General Zenóbio da Costa o conduziu até o QG do V Exército de Campanha, em Florença.

Finalmente, às 18 horas do dia 30, foi a vez da rendição do comandante da divisão alemã com os 31 oficiais de seu estado-maior. O General Otto Fretter Pico foi entregue ao General Falconiére da Cunha para ser conduzido até a presença do General Mascarenhas de Moraes e, posteriormente, seguir para Florença.

Fig 16 a 17 – A Rendição do Cmt alemão.

O inacreditável aconteceu! Uma divisão inteira rendeu-se aos Pracinhas da FEB.

Fig 18 – A complementação da rendição.

O Alto-Comando aliado ficou surpreso com esse feito inédito e glorioso executado pela FEB. Na Itália, deixamos 451 mortos (oito da FAB), dos quais 13 eram oficiais. Fizemos 20.573 prisioneiros, sendo dois oficiais-generais, 892 oficiais e 19.679 praças.

## CONCLUSÃO

O General Mark Clark, Comandante do V Exército de Campanha, a respeito da manobra de nossa Divisão Expedicionária, no vale do rio Pó, afirmou que a rendição foi o coroamento de uma atuação magnífica da FEB.

Os pracinhas da FEB foram protagonistas de muitos feitos heroicos nos Teatros de Operação da Itália, garantindo, dessa forma, a liberdade e a democracia, embora que ao custo do sangue de nossos combatentes.

O prestígio e a consideração internacionais representam uma conquista que se mantém até hoje. Oferecemos ao povo italiano e ao mundo mais que uma contribuição, a certeza de nossa cooperação na hora da dificuldade.

A nossa participação na 2ª GM será sempre motivo de orgulho para o Exército Brasileiro e, ao mesmo tempo, representará a certeza da capacidade de atuação dos homens e mulheres fardados.

## BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, L. P. Macedo. Consequências e Reflexos da Participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Revista Military Review. Kansas, v. 85, p. 61-66, mar. 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HISTÓRIA ANIMADA http://www.forte.jor.br/2018/04/24/defesa-store-a-loja-on-line-das-forcas-de-defesa.

MAXIMILIANO, Cesar Campiani; GONÇALVES, José. Irmãos de Armas: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial. São Paulo: Códex, 2005.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. A FEB pelo seu comandante. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. BRASIL, Exército Brasileiro.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. A FEB por um soldado. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# AS PONTES DA FEB - A ENGENHARIA CONSTRUINDO VITÓRIAS

Paulo Gilmar Marques Berguenmayer [1]

O trabalho perpassará a inovação tecnológica da invenção da Ponte Bailey, a adaptação da Arma de Engenharia absorvendo novas doutrinas e os nossos soldados travando contato com equipamentos de combate, até então desconhecidos.

Iniciaremos com a primeira ação de combate da FEB, que foi a construção de duas pontes nos arredores de Pisa, no Vale do Rio Arno. Na sequência, foram construídas as pontes no Vale do Rio Serchio, que impulsionaram o avanço dos Aliados, liberando as primeiras cidades italianas por tropas brasileiras: Camaiore e Monte Prano.

Caracterizaremos as pontes que facilitaram o movimento das tropas na tomada de Monte Castelo, do baluarte alemão na defesa da Linha Gótica. Além de contar o fato histórico pouco conhecido da ponte e do Castelo Buonno Champagne, em Vignola, que não foram destruídos, tendo em vista a interferência providencial da nossa engenharia. Daremos destaque à última e maior ponte construída na Itália, a ponte Sargento Pires, denominada assim, em homenagem a um herói da FEB, um herói da Engenharia. Em suma, trataremos de Honra, Glória e Legado do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial, pontuando as pontes e seus nomes, as vitórias e seus heróis.

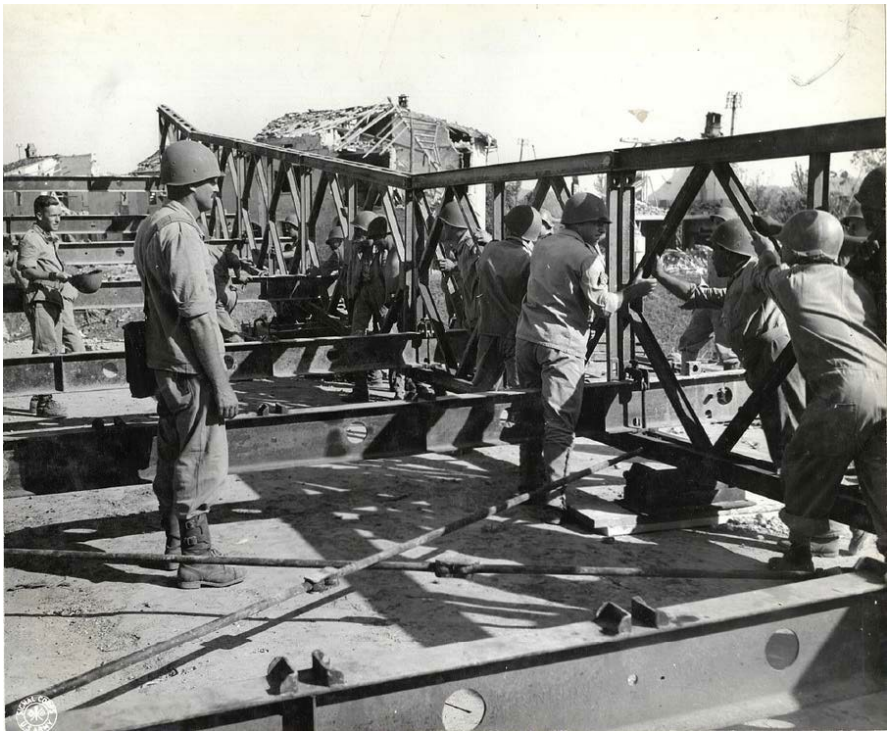
***A Cobra Segue Fumando!***

## 9º BATALHÃO DE ENGENHARIA: CRIAÇÃO E ADESTRAMENTO

O 9º Batalhão de Engenharia foi criado em 6 de outubro de 1942, sendo a sua organização inicial no 1º Batalhão de Engenharia no Rio de Janeiro, porém com sede definitiva na cidade de Aquidauana - MS. Foi designado para constituir a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária em 9 de agosto de 1943.

1 Coronel Veterano do Exército Brasileiro (Academia Militar das Agulhas Negras). Na Ativa, comandou o 30° Batalhão deInfantaria Motorizada de Apucarana-PR e a 15ª Circunscrição do Serviço Militar(15ª CSM). Ex-Professor da Academia Militar das Agulhas Negras e AssessorEspecial do Departamento de Engenharia e Construção da Força Terrestre.

Figura 01



O processo seletivo foi extremamente rigoroso, nos padrões norte-americanos, e trouxeram uma série de dificuldades no recrutamento, a fora isso, na mudança da doutrina francesa para norte-americana o número de novos especialistas para o recém-criado Batalhão de Engenharia chegou a 70% do efetivo total, tais como: operadores de tratores, suprimento de água, cartógrafos, mineiros, pontoneiros e uma série de outros elementos especializados para o cumprimento das missões. Vale ressaltar a importância da Escola de Instrução Especializada (EsIE) na preparação desses militares.

No primeiro semestre de 1944, já com o novo comandante nomeado, Tenente Coronel Machado Lopes, ficou acantonado na cidade de Entre Rios – RJ, finalizando o precário adestramento com equipamento escasso e poucos manuais traduzidos do inglês para o português.

Além disso, os oficiais que estavam sendo preparados e treinados no Forte Belvoir, nos Estados Unidos, no Centro de Treinamento de Substituição de Engenheiros, haviam chegado recentemente, a fim de repassar à tropa as novas técnicas de pontes e desminagem.

Tão logo desembarcam no continente Europeu iniciaram-se os cursos rápidos de minas, explosivos, pontes, tratores, cartografia e suprimento de água, na Escola de Engenharia do Teatro do Mediterrâneo dos Estados Unidos da América, em Dugenta, na Itália.

## BAILEY: A PONTE DA VITÓRIA

O Exército Britânico encomendou ao inventor inglês, Donald Bailey, um projeto de uma ponte que pudesse ser montada, construída de forma fácil e rápida, e pudesse suportar qualquer blindado e viaturas dos exércitos Aliados à época. Uma missão difícil, uma vez que o material a ser utilizado deveria ser rapidamente carregado em caminhões e deslocado para frente de batalha, construído sobre rios, brechas e pontes que tinham sido destruídas anteriormente pelos alemães.

Com a sua invenção, Donald Bailey possibilitou que os exércitos conseguissem dar celeridade nas suas ações e prosseguimento nas suas manobras. Sendo assim, a Ponte Bailey se mostrou extremamente eficaz nas operações em curso, nos vários teatros de operações da Segunda Guerra Mundial.

Foram construídas, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, cerca de 320 km lineares dessa ponte. Em termos de pontes construídas, os números são fantásticos: mais de 5.000 Pontes Bailey foram construídas em vários Teatros de Operações, somente na Itália foram 2.500. Nesse contexto, o nosso Exército Brasileiro, com o 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BECmb), em pouco tempo aprendeu a forma correta de construir e lançar as pontes no terreno, e assim conseguiu dar um apoio inestimável para as missões do V Exército dos EUA, no teatro de operações do Mediterrâneo.

Figura 02

## A 1ª AÇÃO DE COMBATE DA FEB: PONTES 7 DE SETEMBRO E ENTRE RIOS

O primeiro escalão do Batalhão de Engenharia era constituído pela 1ª Companhia de Engenharia de Combate e elementos da Companhia de Comando de Serviços. Comandados pelo Capitão Floriano Moller.

Figura 03

Figura 04

Após o período de treinamento a que foi submetida essa tropa, a 1ª Companhia recebeu a missão de cooperar com a Engenharia do V Exército dos EUA, em face do vulto dos trabalhos originados com a recente queda da linha de defesa Pisa-Firenze.

Durante os 18 dias em que a 1ª Companhia permaneceu à disposição do IV Corpo do V ExNA, de 4 a 12 de setembro de 1944, realizou-se a detecção de minas e reparação de 20 km de estrada, construção de uma ponte Bailey Dupla Simples,- classe 40, com 190 pés, em Monte Calvoli, Quadrícula 31 46 05, denominada 7 de setembro e também a construção de uma segunda ponte Bailey Dupla Simples, classe 40, com 140 pés, em Santa Maria a Monte, Quadrícula 34 16 25, denominada ponte Entre Rios.

Terminaram então as primeiras ações da Força Expedicionária Brasileira, no Vale do Serchio, em especial do 9º Batalhão de Engenharia de Combate.

Podemos ressaltar a construção de mais 10 Pontes Bailey, tais como:

1) A ponte 7 de setembro: a primeira ação de combate da FEB, construída entre os dias 6 e 7 desetembro de 1944 no canal Usciana, um afluente doRio Arno;
2) A Ponte Entre Rios;
3) A Ponte Lajes;
4) A Ponte Lagoa Vermelha;
5) A Ponte Itajubá;
6) A Ponte Aquidauana;
7) A Ponte Carioca;
8) A Ponte Cachoeira;
9) A Ponte General Dutra; e
10) A Ponte Tenente Knibbs: uma ponte de circunstância, construída com ferro e madeira,cujo nome foi dado ao oficial britânico, observador de Artilharia, que estava nos arredores no momento da construção dessa ponte, conversando com oficiais e sargentos brasileiros e, tão logo se despediu,caminhou cerca de 20 metros e uma granada de artilharia alemã explodiu nas proximidades, ferindo-o fatalmente. Os nossos soldados de Engenharia ainda tentaram fazer o resgate para retaguarda, num posto de saúde, mas o Tenente Knibbs veio a falecer, e como justa homenagem a tropa de Engenharia brasileira denominou essa Ponte com o nome do Tenente, sendo um ato de respeito a esse nobre oficial britânico.

Figura 05

As primeiras pontes construídas, as primeiras áreas desminadas, as primeiras cidades libertadas: a cobra começava a fumar no Teatro de Operações do Mediterrâneo honrando as tradições do Exército de Caxias.

Figura 06

Figura 07

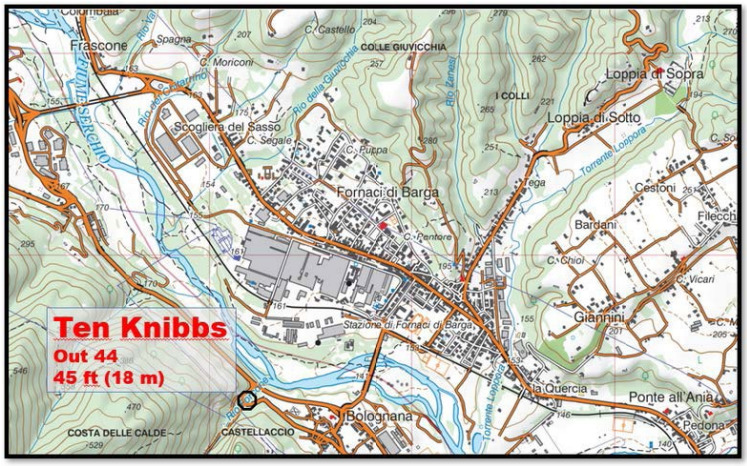



Figura 08

Figura 09

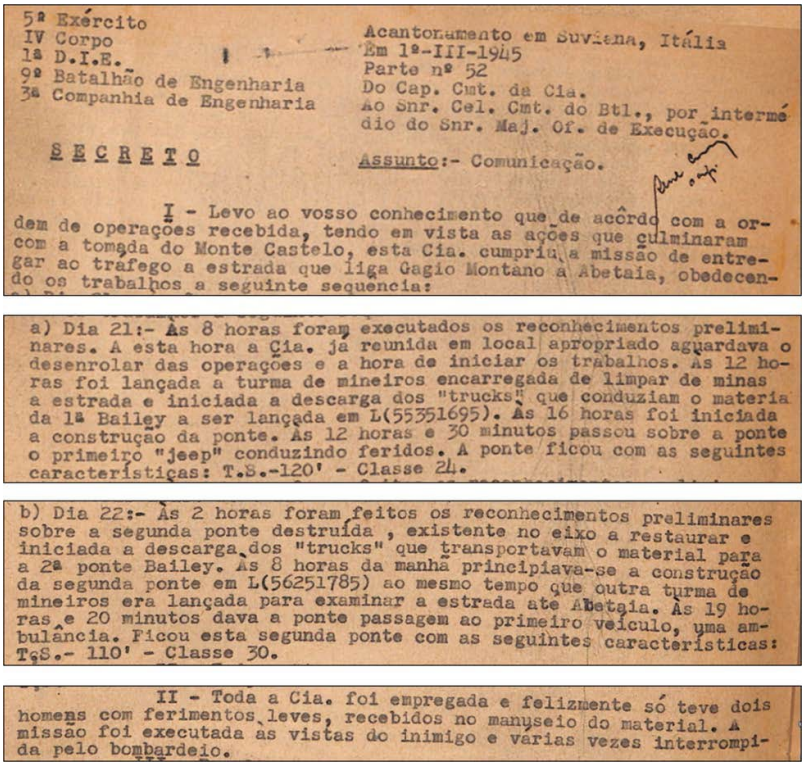
## AS PONTES DO 9º BE NO ATAQUE DE MONTE CASTELO

O desencadeamento do Plano Encore, em 17 defevereiro de 1945, esboçado pelo IV Corpo deExército, delineava a operação das grandes unidades para a ofensiva conjunta que deveria redundar na queda de Monte Belvedere e Monte Castelo. Interessante transcrever aqui o trecho desse plano de missão do IV Corpo de Exército: "uma primeira fase das operações vai apoderar-se da Crista de Monte Belvedere, Monte de Della Toraccia, Monte Castelo e a Crista de La Serra".

Missão da 1ª DIE: em ligação com a 10ª Divisão de Montanha apossar-se de Monte Castelo e das regiões de Ronconvechio, La Serra e Seneveglio. A Engenharia tinha a missão de levantar minas em benefício dos carros de combate, limpar o terreno, a retaguarda, o escalão de ataque do 1º RI, e restabelecer o tráfego na estrada Gaggio Montano-Malandrone, com a construção de duas pontes, em proveito do ataque ao Monte Castelo.

Figura 10

Figura 11



5º Exército
IV Corpo
1ª D.I.E.
9º Batalhão de Engenharia
3ª Companhia de Engenharia

Acantonamento em Suviana, Itália
Em 1º-III-1945
Parte nº 52
Do Cap. Cmt. da Cia.
Ao Snr. Cel. Cmt. do Btl., por intermédio do Snr. Maj. Of. de Execução.

SECRETO

Assunto:- Comunicação.

I - Levo ao vosso conhecimento que de acôrdo com a ordem de operações recebida, tendo em vista as ações que culminaram com a tomada do Monte Castelo, esta Cia. cumpriu a missão de entregar ao trafego a estrada que liga Gagio Montano a Abetaia, obedecendo os trabalhos a seguinte sequencia:

a) Dia 21:- Às 8 horas foram executados os reconhecimentos preliminares. A esta hora a Cia. já reunida em local apropriado aguardava o desenrolar das operações e a hora de iniciar os trabalhos. Às 12 horas foi lançada a turma de mineiros encarregada de limpar de minas a estrada e iniciada a descarga dos "trucks" que conduziam o materia da 1ª Bailey a ser lançada em L(55351695). Às 16 horas foi iniciada a construção da ponte. Às 12 horas e 30 minutos passou sobre a ponte o primeiro "jeep" conduzindo feridos. A ponte ficou com as seguintes características: T.S.-120' - Classe 24.

b) Dia 22:- Às 2 horas foram feitos os reconhecimentos preliminares sobre a segunda ponte destruída , existente no eixo a restaurar e iniciada a descarga dos "trucks" que transportavam o material para a 2ª ponte Bailey. Às 8 horas da manhã principiava-se a construção da segunda ponte em L(56251785) ao mesmo tempo que outra turma de mineiros era lançada para examinar a estrada até Abetaia. Às 19 horas e 20 minutos dava a ponte passagem ao primeiro veículo, uma ambulância. Ficou esta segunda ponte com as seguintes características: T.S.- 110' - Classe 30.

II - Toda a Cia. foi empregada e felizmente só teve dois homens com ferimentos leves, recebidos no manuseio do material. A missão foi executada as vistas do inimigo e varias vezes interrompida pelo bombardeio.

Tendo em vista as ações que culminaram com a tomada de Monte Castelo, esta Cia cumpriu a missão de entregar ao tráfego a estrada Gaggio Montano-Abetaia, obedecendo os trabalhos na seguinte sequência:

a) Dia 21 de fevereiro, às 8:00h, foram executados reconhecimentos preliminares. A esta hora, a companhia, já reunida em local apropriado, aguardava o desenrolar das operações e o momentode iniciar os trabalhos;

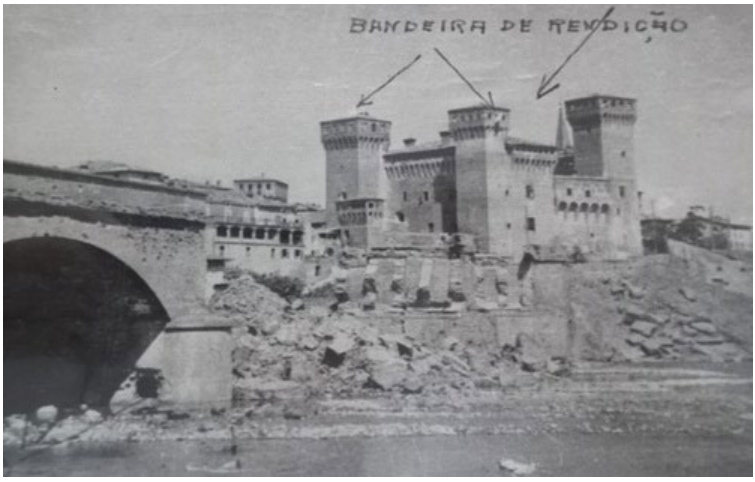
b) Às 12:00h foi lançada a turma de mineiros encarregados de limpar as minas da estrada, simultaneamente com a descarga dos caminhões que conduziam a primeira ponte Bailey a ser lançada na Quadrícula Lima 55 35 1695;

c) Às 16:00h foi iniciada a construção da primeira Ponte, e a meia-noite e 30 minutos já passava pela mesma, o primeiro Jeep conduzindo feridos. A ponte La Grilla ficou com a seguintes características: ponte Bailey tripla simples, 120 pés, classe 24.

d) No dia 22 de fevereiro, às 02:00h da madrugada foram lançadas as turmas para os reconhecimentos preliminares sobre o local da segunda ponte, em virtude da destruição da ponte existente, no eixo a restaurar, foi iniciada a descarga dos caminhões que transportavam material para essa segunda ponte Bailey, Gambiana. Às 08:00h, tinham início os trabalhos de construção da Ponte Quadrícula Lima 56 25 17 85, simultaneamente outra turma de mineiros era lançada para examinar a estrada até Abetaia.

e) Às 19:20h, do dia 22 fevereiro de 1945, a ponte já permitia a passagem ao primeiro veículo, uma ambulância transportando nossos valorosos infantes feridos. Ficou essa segunda ponte com as seguintes características: tripla simples, 110 pés, classe 130, toda companhia foi empregada. Felizmente, só dois homens tiveram ferimentos (leves) durante o manuseio da construção da ponte. A missão foi executada às vistas do inimigo e várias vezes a construção da ponte foi interrompida devido ao intenso bombardeio alemão.

Figura 12




## A PONTE NÃO DESTRUÍDA DO CASTELO BUONNO CHAMPAGNE

Em plena operação do êxito, recebemos ordem de transporte para o Rio Panaro, com o objetivo de tomar a cidade de Vignola, e articular-nos para prosseguir sobre o Rio Pó. A Engenharia do V Exército NA informou que todas as pontes sobre o Rio Panaro estavam destruídas e que provavelmente os seus vãos estariam rompidos.

Ao fazermos o reconhecimento especializado encontramos, em frente ao Castelo Buonno Champagne, que fechava o acesso à Vignola, uma ponte ainda intacta, mas já com os fornilhos prontos para receber os explosivos e onde os alemães trabalhavam febrilmente. Sem perda de tempo, montamos uma potente base de fogos com o armamento que possuíamos: metralhadoras, . 50, lança-rojão, e morteiro 40, e atacamos fortemente o Castelo Buonno, onde o inimigo alemão se alojava. Não resistindo ao intenso fogo das nossas armas, logo as bandeiras brancas indicaram o resultado do nosso ataque. Impedimos assim, que o inimigo colocasse as cargas explosivas nos fornilhos.

Atravessamos a ponte e aprisionamos um grupo de 12 soldados alemães, comandados por um subtenente de engenharia.

Imediatamente, a 1ª Companhia, sob o comando do Capitão Floriano Möller, ocupou Vignola, onde aguardamos a chegada da nossa Infantaria.

Figura 13

## A ÚLTIMA PONTE: AO HERÓI SARGENTO PIRES

Período imediato ao fim da guerra, de 9 de maio a13 de junho de 1945, foram realizados vários trabalhos da engenharia: reconhecimento da rede de estradas de todo o setor da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), sendo remetidos relatórios diários ao IV Corpo de Exército informando cada situação.

Verificou-se a necessidade da construção de uma ponte Bailey na Quadrícula K 47 17, sobre o Rio Tidone, e o reconhecimento induziu que fosse construída uma ponte com 240 pés, contínua, em 4 lances, sendo 2 de 70 pés e 2 de 60 pés, de classe 40, tipo duplas simples, na estrada 10.

Convém salientar, que foi a maior ponte construída pela Engenharia do IV Corpo de Exército e a última ponte construída pelo nosso Exército no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Foi também a única ponte tipo Dupla Simples de construção contínua realizada pelo 9º BE, e se tornou mais emblemática ainda porque foi denominada Ponte Sargento Pires, em homenagem ao nosso grande herói que tombou no dia 22 de fevereiro de 1945, logo após a tomadade Monte Castelo.

### O heroísmo do Sargento Pires

O Sargento Pires foi o primeiro colocado no curso de desminagem, em Dugenta, na Itália, um militar com virtudes excepcionais de liderança, capacidade técnica e arrojo.

Na missão que foi fatal para ele, no dia de 21 para 22 de fevereiro, o Sargento Pires, logo depois de ter passado à noite inteira fazendo a liberação de eixos de progressão para a nossa Infantaria, ao retornar no final da madrugada para o descanso, foi novamente chamado para uma liberação de casas para que a nossa Infantaria pudesse ocupar e se abrigar dos fogos da Artilharia alemã.

Figura 14

O Sargento Pires verificou o enorme risco da operação e se voluntariou prontamente para retornar, de maneira rápida, para região de combate. Tão logo chegou na região de Abetaia notou três casas muito bem armadilhadas, conseguiu liberar duas casas, informou ao comandante da Companhia de Infantaria que duas casas poderiam ser ocupadas, mas a terceira ardilosamente armadilhada, verificou que era quase impossível sua ocupação. Mesmo assim, cumpriria a missão e pediu que os seus homens do pelotão de desativação de bombas ficassem um pouco a retaguarda. Ele entrou sozinho para executar esta última missão.

Depois de conseguir desativar 4 ou 5 dispositivos explosivos, a casa acabou vindo abaixo com uma forte explosão, ali estava soterrado fatalmente o Sargento Pires, líder incontestável daquele pujilo de bravos engenheiros!

A derradeira ponte da Engenharia da FEB caracteriza um alto nível de adestramento alcançado pelo 9º BECmb abrangendo aspectos doutrinários e princípios de guerra estudados e perfeitamente concretizados, conferindo à nossa Engenharia excelência operacional e técnica.

O reconhecimento especializado de Engenharia, com as soluções propostas para a consecução das atividades, o croqui com letras e desenhos na cor vermelha, ressaltando cada tipo de intervenção para a execução dos trabalhos é um modelo primoroso de relatório expedito, simples e eficiente.

No posto de comando em Valença, em 12 de maio de 1945, a ordem secreta particular 95, designava a 2ª Companhia de Engenharia a seguinte missão, assinada por Afonso Lima - Major do 9ºBE oficial executivo:

1. A segunda companhia deverá construir uma ponte Bailey, classe 40, sobre a estrada 10 entre Piacenza e Stradela, no rio Tidone;
2. A ponte deverá ser construída aproveitando os suportes da ponte destruída, existente neste local;
3. Deverá ser feita a devida sinalização, na estrada, marcando a ponte;
4. Após o reconhecimento, esse posto de comando deverá ser notificado do material Bailey necessário à construção;
5. O serviço da construção da Ponte deverá ser iniciado em 14 de maio de 1945.

No relatório de trabalhos realizados pela 2ª Cia de Engenharia, assim foi descrito:

> Nos dias 3, 4, 5 e 6 de maio: transporte do 6 regimento de infantaria da região de Collechio para região de Toronto.
> No dia 7 de maio: deslocamento da 2 Cia Eng para Pontecurone.
> No dia 8 de maio: transporte do 6RI.
> Nos dias 15 e 16 de maio: construção de uma ponte Bailey, classe 40, de 260 pés, dupla simples com rampa de 20 pés, com dois vãos de 60 pés, e dois vãos de 70 pés, sobre o rio Tidone, na estrada 10 imediações de Rottofreno entre Piacenza e Stradelapla, enchimento de uma brecha de 30 pés,com emprego de arrimos de tela de arame no encontro da ponte civil destruída.
> Acampamento em Pontecurone,18 de maio de 1945.
> Assinado pelo Capitão Comandante da 2ª Cia Eng, Raul da Cruz Lima Júnior.

A primeira viatura a cruzar a ponte Sargento Pires foi uma ambulância da FEB transportando feridos para o Hospital de Campanha. O encerramento das atividades da Engenharia da FEB, em solo italiano, se aproximava, teríamos ainda a oportunidade de recuperar escolas e asilos na cidade de Valença.

Figura 14

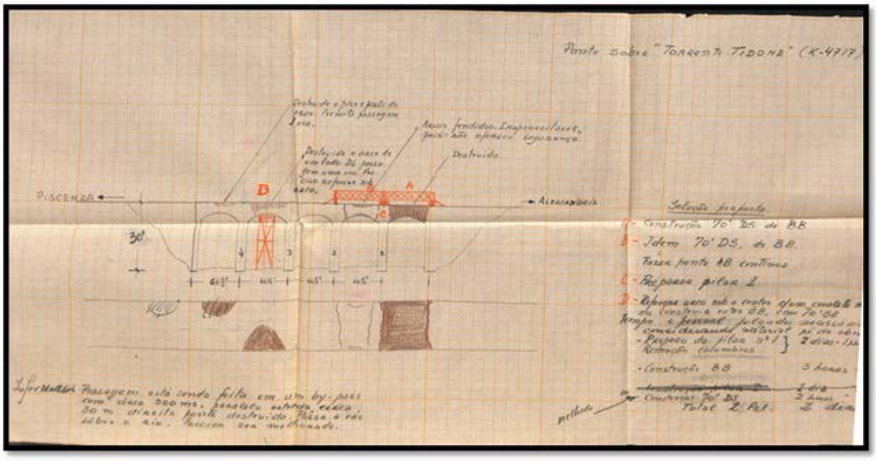


Figura 15

## HONRA, GLÓRIA E LEGADO

A pesquisa proposta apresentou as principais pontes construídas pela Engenharia da Força Expedicionária Brasileira, na Segunda Guerra Mundial, levantando documentos históricos e fontes primárias que permitiram localizar com exatidão a posição dessas estruturas no terreno, nos rios e obstáculos que foram transpostos em solo italiano, colaborando eficazmente para a vitória final.

Ficaram tácitos os atos de bravura e heroísmo, como frisou o coronel Machado Lopes: "sem desmerecer as Glórias e imorreduras de nossos maiores nos campos do Paraguai, uma demonstração muito grande de fibra e dos sentimentos de patriotismo de que é constituído o nosso povo, o nosso soldado".

O Legado que fica: um pioneirismo atávico, que passa de geração em geração, honrando os Heróis da Pátria, como ficou evidente nos dias atuais com a participação da engenharia na Operação Taquari II, montando pontes em prol da população que sofreu com as enchentes do Rio Grande do Sul, com a mesma técnica e abnegação de sempre.Como exaltava o ínclito Marechal Mascarenhas de Moraes: ***"A Engenharia da FEB não descansa".***

Figura 17

Figura 18

# AOS HERÓIS DA FEB

## 80 ANOS DA VITÓRIA NA ITÁLIA

Sede da
FHE e da POUPEX
Brasília/DF

A POUPEX tem orgulho de homenagear os valorosos soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que cumpriram a missão de lutar pela liberdade e pela paz com bravura e determinação.

A dedicação e o sacrifício de cada membro da FEB são exemplos eternos de honra e compromisso com a Pátria.
A cobra fumou!

**NOSSA MISSÃO**

Promover e facilitar o acesso à casa própria e contribuir para a melhoria da qualidade de vida de seus Beneficiários e Associados.

Acesse

POUPEX

poupex.com.br

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# CORREIO COLETOR SUL: 80 ANOS DA ATUAÇÃO DO SERVIÇO POSTAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA CAPITAL FEDERAL (1944-1945)

Florence Alencar Moreira[1]
Fabio da Silva Pereira[2]

## RESUMO

O estudo tem como objetivo analisar o efetivo, instalações e instruções para o Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos anos de 1944 e 1945, no território brasileiro. No tocante ao amparo metodológico, utilizamos a bibliografia e as instruções de como estudar correspondências como fontes históricas. As fontes históricas utilizadas nesse trabalho envolvem os relatórios confidenciais emitidos pelo Ministério da Guerra no Brasil e as instruções para a censura postal militar. O estudo pertence ao desenvolvimento de uma tese de doutorado a partir da consulta aos acervos do Arquivo Histórico do Exército Brasileiro, desenvolvendo-se um trabalho de cunho qualitativo e descritivo.

**Palavras-chave:** Força Expedicionária Brasileira. Correspondências. Censura postal militar. Segunda Guerra Mundial.

## ABSTRACT

The study aims to analyze the personnel, facilities and instructions for the Brazilian Expeditionary Force (FEB) Postal Service in 1944 and 1945, in Brazilian territory. Regarding the methodological support, we used the bibliography and the instructions on how to study correspondence as historical sources. The historical sources used in this work include the confidential reports issued by the Ministry of War in

1 Licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pós-graduada em História Geral e História do Brasil. Mestre e Doutoranda em História pela Universidade Salgado de Oliveira. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
2 Tenente-coronel do Exército Brasileiro, Chefe da Seção de Ensino A – História Militar, Relações Internacionais e Geopolítica na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Doutor em História pela Universidade Salgado de Oliveira e Université de Poitiers.

Brazil and the instructions for military postal censorship. The study belongs to the development of a doctoral thesis based on the consultation of the collections of the Brazilian Army Historical Archive, developing a qualitative and descriptive work.

**Keywords:** Brazilian Expeditionary Force. Correspondence. Military postal censorship. Second World War.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa está direcionada ao tema da organização e atuação da Força Expedicionária Brasileira, com recorte temporal nos anos de 1944 e 1945, no contexto da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo no Brasil. A dimensão espacial conecta as regiões do Brasil e da Itália, buscando esclarecer como funcionava o órgão não divisionário do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira. Após o início das pesquisas, foram encontradas no Arquivo Histórico do Exército (AHEx) novas fontes sobre o Correio Coletor Sul, que estava localizado na então capital federal, o Rio de Janeiro. Como resultado parcial, as fontes revelam que as instruções aplicadas no Correio Coletor Sul tinham relação direta com as rotinas do Correio Coletor Norte, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, e com o Correio Regulador, em Livorno, na Itália.

O direcionamento teórico da presente pesquisa busca desenvolver-se a partir da nova história militar, pois a entendemos como um "conceito histórico relativo e instrumental pautado por uma metodologia específica" (PARENTE, 2006, p. 64). O historiador Paulo Parente (2006, pp. 65-66) explica que essa nova metodologia do estudo da história militar vai além da narração de fatos da história batalha e nos permite dialogar com, dentre outras, a história política. A interpretação da guerra, segundo o autor, é vista de maneira diferente por variadas sociedades, sobretudo porque os acontecimentos militares poderiam interferir em suas características políticas, reforçando ou anulando-as (PARENTE, 2006, p. 66).

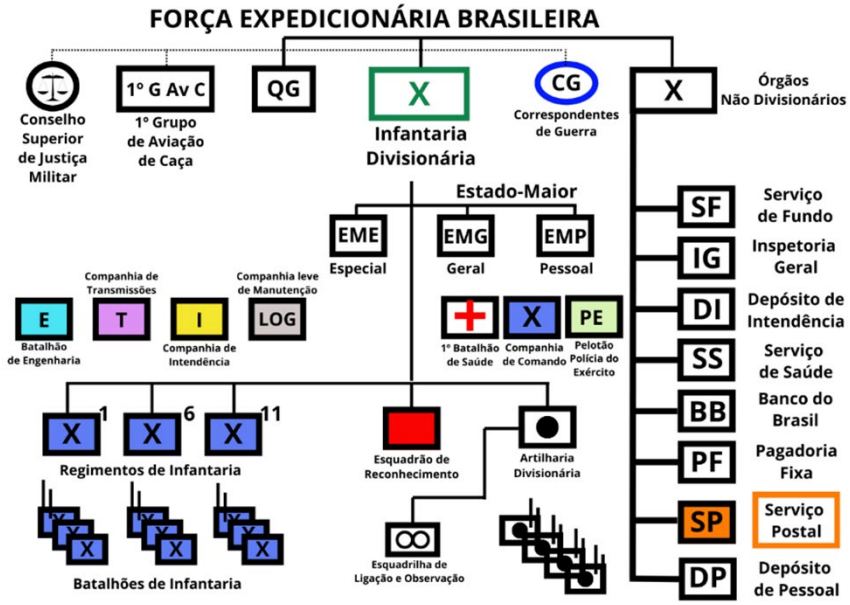
No cenário brasileiro, entendemos que nesse período "domina a cena o Vargas identificado com o ideário autoritário" (DINIZ, 1999, p. 23). Em nosso trabalho, a tomada de decisão do governante é representada através das práticas de atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), principalmente no campo da censura.

No contexto mundial, o Brasil declarava guerra ao Eixo através do Decreto-lei nº 10.358, em 31 de agosto de 1942 (BRASIL, 1942). Ao serem firmados os acordos em prol da aliança entre Brasil e Estados Unidos da América (EUA) "até o início de 1943, o Exército Brasileiro jamais tinha, formalmente, expressado qualquer desejo ou formalizado qualquer projeto de enviar tropas para lutar no exterior." (OLIVEIRA, 2015, p. 158) O Brasil, assim, entrava na guerra ao lado dos Aliados.

Como resultado de amplas negociações e tratativas, a FEB foi estruturada "em 09 de agosto de 1943 pela Portaria Ministerial nº 4.744" (RODRIGUES, 2019, pp. 41-42) (BRASIL, 1943), sendo composta pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e órgãos não divisionários. Este último, por sua vez, possuía outras

ramificações, e nos concentraremos, assim, no seu Serviço Postal. O organograma a seguir permite a visualização do Serviço Postal (SP) que está situado no canto inferior à direita, destacado na cor laranja.

Imagem 1 - A estruturação da Força Expedicionária Brasileira e o seu Serviço Postal




Fonte: EsPCEx, 2019, editado pelos autores.

A FEB foi enviada para a Itália e atuou por "239 dias em um contato contínuo com unidades inimigas: no período que correspondeu entre 06 de setembro de 1944 a 02 de maio de 1945" (MCCANN, 1995, pp. 337-338). Em número de convocados em seus escalões, estão: 1º Escalão: 5.075; 2º e 3º Escalões: 10.375; 4º Escalão: 4.691; 5º Escalão: 5.082; chegados por via aérea: 111; contando com um total de: 25.334 pessoas convocadas para a se juntar à FEB.

Aos 239 dias de contínuos combates no teatro de operações italiano, podemos ressaltar, conquistas e perdas, em termos de combates, nas localidades de: Camaiore, Monte Prano, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Zocca, Collechio, Fornovo, dentre outras. No Brasil, a troca de correspondências já não passava despercebida da atuação do DIP, que aplicava a censura nos mais diferentes meios de comunicação. A proibição da fala e da escrita nos idiomas alemão, italiano e japonês no território brasileiro, após a declaração de guerra ao Eixo em 1942, fez com que a censura em correspondências se fizesse presente no cotidiano e assim, no desenvolvimento de resistências com formas de driblá-la.

## 1 – A atuação do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira

Sendo um órgão não divisionário da FEB, o Serviço Postal foi criado pelo Decreto-lei nº 6.438 em 26 de abril de 1944 (BRASIL, 1944), tendo iniciado as suas atividades em 29 de julho do mesmo ano (BRASIL, 1944, p. 20). Esse órgão analisava todas as correspondências que eram postadas no Brasil, sendo destinadas ao pessoal da FEB, e aquelas enviadas pelos expedicionários que estavam na Itália à sua rede de contatos na terra natal.

No território brasileiro, as cartas recebiam rigorosa censura tanto no Correio Coletor Sul (no Rio de Janeiro, capital federal na época) quanto no Correio Coletor Norte (em Natal, Rio Grande do Norte), recebendo um fluxo das demais cidades brasileiras (BRASIL, 1944, p. 8).

O encaminhamento das correspondências no Brasil se subdividia para ter como ponto final esses dois Correios Coletores. Para chegar à censura do Correio Coletor Sul, o fluxo postal atendia aos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro (então capital federal) (BRASIL, 1944, p. 16).

Para o destino à censura do Correio Coletor Norte, o fluxo postal perpassava pelos seguintes estados: Rondônia, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Cabe ressaltar que existia a interligação entre esses dois Correios Coletores, e, para isso, as correspondências obedeciam ao fluxo entre os estados: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, e por fim, Rio Grande do Norte (BRASIL, 1944, p. 17).

Na Itália, também passavam pelo mesmo processo de censura postal militar, sendo essa a tarefa do Correio Regulador, instalado inicialmente no bairro de Bagnnoli na comuna de Nápoles. Posteriormente, se deslocou para a comuna de Civitavecchia; depois para a comuna de Piombino. Por último, se instalou definitivamente na cidade de Livorno, na costa oeste da Toscana. (BRASIL, 1944, p. 1)

Após o contato inicial com os manuais de instrução aos censores do Serviço Postal (BRASIL, 1944), identificamos que além de cooperar com as práticas do governo vigente, existia a orientação para que, se fosse preciso, as cartas fossem cortadas à tesoura, devolvidas ao remetente ou condenadas, ou seja, descartadas (BRASIL, 1944, cap. 4, p. 1).

Assim, passavam a ser orientados pelo DIP para não deixar passar nenhuma correspondência que relatasse questões políticas aos expedicionários ou quaisquer críticas ao governo vigente, sendo instruído que estas fossem cautelosamente analisadas, ainda mais pela ameaça da interceptação dos comboios de cartas pelo inimigo (BRASIL, 1944, cap. 8, p. 1-2). Cabe destacar que os níveis de censura abrangiam, também, as informações estratégicas, operacionais e táticas das unidades militares (BRASIL, 1944, cap. 8, p. 1-2).

A presente pesquisa apresenta, então, documentos que permitem um breve detalhamento de como eram orientados os censores em prol do funcionamento do Correio Regulador, do Correio Coletor Norte e Correio Coletor Sul – este último, por sua vez, onde concentraremos nossa análise através das fontes. Z

## 2 – Correio Coletor Sul: atuação do Serviço Postal da FEB na Capital Federal

A partir das pesquisas presenciais no Arquivo Histórico do Exército (AHEx) foram encontradas fontes históricas inéditas, classificados como relatórios confidenciais confeccionados pelo pessoal alocado no Correio Coletor Sul. Mais especificamente acerca dessas fontes históricas, pode-se frisar que são analisados os relatórios elaborados pelo Major-Chefe João Wellisch Junior, chefe do Correio Coletor Sul e o livro de instruções da Escola de Censores.

Após buscas sobre o tema no portal de periódicos da CAPES, estudos afins com a temática foram encontrados – porém, é necessário explicar que estes estudos não correspondam à expectativa de explicação sobre a complexidade da organização do Serviço Postal da FEB.

As obras do historiador Francisco Ferraz (2005) e (2012), delimitam explicações a fundo sobre as características sociais, permeadas pelas complexas relações entre os ex-combatentes e a sociedade brasileira, a partir de suas memórias individuais e coletivas. Embora o autor delimite sua pesquisa no cenário social do pós-guerra e seus impactos para a memória da FEB, buscamos inicialmente a inspiração para entender as redes de relacionamento entre expedicionários e civis a partir da escrita de missivas.

Em paralelo, o estudo do historiador e coronel Marcos Costa (2010) explica resumidamente como funcionava a censura postal militar. O pesquisador explica tópicos como a atuação do DIP na Escola de Censores, a questão do incentivo da escrita aos militares e abalo psicológico do combatente que recebia uma carta censurada.

> Os nossos militares eram incentivados a escrever da Itália para os seus familiares e amigos no Brasil, e aqui o governo também divulgava ao povo pelos jornais e pelo rádio que enviassem cartas aos soldados da FEB, não importando inclusive se os conheciam ou não. A experiência de guerra dos outros países mostrou ser essa prática algo duplamente necessária: primeiro era salutar para espírito combativo do militar, que sentia estar participando de algo importante não só para o seu exército, mas também para sua Nação, sentimento que aflorava por meio das notícias de apoio de seu povo; e segundo, por poder estar em contato com aqueles por quem sentia apreço, desabafar por meio das cartas e sentir-se reconfortado com isso, receber notícias amenas de como seguia a vida em sua residência, em sua cidade. Enfim, de que não estava sozinho em terra estranha. (COSTA, 2010, p. 3)

Segundo o livro de instruções da Escola de Censores do Correio Coletor Sul, a sede do Correio Coletor do Rio de Janeiro estava localizada no antigo Banco Germânico-Americano (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 18). No tópico correspondente às instalações desse Correio Coletor, identificamos que a equipe de censores estava concentrada no edifício da rua 1º de março, número 57 (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 18).

A repartição se dividia em dois subgrupos, ocupando tanto o nível térreo do edifício, bem como o seu primeiro andar. No térreo estava a Seção de Tráfego, onde eram recebidas as correspondências do público em geral; e no primeiro andar, estavam a Chefia do Setor, a Secretaria e a equipe de censura (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 3).

O documento, também assinado pelo major-chefe do Correio Coletor Sul, João Wellisch Júnior, esclarecia que o prédio estava em boas condições para o desenvolvimento dos trabalhos da equipe de censores. Todavia, ainda assim a Seção de Engenharia do Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT) realizaram diversas melhorias para atender de forma eficiente o expediente desses militares.

As adaptações consistiram em proporcionar um expediente menos exaustivo à equipe. Por esse motivo, foi colocada uma placa de madeira para separar a área que receberia as correspondências e encomendas do público, proporcionando maior privacidade ao resto do Salão (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 8). Ainda, foi estipulado um espaço que consistiu na estruturação de um gabinete para melhor acomodar a Chefia da Seção e seus assistentes. De suma importância, também ressaltamos que os engenheiros do setor colocaram à disposição três chuveiros para o maior conforto do pessoal de serviço, dividindo também os dormitórios para oficiais, sargentos e praças. A esse último veremos adiante, por estar em acordo com as condições de serviço no cumprimento do expediente da equipe do Correio Coletor Sul (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 9).

O major também realiza uma menção elogiosa à Companhia Televox de São Paulo (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 18), que facilitou o serviço dos militares implantando uma rede de telefonia civil no prédio e um serviço de comunicação interna. Acredita-se que com esses meios, o processo de avaliação das correspondências se tornou mais célere e por esse motivo tenha sido bem avaliado no relatório.

> I N S T A L A Ç Õ E S
>
> Terminados os trabalhos iniciais de organização, passou o Coletor a ocupar o 1º andar e o térreo do Edifício de rua 1º de março - 57, localizando-se no primeiro andar a Chefia, Secretaria e Censura e no térreo a Seção de Tráfego.
>
> As condições do prédio satisfizeram plenamente as necessidades do Coletor, após algumas adaptações julgadas necessárias ao serviço. Assim, visando dar maior liberdade de trabalhos aos elementos do Tráfego, foi colocada uma divisão de madeira separando a área do Balcão do resto do Salão do Tráfego, e feito um gabinete para a Chefia da Seção e seus auxiliares. Foram instalados 3 chuveiros nas dependências sanitárias, destinados a atender ao conforto do pessoal de serviço de permanência diária, organizado o dormitório para as praças, sargentos e oficiais. Todas estas modificações solicitadas por esta Chefia, foram prontamente atendidas pela Seção de Engenharia do D.C.T. Por deferência especial da Companhia Televox de São Paulo, foi instalado um serviço de comunicações internas que muito beneficiou o serviço, demonstrando elevado espírito de cooperação

> e patriotismo da citada Empresa. O D.C.T. instalou um aparelho oficial e dois telefones da rede civil, colocados respectivamente no 1º andar e na Seção de Tráfego. Foi muito feliz a escolha do local para a instalação do Coletor, pois não só era de fácil acesso para o numeroso público que dele se serviu diariamente, como também atendia excelentemente o movimento constante com as várias seções e dependências do Departamento dos Correios e Telégrafos (D.C.T.). (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 18).

No final da avaliação do local, o major ainda enfatiza que a escolha do local foi bem-sucedida por estar em sincronia com as demandas do Departamento de Correios e Telégrafos, e, com efeito, por atender às necessidades do público em geral. Confirmamos então, a partir desse documento, que o local dessa repartição atualmente estaria situado em frente do Centro Cultural Banco do Brasil, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

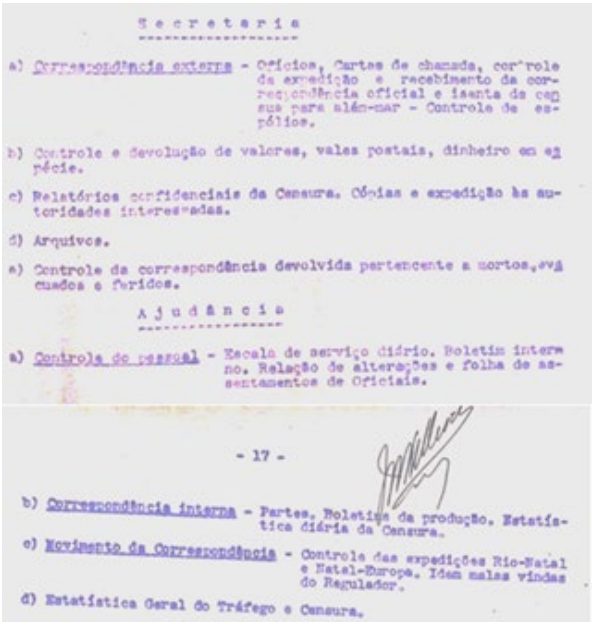
A organização do Serviço Postal no Rio de Janeiro ainda possuía maiores detalhes. Mais à frente, o major-chefe do Correio Coletor Sul explica em seu relatório como eram divididos os horários do pessoal de serviço nessa repartição. O documento explica que não estava previsto que a Chefia se juntaria à censura e ao tráfego postal, tendo que lidar com as suas respectivas normas e ordens de serviço. Após a estruturação desse setor, foram designados dois tenentes temporários da Reserva Não-Remunerada (R/2) para o serviço, com o intuito de se estabelecer uma ordem militar na repartição em prol de seu bom funcionamento.

> S E R V I Ç O
> Na organização inicial do Coletor não foi previsto mais que os serviços de Censura e Tráfego Postal, ficando a Chefia completamente desprovida de elementos para a organização de uma Secretaria por onde pudesse manter não só suas relações com o meio exterior, como também ditar normas e ordens de serviço geral. Deste modo, em 19 de novembro de 1944, por pedido da Chefia anterior, foi classificado no Coletor um 1º Tenente R/2 para exercer as funções de Ajudante e Secretário, tendo sido admitido três funcionários civis como datilógrafos. Com a transformação operada em dezembro, dado o vulto de militares em serviço, foi necessário desdobrar da Secretaria da Ajudância, recebendo o Coletor um outro 2º Tenente R/2 para Secretário. Com elementos militares, foi dada organização destinta às duas seções, competindo a cada uma delas os seguintes serviços. (BRASIL, 1944, cap. 1, p. 18).

Na imagem a seguir, extraída do conjunto de relatórios do major, são identificadas duas divisões para o trabalho no Correio Coletor Sul: a Secretaria e a Ajudância. Na Secretaria, identificamos outras cinco subdivisões que correspondem ao trabalho de: a) correspondência externa; b) controle e devolução de valores; c) relatórios confidenciais da censura; d) arquivos; e) controle da correspondência devolvi-

da. Na Ajudância, identificamos outras quatro subdivisões: a) controle de pessoal; b) correspondência interna; c) movimento de correspondência; d) estatística geral. Ou seja, com essa fonte, foi possível observar que a complexidade da organização do Coletor Sul é maior do que se esperava.

Imagem 2: Serviço do pessoal do Correio Coletor Sul



Secretaria

a) Correspondência externa - Ofícios, Cartas de chamada, controle da expedição e recebimento da correspondência oficial e isenta de cargas para além-mar - Controle de espólios.

b) Controle e devolução de valores, vales postais, dinheiro em espécie.

c) Relatórios confidenciais da Censura. Cópias e expedição às autoridades interessadas.

d) Arquivos.

e) Controle da correspondência devolvida pertencente a mortos, evacuados e feridos.

Ajudância

a) Controle de pessoal - Escala de serviço diário. Boletim interno. Relação de alterações e folha de assentamentos de Oficiais.

- 17 -

b) Correspondência interna - Partes. Boletim da produção. Estatística diária da Censura.

c) Movimento da Correspondência - Controle das expedições Rio-Natal e Natal-Europa. Idem malas vindas do Regulador.

d) Estatística Geral do Tráfego e Censura.

Fonte: BRASIL, 1944, p. 16-17.

De maneira complementar, os relatórios apontam para a resolução da complexidade de demandas que eram incumbidas ao Coletor Sul. Enquanto a Secretaria ocupava-se do controle e devolução de valores que os familiares enviavam aos expedicionários, a Ajudância se preocupava com o controle dos materiais que entravam e saiam das salas do Coletor do Rio de Janeiro, e sobretudo com o exercício da censura aplicada nas correspondências. A Ajudância, inclusive, foi a seção que promoveu um melhor fardamento ao militar que servia no Serviço Postal e o pagamento dos soldos que estavam em atraso aos praças que lá serviam.

> Ambos os serviços funcionaram com real aproveitamento e os dados abaixo bem dizem do vulto do movimento, justificando plenamente o desdobramento do serviço. Um dos serviços mais importantes da Secretaria foi o do controle e devolução de valores que, retirados da correspondência pela Censura eram devolvidos aos remetentes por não ser permitida a sua remessa para além-mar. Estes valores, representados por cheques, vales postais, dinheiro em espécie, selos novos e usados, moedas estrangeiras, etc, eram recebidas da censura e registrados em livro especial, procedendo-se a sua devolução pelo Correio quando

> se tratava de remetentes no interior e entregues pessoalmente na sede do Coletor quando os remetentes residiam no Distrito Federal. (...) Das cartas que eram retiradas os valores seguiam uma papeleta com a declaração: "Foi retirado pela Censura o valor ou objeto citado na presente, por contrariarem as disposições em vigor." (...) Outro trabalho relevante da Ajudância foi normalizar a vida militar de quase todas as praças que foram postas à disposição do Coletor (...). Ao assumir a Chefia em janeiro, havia praças que não recebiam vencimentos há dois meses e estavam quase maltrapilhas por falta de fardamento. De todas foi regularizada a situação, inclusive junto a alguns empregadores que, por falta de esclarecimento, haviam suspendido o pagamento de 50% dos salários. (...) A partir do dia 8 de janeiro, foi organizado o serviço de permanência e guarda do Coletor, constituído de 1 oficial de dia, um sargento de dia e 3 plantões (soldados). Este serviço, além das missões normais de guarda, tinha a incumbência de receber qualquer mala ou correspondência vinda de além mar e entregue pelo Ministério da Aeronáutica, como também atender ao público, após as horas normais do expediente. (BRASIL, 1944, pp. 19-21. Negrito destacado pelos autores)

O expediente cumprido pelos militares que serviam no Coletor Sul também estava adaptado ao serviço que estava sendo executado. Segundo o documento, nas seções da Chefia, Secretaria, Ajudância e Tráfego, o expediente era cumprido de segunda a sexta, das 8 às 12 horas e das 14 às 19 horas. Para o setor da Censura, era aplicado o expediente de 12 às 19 horas, sendo prorrogado até que todos tivessem completado a meta do dia, com número fixado pela Chefia. Identificamos também que o expediente aos sábados era comum a todos os setores, sendo cumprido de 8 às 18 horas. Os intervalos estavam previstos para as jornadas diárias, durando cerca de quarenta minutos, tanto para lanche quanto para descanso – retirando o período de almoço, que durava cerca de duas horas, de 12 às 14 horas.

Imagem 3: A Secretaria do Coletor Sul em números

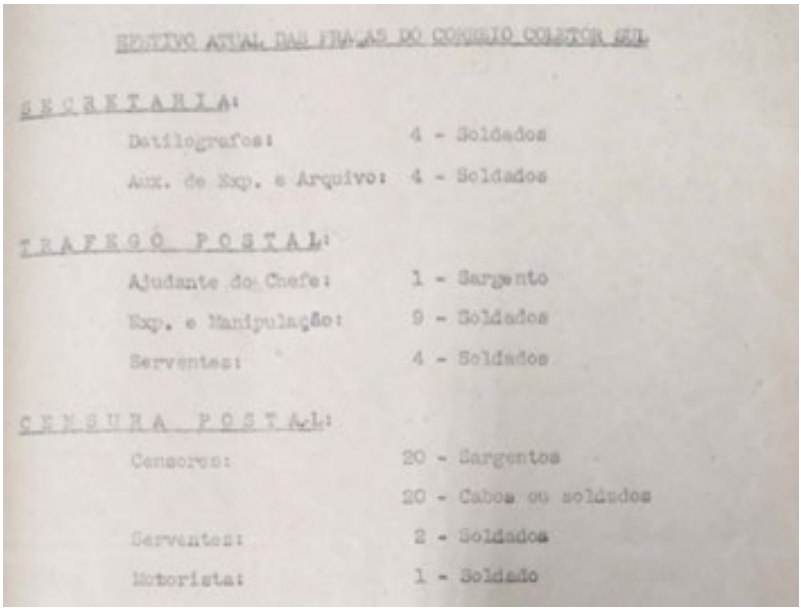
Secretaria

| | 1944 | | 1945 | |
|---|---|---|---|---|
| | exp. | receb. | exp. | receb. |
| Ofícios confidênciais | 11 | 37 | 4 | 13. |
| " secretos | - | 2 | 1 | -. |
| " reservados | 40 | 10 | 27 | 9. |
| " ostensivos | 335 | 169 | 1.035 | 375. |
| " circulares | 122 | - | 32 | -. |
| Memorandos confidênciais | 2 | -11 | 1 | -. |
| " ostensivos | 16 | - | 195 | 8. |
| " circular-reservados. | - | - | - | 1. |
| Cartas | 41 | 33 | 95 | 150. |
| Telegramas | 90 | 169 | 57 | 138. |
| Despachos | 9 | - | - | 1. |
| Ped. traducao de cartas | 295 | - | 712 | -. |
| Restituições | - | - | 2 | 2. |
| Encaminhamentos | - | - | 48 | 3. |
| Pedido de exame de laboratório para carta | 9 | - | 6 | -. |
| Registrados entregues ao Correio geral com dev. val. | 77 | - | 394 | -. |
| Relatórios de censura | - | - | 987 | -. |

Fonte: BRASIL, 1944, p. 20.

Em um dos relatórios do major-chefe do Correio Coletor Sul, foi identificado um resumo com o efetivo das praças em sua repartição. Em um total de 65 (sessenta e cinco praças), constavam 21 (vinte e um) sargentos e 44 (quarenta e quatro) cabos e soldados. Mais detalhadamente, estavam esses divididos em três seções: a Secretaria, o Tráfego Postal e a Censura Postal. No primeiro, a Secretaria possuía 4 (quatro) soldados datilógrafos e 4 (quatro) soldados auxiliares de expedição e arquivo. No segundo, o Tráfego Postal possuía em seu efetivo 1 (um) sargento ajudante do Chefe, 9 (nove) soldados na expedição e manipulação e 4 (quatro) soldados que ficavam como serventes. No terceiro nível, a Censura Postal constava com 40 (quarenta) censores, sendo 20 (vinte) sargentos e 20 (vinte) cabos ou soldados, 2 (dois) soldados serventes e 1 (um) soldado motorista.

Imagem 4: Efetivo das praças no Correio Coletor Sul



EFETIVO ATUAL DAS PRAÇAS DO CORREIO COLETOR SUL

SECRETARIA:

| | |
|---|---|
| Datilografos: | 4 - Soldados |
| Aux. de Exp. e Arquivo: | 4 - Soldados |

TRAFEGO POSTAL:

| | |
|---|---|
| Ajudante do Chefe: | 1 - Sargento |
| Exp. e Manipulação: | 9 - Soldados |
| Serventes: | 4 - Soldados |

CENSURA POSTAL:

| | |
|---|---|
| Censores: | 20 - Sargentos |
| | 20 - Cabos ou soldados |
| Serventes: | 2 - Soldados |
| Motorista: | 1 - Soldado |

Fonte: BRASIL, 1944, p. 14.

Portanto, acredita-se que essas fontes recolhidas poderão contribuir ainda mais para a pesquisa que analisa a complexidade do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira – não somente na capital federal brasileira no período, como em sua totalidade. Nossas considerações apontam para uma estrutura ainda maior do que estava prevista, sendo necessária a continuidade das pesquisas aos acervos militares e civis para o estudo de novas fontes acerca do Serviço Postal da FEB. Ao passo que formos sincronizando as fontes dos Coletores Sul e Norte com o Correio Regulador na Itália, será possível entender em grande escala como funcionava o Serviço Postal da FEB.

## CONCLUSÃO

Conforme ilustrado ao longo desse breve estudo, a pesquisa de doutorado em andamento está recolhendo documentos que permitem uma explicação detalhada sobre o funcionamento básico do Serviço Postal da FEB. A composição brasileira, constituída do Correio Regulador, do Correio Coletor Sul e do Correio Coletor Norte, demonstra a tentativa de centralização do tráfego de cartas entre os expedicionários e seus entes queridos em apenas dois pontos de um território nacional em escalas continentais.

Através da análise, observou-se que as correspondências obedeciam a um fluxo estabelecido pelas regiões geográficas norte e sul. No entanto, alguns estados brasileiros dividiam o fluxo entre os dois postos coletores para a triagem e para o recebimento e o envio de cartas. Portanto, a partir da localização geográfica – a saber, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Norte, espera-se, com o decorrer das pesquisas, encontrar ainda mais documentos que caracterizem esse fluxo de correspondências entre militares e civis.

Por fim, cabe enfatizar que após uma atuação repleta de desafios, houve uma sensação de abandono por parte dos combatentes após a rápida "dissolução da FEB, por meio do Aviso nº 217-185, de 06 de julho de 1945" (FERRAZ, 2012, pp. 104-105), sendo essas pessoas excluídas da força terrestre durante a viagem de retorno ao Brasil. Nesse sentido, "deixa claro o esquecimento, o quase 'não estar na história' de um grupo de 25.334 pessoas" (FERRAZ, 2012, p. 21).

As missivas desses contemporâneos e suas respectivas redes de sociabilidade, dentre elas suas famílias e madrinhas de guerra, ficaram perdidas no tempo e no espaço – cabendo aos historiadores da contemporaneidade pesquisá-las e valorizá-las enquanto fontes históricas. Ao fim de mais um estudo sobre o Serviço Postal da FEB, constata-se que ainda existe muito para se pesquisar em prol desse complexo sistema, que entregava um alento às famílias e aos expedicionários enviados para o conflito.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, AHEx. Instruções para o funcionamento do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira, Escola da Censura Postal Brasileira (CPB), 1944. Arquivo Histórico do Exército, [1944].

BRASIL, AHEx. Relatório do Correio Regulador de Livorno, Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira, 1944. Arquivo Histórico do Exército, [1944].

BRASIL, AHEx. Relatório Geral do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira do Correio Coletor Sul (RGSPFEB), 1944. Arquivo Histórico do Exército, [1944].

BRASIL, Decreto-lei nº 10.358, de 31 de agosto de 1942. Declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo. Distrito Federal, [1942]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D10358impressao.htm. Acesso: 05 fev. 2023.

BRASIL, Decreto-lei nº 6.438, de 26 de abril de 1944. Criação do Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira. Distrito Federal: Correio Coletor Sul, [1944].

BRASIL, Portaria Ministerial nº 4.744, de 9 de agosto de 1943. Criação da Força Expedicionária Brasileira. Distrito Federal, [1943].

EsPCEx, Escola Preparatória de Cadetes do Exército. VIII Seminário sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Campinas, São Paulo. 03 e 04 de maio de 2019, s/p. Editado pela autora.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação in: PANDOLFI, Dulce. Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

COSTA, Marcos Antônio Tavares da. A Censura Postal Militar: a política do Estado Novo na correspondência de guerra da FEB. In: I Simpósio do Laboratório de História Política e Social - 70 Anos do Estado Novo, Juiz de Fora: ICH, v. I., 2010, p. 1-11. Disponível em: https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-7a16.pdf. Acesso: 25 mai. 2024.

CRUZ, Henrique Vasconcelos. O endereçamento no Serviço Postal da FEB in: A Filatelia Brasileira, Revista FEFIBRA: Federação dos Filatelistas do Brasil, ano IV, nº 8 dezembro de 2007.

DINIZ, Eli. Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais in: PANDOLFI, Dulce, Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

FÁVERI, Marlene de. Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. 2002. 392 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

FERRAZ, Francisco César Alves. A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000). Londrina, Eduel, 2012.

FERRAZ, Francisco César Alves. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

MALATIAN, Teresa. Cartas-Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2015.

MCCANN, Frank D. Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945. Tradução de Jaime Tadei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

OLIVEIRA, Dennison. Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Curitiba: Juruá, 2015.

PARENTE, Paulo André Leira. Uma nova História Militar? Abordagens e campo de investigação. A defesa Nacional: ADN, 3º quadrimestre de 2006.

RÉMOND, René. Do político. In RÉMOND, René. Por uma história política. Tradução de Dora Rocha, 2 ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODRIGUES, Fernando da Silva. Desafios históricos para organização, preparação e emprego da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, Análise Estratégica, Vol 5 (2) Jul/ Dez 2018, p. 47-64. Disponível em: http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEExArE/article/view/2098/1703. Acesso: 18 mai. 2024.

RODRIGUES, Fernando da Silva. Organização, preparação e atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, Análise Estratégica, volume 12 (2) Mar/ Maio 2019, p. 39-52. Disponível em: http://ebrevistas.eb.mil.br/CEEExAE/article/view/2249. Acesso: 18 mai. 2024.

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# O BRASIL, A FEB E A DEUSA ROMANA DA GUERRA - BELONA

Luiz Ernani Caminha Giorgis[1]

## INTRODUÇÃO

Belona[2] é a deusa romana da guerra (abaixo). Sua origem é etrusca, assim como a própria Roma. Ela é homenageada na capital italiana por meio de um templo localizado no Monte Capitolino.

Figura 01 - Belona, em concepção artística

Fonte: Freepik.com (acesso em 04 Fev 25)

1 Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.
2 No latim antigo a Deusa era chamada Duellona e a guerra era denominada "Duelo", origem da palavra duelo.

Há 80 anos, o Brasil teve que atravessar o Oceano Atlântico com a sua Força Expedicionária – a FEB, para lutar nas terras de Belona – a sanguinária.

Ao final, os brasileiros puderam dizer: Veni, Vidi, Vici[3], tal como (supostamente) Caio Júlio Cesar disse em 47 aC na região de Ponto após a vitória sobre o rei Fárnaces II.

Entretanto, o Brasil não foi para a Itália em 1944 para lutar contra italianos, etruscos, latinos, nem mesmo contra Belona. Aliás, ela é citada por Shakespeare em Macbeth, Ato 1, Cena 2.

Foi sim, para lutar contra um outro exército também estranho naquelas terras geladas dos Montes Apeninos, assim como em toda a península: o Exército Nazista, de Adolf Hitler e seus aliados, inclusive italianos, estes adeptos do ditador Benito Mussolini.

A maioria dos expedicionários brasileiros mal sabia quem era Belona, ou Júlio César e sua famosa frase. Mas foram, e venceram.

Neste ano de 2025, completam-se 80 anos das grandes vitórias da FEB na península italiana. Cada data, cada batalha, cada recontro, cada combate, cada evento, está completando 80 anos. Nada como recordar feitos tão importantes. E não somente isso, lembrar todas as enormes dificuldades enfrentadas pelo governo, pela FEB e por todos os militares que participaram daquele esforço hercúleo.

Este trabalho visa divulgar os antecedentes, o desenvolvimento e as ações posteriores da maior vitória brasileira em solo italiano – a conquista de Monte Castello, que completa oito decênios no dia 21 de fevereiro.

## DESENVOLVIMENTO

A FEB seguiu para a Itália em cinco escalões de transporte, todos destinados ao porto de Nápoles. O primeiro zarpou do porto do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944, tendo chegado em 16 do mesmo mês. O 2º e 3º escalões partiram juntos em 22 de setembro, chegando em 5 de outubro de 1944. O 4º escalão zarpou em 23 de novembro, chegando em 7 de dezembro de 1944.

Finalmente, o 5º escalão partiu em 8 de fevereiro de 1945, chegando a 22 do mesmo mês.

O 1º escalão foi transportado pelo navio norte-americano de transporte de pessoal General Mann. A partir dos 2º e 3º escalões, além do primeiro, entrou o segundo navio, o General Meigs.

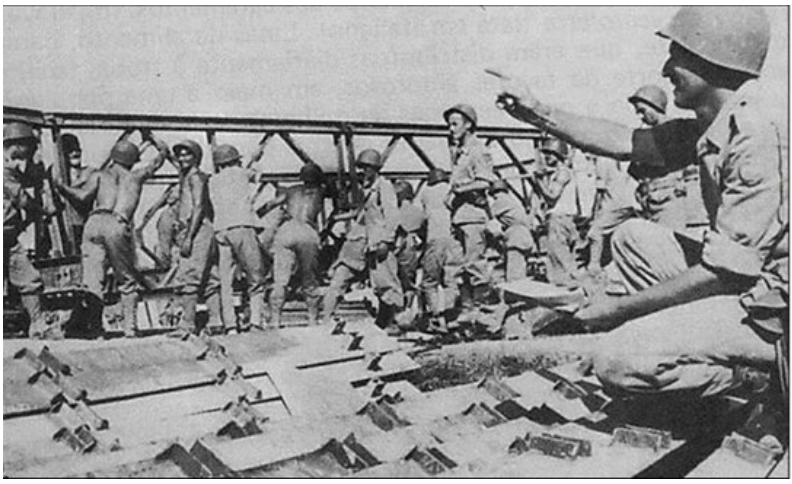
A FEB entrou em combate no dia 6 de setembro, com uma Companhia de Engenharia sob o comando do Capitão Floriano Möller, a qual instalou e operou uma ponte tipo Bailey sobre um dos afluentes do rio Arno.

Em 13 de setembro, o Destacamento FEB[4] já operava a substituição de tropas

3 Vim, Vi e Venci.

4 Comandado pelo General Euclides Zenóbio da Costa, foi criado em 11 de setembro subordinado diretamente ao IV Corpo de Exército.

estadounidenses na região de Vecchiano, com a missão de atuar ofensivamente na direção Norte. Foi a primeira missão operacional de guerra do Destacamento (Giorgis, 2020, p. 87).



Três dias depois, a FEB conquista Massarosa, Monte Comunale, San Stefano, Monte di Cima, Bor rano, Quiesa e Il Monte sob forte bombardeio da artilharia alemã. Foram as primeiras vitórias brasileiras.

A população dessas localidades recebeu os brasileiros como heróis.

A nossa outra força armada – a FAB, embarcou os aviadores do seu 1º Grupo de Aviação de Caça para a Itália em 19 de setembro, os quais chegaram em Livorno no dia 6 de outubro.

Seguiram-se muitas outras vitórias e poucas derrotas.

A FEB esteve sempre subordinada ao IV Corpo de Exército dos EUA, comandado pelo General Willis Dale Crittenberger. Acima dele, o V Exército, comandado pelo Tenente-General Mark Wayne Clark. E acima deste, o XV Grupo de Exércitos, comandado pelo inglês Marechal de Campo Sir Harold Rupert Leofric George Alexander.

Em outubro, ao mesmo tempo em que a FEB atingia o vale do rio Sercchio, informações sobre o inimigo davam conta de que a 232ª Divisão de Infantaria alemã recebeu ordem de se deslocar do Campo de Instrução de Wildflecken (região central da Alemanha) para os Apeninos (Waack, 2015, p. 85).

Nos Apeninos, ela ocupou uma região que engloba os Montes Belvedere e Castello (Idem, p. 116). O Monte Castello tem 877 m de altitude acima do nível do mar, enquanto que Belvedere possui 1.139 m, o que fazia, este, estrategicamente mais importante que o primeiro. Ou seja, a tropa aliada teria que, forçosamente, atacar sempre de baixo para cima.

Roteiro da FEB na Itália. Fonte: Arquivo do autor

## OS PRIMEIROS ATAQUES E INSUCESSOS

Depois de diversas outras operações, grande utilização de patrulhas e ações menores, e depois de intensos preparativos, o primeiro ataque a Monte Castello ficou marcado para as 0600 h do dia 24 de novembro.

A tropa deste ataque foi a Task Force 45 (Força-Tarefa) formada pelo 2º Batalhão do 370º Regimento de Infantaria Norte-Americano (NA), o III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria e o 1º Esquadrão de Reconhecimento; estas duas últimas unidades pertencentes à 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) da FEB. Este ataque não teve bom resultado[5] e a tropa recebeu ordem de retrair às 1300 h do mesmo dia.

5 Consultar Giorgis, 2020, p. 115 e 116 – O Dia a Dia da FEB na II GM, acessível em www.acadhistoria.com.br

Na madrugada do dia seguinte, às 0230 h, o Major Silvino Castor da Nóbrega, comandante do III Batalhão, o mesmo que atacou a posição inimiga na véspera, recebeu ordem de retomar o ataque a partir das 0800 h. Sempre enquadrada pela Task Force 45, a tropa brasileira recebeu o reforço do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria e do III Batalhão do 11º RI.

Desta vez, a tropa atacante conseguiu atingir Belvedere e Monte Castello, mas não conseguiu manter esta última posição. Mas Belvedere foi conquistada e mantida pela tropa NA. Foi a segunda tentativa, parcialmente vitoriosa.

Entretanto, três dias depois, em 28/29 de novembro, a tropa NA foi contra-atacada em Belvedere e desalojada de suas posições. O flanco esquerdo da tropa da 1ª DIE ficou descoberto. E isto teria graves consequências.

Neste mesmo dia 29 de novembro, novo ataque foi realizado a partir das 0800 h. As tropas brasileiras foram o I Batalhão do 1º RI (Major Olívio Gondim Uzeda) e o III Batalhão do 11º RI (Major Cândido Alves da Silva). Em reserva, o III Batalhão do 6º RI (Major Silvino).

Este ataque durou o dia inteiro e não houve nenhuma surpresa para o inimigo. Contou com o apoio de fogo dos I, II e III Grupos de Artilharia. Não houve apoio aéreo. Às 12h as ações já estavam comprometidas. Ao escurecer, o Escalão de Ataque recebeu ordem de retrair e o ataque foi abortado. Já era a terceira tentativa[6]. As baixas foram de 190.

Novo ataque foi marcado para o dia 12 de dezembro. Desta vez, a tropa atacante era toda brasileira. Ultrapassagem da Linha de Partida às 0630h. Atacantes: II e III Batalhões do 1º RI. Reserva: I e III Batalhões do 11º RI. Apoio de Fogo de Artilharia: I, II e IV grupos e parte do III. Engenharia: 9º Batalhão de Engenharia. Comunicações: 1ª Companhia de Transmissões. Não houve apoio da FAB. Dois fatores principais foram as causas do insucesso:

1) Conforme o General Mascarenhas de Moraes:

> No justo momento da partida do Batalhão Franklin[7], a artilharia americana desencadeou prema turamente um bombardeio diversório sobre Monte Belvedere, quebrando por completo o sigilo operativo (Giorgis, 2020, p. 122, apud Moraes, 1947, p. 121).

2) Os dois batalhões do Escalão de Ataque atravessaram a Linha de Partida em horários diferentes. Um deles adiantado e o outro, atrasado. Mesmo com o emprego da reserva, não houve progressão.

> O I Batalhão do 11º RI, tomado de pânico, foi obrigado a retrair desordenadamente. Os militares foram processados e pela

6 Conforme o Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, além da falta de sigilo, o retraimento dos NA causou a falta de cobertura do flanco esquerdo da 1ª DIE (Giorgis, 2020, p. 119, apud Castello Branco, 1960, p. 251/252).

7 Major Franklin Rodrigues de Moraes.

> justiça militar e absolvidos" (Giorgis, 2020, p. 122, apud Waack, 2015, p. 153) [8].

No dia seguinte, devido às baixíssimas temperaturas, as operações do Plano Encore foram parcialmente suspensas. Entrava em vigor a chamada "Defensiva agressiva" com a estabilização da frente até fevereiro. Ações de menor envergadura foram realizadas, principalmente por meio de patrulhas.

Na página seguinte, imagem de Guanella tendo, ao fundo, Monte Castello. Fonte: Arquivo do General Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Conforme o Coronel Manoel Thomaz Castello Branco.

## O ataque final e a glória brasileira

No dia 16 de fevereiro foi concluído o "período de estabilização", assim chamado pela FEB. Ao mesmo tempo foi decidida a continuação do Plano Encore, contendo o ataque a Monte Castello. Conforme Giorgis, 2020, p. 135:

> Para a ofensiva conjunta com a 1ª DIE ficou decidida a ação da 10ª Divisão de Montanha/NA sobre Mazzancana. Portanto, a Fase A da manobra do IV Corpo (de Exército) para a conquista do maciço Monte Belvedere-Monte Della Torraccia, contaria com a 10ª DMth para atacar pelo flanco Belvedere-Gorgolesco--Cappella di Ronchidos-Mazzancana e com a 1ª DIE para atacar

8 Pronunciaram-se sobre este fatídico ataque o Coronel Manoel Thomaz Castello Branco, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx), o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEX) e o CPDOC/FGV, além do próprio General Mascarenhas de Moraes no seu livro A FEB pelo seu Comandante (São Paulo: Progresso Editorial, 1947).

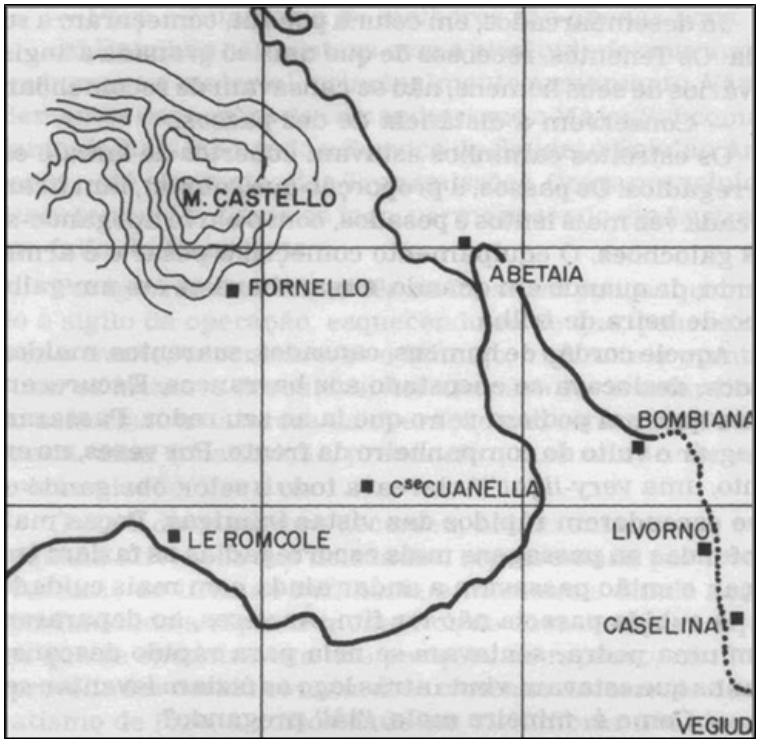
> Monte Castello. Ficou decidida uma ação diversionária da 1ª DIE sobre o Corredor de Abetaia quando a 10ª DMth iniciasse o seu ataque. O General Mascarenhas destinou esta missão ao Btl Ramagem[9] (II/11º RI). O Gen Mascarenhas se fez acompanhar nesta reunião pelo então Tenente-Coronel de Infantaria e EM Humberto de Alencar Castello Branco, Chefe da Secção de Operações (3ª Sec/EM) da 1ª DIE (Castello Branco, 1965, p. 356).

No dia seguinte, a 1ª DIE expediu o seu Plano de Manobra, que previa um ataque coordenado a Monte Castello juntamente com a 10ª DMth. Ataque principal: 1º RI – Regimento Sampaio. Os batalhões começam então a se deslocar para as suas Zonas de Reunião (ZReu), três dias antes do ataque, marcado para 20 de fevereiro.

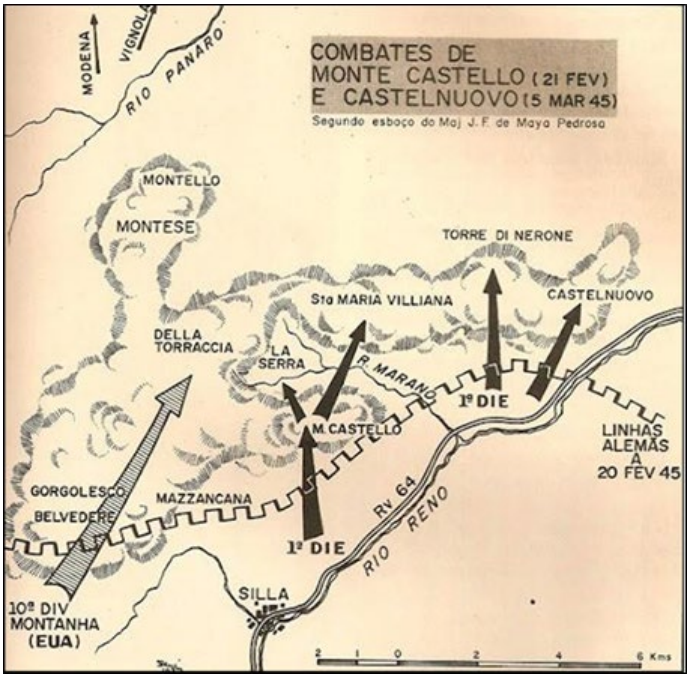
Em ataque preliminar, o 1º Batalhão do 86º RI Mth, pertencente à 1ª DMth, conquistou Monte Belvedere vencendo o 1044º RI alemão na madrugada do dia 19.

No mesmo dia, em ação diversionária, a partir das 2300h a 10ª DMth, apoiada pelo II Batalhão do 11º RI, sem preparação de artilharia, conquistou a linha de elevações de Monte Serraccicio-Cappel Busio Pizzo de Campiano obtendo completo êxito.

A seguir, imagens das regiões de Monte Castello e Castelnuovo (Fonte: Giorgis, 2020, p. 139, apud Almeida, 1985, p. 65 e Informativo O Guararapes/AHIMTB/Resende). 8 Major Orlando Gomes Ramagem.




9 Major Orlando Gomes Ramagem.




Em 20 de fevereiro, as ações foram as seguintes:

> Pela manhã, o General Mascarenhas chega a C. Gadelle, a quatro Km de Monte Castello, onde instala o seu PO para o ataque. Às 0530h: conquista dos Montes Belvedere e Gorgolesco, este às 0600h, com sérias dificuldades em face dos contra-ataques, pela 10ª DMth NA. O inimigo esgotou as suas reservas nestas ações. Para a conquista de Gorgolesco houve o concurso de Carros de Combate e de Artilharia, inclusive a do General Cordeiro de Farias. Às 1537h, os NA cerram sobre a linha Cota 1053-Mazzancana-Cappela de Ronchidos. Os aviões da FAB arrasam a resistência alemã em Mazzancana, preparando a ação de ataque ao Monte Castello no dia seguinte. Mazzancana foi conquistada às 1700 h, o que muito facilitou o ataque brasileiro. Ficou aberta a via de acesso a Monte Castello. Às 1000h começou a ação diversionária do II/11º RI (Btl Ramagem) no chamado Corredor de Abetaia. Às 1530h começaram as ações previstas na Ordem Geral de Operações nº 20/DIE, ou seja, ultrapassar os americanos em Mazzancana e partir para o objetivo nº1: Cota 875-Fornace. Entre 1700 e 1800 h o I Btl (Uzeda) e o III Btl (Major Franklin) do 1º RI tomaram o dispositivo de ataque. Às 1730 h o III/1º RI desloca-se para a Zona de Reunião em Gambaiana-Le Roncole-Cádi Berto. À noite, o Coronel Agui naldo Caiado de Castro, Comandante do 1º RI, solicita autorização para antecipar o ataque, tendo em vista a informação (falsa) de que os alemães estariam abandonando Monte Castello; não foi

> autorizado. A Ordem Parcial de Operações nº 33 determina ao 1º RI a substituição da 10ª DMth às 2000 h em Mazzancana. O Complemento nº 4 da OGO nº 20 fixa o ataque para as 0530 h de 21. Os batalhões do 1º escalão de ataque ocupam, de 2330 h de 20 às 0350 h de 21, as regiões de C. Vitelline, Ponto 744, Ponto 779, Ponto 718 e Fornace em preparação para o ataque do dia seguinte. O II/1º RI (Major Syzeno Sarmento) ocupa La Grilla. Morre o padre Antônio Álvares da Silva, Frei Orlando, capelão do 11º RI, em lamentável acidente de tiro protagonizado por um partigiani em Bombiana (Castello Branco, 1965, p. 346). Assume o comando de um Pelotão de Fuzileiros em Guanella, sopé do Monte Castello, o então Aspi-rante Francisco Mega (Giorgis, 2020, p. 137).

No dia seguinte, 21, as ações foram as seguintes:

> Terceiro ataque brasileiro a Monte Castello, a partir da linha Mazzancana-Corazza-Gambaiana Le Roncole às 0530h. Ao mesmo tempo, os norte-americanos atacam Monte Della Torraccia. Conquista de Monte Castello por ação do 1º RI - Regimento Sampaio, do II/11º RI (Major Ramagem), toda a Artilharia/1ª DIE, duas companhias do 9º BE e do Esquadrão de Reconhecimento. O apoio aéreo foi da FAB através do 1º Grupo de Caça sob o controle do Coronel Nero Moura. Com esta conquista os brasileiros "prosseguiriam pelo Norte do rio Marano até atingir a linha Roncovecchio-Seneveglio, o que assinalaria o término da 1ª fase" (idem, apud Moraes, 1947, p. 136).

O ataque vitorioso pode ser descrito da seguinte maneira:

> Ação principal: 1º RI, na direção Gaggio Montano-Monte Castello-La Serra com o ataque frontal, pelo centro, a cargo do III Btl (Major Franklin Rodrigues de Morais) e suas 7ª, 8ª e 9ª Cias de Fuzileiros. Pelo flanco esquerdo o I Btl (Major Uzeda). Este, teve a missão de conquistar Fornace. Suas Cias eram comandadas: a 1ª, pelo Ca-pitão Everaldo José da Silva; a 2ª, pelo Capitão Edson Ramalho; e a 3ª, pelo Capitão Yeddo Jacob Blauth. Re-serva do 1º RI: II Btl (Btl Syzeno Ramos Sarmento), com as suas Cias: 4ª, 5ª e 6ª. Ação secundária: II/11º RI. Reserva: II/1º RI. Reserva divisionária: III/11º RI. Às 1430 h o Btl Uzeda conquistava as cotas 930 e 875, ultra-passando as posições inimigas de Congé. Neste mesmo horário, depois de ter ficado detido em sua ZAç, o Btl Franklin conquistou Fornello. Enquanto isso, o Btl Ramagem atuava em Abetaia. Por volta de 1500 h uma Cia Fzo norte-americana abriu fogo por engano contra uma Cia Fzo do I/1º RI matando um soldado brasileiro. Às 1720 h "a defesa inimiga entrou em colapso" (Moraes, 1947, p. 141). A 10ª

> DMth não consegue tomar Monte della Torraccia. O Btl Uzeda foi o primeiro batalhão a chegar ao cume de Monte Castello às 1800h através do Pelotão do Tenente Aquino, da 1ª Cia Fzo (I Btl), juntamente com a Cia Waldir do Btl Franklin. "A conquista se efetuara pelo desbordamento" (Uzeda, 1952, p. 112). Imediatamente foram realizadas as operações de lim-peza e o 1º RI entrou em posição defensiva. Uma parte do efetivo alemão retraiu, outra parte morreu e outra se entregou como PG. Conforme o General Ventura[10], as primeiras tropas a alcançar o cimo de Monte Castello às 1800 h foram uma Cia Fzo (Capitão Everaldo) do I/1º RI (Btl Uzeda) e outra (Capitão Paulo de Carvalho) do III/1º RI (Btl Franklin). Morreu em combate o 1º Ten Godofredo da Cerqueira Leite, Comandante do Pel de Pe-trechos da 3ª Cia do I Btl do 1º RI, juntamente com o seu ordenança. Conforme o General Mascarenhas de Moraes, sobre Monte Castello: "Sua captura era uma tarefa de consciência e um imperativo da dignidade mili-tar. Essa cidadela da presumida invencibilidade alemã representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente" (Moraes, 1947, 142). 141. O número de baixas brasileiras foi de 103.

Nos dias 23 e 24 foram efetuadas as conquistas da linha de elevações La Serra-Cota 958 (esta em ataque noturno) e Bella Vista. A 10ª DMth conseguiu conquistar Monte Della Torraccia. Foram repelidos diversos contra-ataques alemães nestas posições. Seguiram-se a linha Roncovecchio-Seneveglio e a preparação de novas missões para as conquistas de Castelnuovo di Vergato e Montese.

Para finalizar este simples resumo, estas foram as ações do dia 22 de fevereiro, imediatamente após a conquista de Monte Castello:

> Por volta de 0230h o baluarte de Abetaia era dominado pelo II/11º RI (Btl Ramagem). Os norte americanos conseguem conquistar Monte Della Torraccia com a cooperação e o apoio de fogo da 1ª DIE. O inimigo não conseguiu contra-atacar, sendo que duas Cias do RI 1043 alemão simplesmente debandaram em face da "superioridade material" dos NA e brasileiros (Waack, 2015, p. 233). Ao Btl Franklin do 1º RI é expedida a ordem de lançar Postos Avançados (PA) entre as posições conquistadas e as inimigas, ou seja, em La Serra e cota 958. Para isso, o Btl ocupa Monte della Caselina com o Pel do Ten Antonio Candido Tavares Bordeaux Rego, da 7ª Cia Fzo (Carvalho, 1952, p. 113). Nesta jornada, "buscando dar sepultura condigna aos nossos mortos, o Reverendo João Filson Sorén, do 1º RI, iria desvendar o impressionante quadro, macabro e heroico, dos '17 de Abetaia'" (Idem).

10 General Domingos Ventura Pinto Júnior, que foi Capitão de Infantaria da 1ª DIE. Criador da Polícia do Exército.

O General Crittenberger elogia por escrito em documento oficial o Cmt e todos os oficiais e praças da 1ª DIE pela conquista do maciço Belvedere-Castello.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o General Mascarenhas de Moraes em palestra na ECEME, a FEB teve:
- Uma operação de abertura – Camaiore;
- Uma operação de dignidade - Monte Castello;
- Uma operação de sofrimento – Montese;
- Uma operação militar – Castelnuovo di Vergato; e
- Uma operação de coroamento – Fornovo.

Sobre Monte Castello, os ataques iniciais, salvo melhor juízo, caracterizaram-se pela improvisação, falta de experiência e de coordenação entre a tropa brasileira e a norte-americana. Basta examinar a preparação para o ataque do dia 21 de fevereiro e se perceberá a enorme diferença em relação aos anteriores.

Realmente, depois de quatro tentativas, a tomada de Castello era uma operação de dignidade. É necessário ressaltar também que os resultados começaram a melhorar quando a totalidade da tropa da 1ª DIE passou ao controle e comando do seu comandante – General João Baptista Mascarenhas de Moraes, o grande herói, juntamente com muitos outros que honraram o nome do Brasil naquelas plagas distantes e geladas da península italiana: Fomos, vimos e vencemos.

Belona esteve sempre presente, protegendo os brasileiros das agruras de uma guerra em outro continente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de, Coronel. Montese. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1985.

BENTO, Cláudio Moreira. Participação das Forças Armadas do Brasil e da Marinha Mercante na 2ª Guerra Mundial. O Guararapes nº 42, p. 6, Resende, AHIMTB/ Resende, 2015.

BRAYNER, Floriano de Lima, Coronel. A Verdade sobre a FEB. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. CASTELLO BRANCO, Manuel Thomaz. O Brasil na II Grande Guerra. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Dia a Dia da FEB na 2ª Guerra Mundial. Porto Alegre: Renascença, 2022. LATFALLA, Giovanni. O General Góes Monteiro e as negociações militares Brasil/Estados Unidos - 1938-1942. Vassouras, RJ: USS, 2011, Dissertação de Mestrado.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. A FEB pelo seu comandante. São Paulo: Progresso Editorial, 1947. PEREIRA, Durval Lourenço. Operação Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

PINTO Jr. et MEDEIROS Jr. A Conquista de Monte Castello e La Serra. Porto Alegre: Metropóle, 2003.

ROSTY, Cláudio Skora. Batismo de Fogo. In: Revista do Exército Brasileiro, BIBLIEx/CEPHiMEx, 2015, p. 38/50. UZEDA, Olívio Gondim de. Crônicas de Guerra. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1952.

WAACK, William. As duas faces da glória. São Paulo: Planeta, 2015.

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# SÍMBOLOS E INSÍGNIAS MILITARES DA FEB

Julio Cesar Fidelis Soares[1]
Marcelo Etiene Nunes[2]

## RESUMO

A 1ª Divisão de Infantaria Brasileira foi o núcleo da Força Expedicionária Brasileira que lutou ao lado dos Estados Unidos e outras tropas aliadas no norte da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. A insígnia divisional que chamamos carinhosamente de Coração do Brasil ou sua segunda versão final A Cobra Fumando, que todos conhecem representa tal unidade de forma individual ou seja cada soldado. Nosso estudo buscou elucidar o seu estandarte ou bandeira símbolo geral da unidade e seus comandantes. E, por fim, a partir de estudo por meio do uso de uma linguagem decodificada apesentaremos siglas e termos nativos distintivos desta nossa unidade em combate no teatro de operações da Itália em 1944 e 1945.

**Palavras-Chaves:** Insígnias, Galhardetes, Bandeiras e Flâmulas.

## As insígnias e símbolos militares têm uma história longa e complexa

Ao contrário das instituições militares que vemos nas sociedades individualistas, ou pelo menos com feições muito nitidamente individualistas, tal como são concebidas hoje - nascidas, ou não nascidas, no processo de desenvolvimento do Estado moderno existe a relação marcada por sistemas hiper codificados, com uma série de regras, ordens, regulamentos, cerimonias e procedimentos estabelecidos não apenas para ocasiões solenes, mas, mais precisamente, para os fatos triviais da vida de seus membros. Marchas, procissões, entrada exércitos em formação de batalha;

1 Mestre em História Social, Economista, Professor de História Econômica Geral, História do Pensamento Econômico e Formação Econômica do Brasil. Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - AMAN -Resende-RJ, Academia Resendense de História, Instituto de Pesquisa Vale Paraibano- Lorena -SP, Academia de Letras e Artes de Cruzeiro-SP e Grêmio Literário de Resende.
2 Pós-Graduado em Educação Superior, Administrador, Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

onde vemos uma serie de aspectos cerimoniais que marcam esses eventos. Porém, para acordar, sentar em uma escrivaninha, caminhar por um corredor, entrar em um elevador, dirigir-se a alguém, enviar um arquivo, criar um círculo de amigos e até estender este protocolo ao seu núcleo família. Eis aí uma serie de prescrições na forma de regulamentos, que não estamos acostumados a notar no cotidiano mas que existem e não damos conta ainda mais se tais sinais já estão numa sociedade por gerações, entretanto os símbolos nos orientam segundo as regras estabelecidas em um costume ou normas desta sociedade.

A Exemplo disto no brasão do Colégio Naval, a ancora simboliza a visão esperançosa da Marinha para os alunos do Colégio, representada por um livro aberto. Na parte inferior do escudo, a Medalha de Mérito da Marinha, grau de Comandante, atribuída por despacho presidencial de 1963[3].

Outros elementos simbólicos são as bandeiras pois representam simbolicamente a soberania das nações mundiais, refletindo as suas respectivas origens, valores, história e outras características. Cada país determina, por lei, os detalhes do protocolo oficial que rege o modo como a bandeira deve ser tratada. Segundo Jose Enrique Ruiz-Domenec[4] em seus estudos de semiótica existe uma história escondida no uso das bandeiras que age sobre o inconsciente. As bandeiras ou flâmulas nos primórdios tinham mais a função de identificar objetos e comunidades com o rei, como indicar o barco do monarca, ou um grupo de cavaleiros de uma escoltas real, assim se sabia está chegando o nosso rei, nosso líder regional ou aquele que detém o poder.

Com passar dos tempos tais elementos como as bandeira passam a identificar uma coletividade nos momentos de festa e nos momentos de guerra elas começam a ter uma carga simbólica mais forte e mais emocional e patriótico identificando fortemente um grupo.

Entendemos e vemos conscientemente que eles os símbolos como uma bandeira se apresentam como um fenômeno circunstancial, ou seja, em versões regidas pela dinâmica da História Social. Hoje a exemplo, grande parte das informações coletadas nesse âmbito, vem dada a partir do ponto de vista da máquina de guerra norte-americana, por exemplo: não só por ela ser a maior inimiga dos "outros", mas também por possuir o maior número de inimigos. Assim sendo, ela se torna (aliás, já se tornou há algum tempo), o maior centro irradiador de versões sobre as maquinas de guerra alheias, assim como as outras maquinas também acabam por incorporar e fabricar suas versões da máquina norte- americana criando seus símbolos dísticos próprios. Assim como no passado e no presente a bandeira com foice e martelo ou

---

3 Decreto nº 52723 de 21/10/1963 / PE - Poder Executivo Federal(D.O.U. 22/10/1963)Dispõe sobre o escudo de armas do Colégio Naval.DECRETO Nº 52.723, DE 21 DE OUTUBRO DE 1963.Dispõe sobre o escudo de armas do Colégio Naval.O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 87, nº I, da Constituição Federal,Decreta:Art. 1º Fica alterado o escudo de armas do Colégio Naval, aprovado pelo Decreto nº 35.512, de 18 de maio de 1954, para nele ser incluída pendente da respectiva fita, a insígnia da ordem do mérito naval, conforme desenho anexo.Art. 2º O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Brasília, D.F., 21 de outubro de 1963; 142º da Independência e 75º da República. Presidente João Goulart - Sylvio Borges de Souza Motta

4 Ruiz-Domènec, José Enrique - Las claves de su historia Ed. RBA Libros- 2010

a bandeira com a cruz suástica causa ou causaram temores e medo. São símbolos extremamente comunicantes, e a simples visão deles nos leva a memória positiva ou negativa de tais bandeiras, flâmulas ou estandarte simbolizando seus povos.

Ainda assim, como poderemos ver, grande parte da nominação dos meios de guerra ao mesmo tempo contempla "solidariedades internas" e princípios estruturais, quase totêmicos, nas diferentes versões militares ou civis mercantes pois são símbolos de identidade coletiva. Vejamos, outro exemplo, alguns casos, partindo de frotas navais e seu sistema de nominação. Do ponto de vista da semiótica a flâmula reflete o estatuto militar do navio onde a mesma tremula e sua comunidade embarcada e sua origem nacional. No entanto, tecnicamente, representa o comandante do navio e não o navio em si. Assim, no seu significado original, a flâmula e o distintivo pessoal de um detentor de carta- patente de oficial da marinha de guerra lhe traz o legado da carga de sua representatividade de poder legal.

## O Resgate da Bandeirola ou Flâmulas de Comando da FEB

Como todos sabemos A Força Expedicionária Brasileira foi o agrupamento militar do Exército Brasileiro enviado a Europa para lutar na Segunda Guerra Mundial. Assim há 80 anos passados foi criada em 9 de agosto de 1943 em funções das agressões feitas por ataques do Eixo contra os navios de bandeira brasileira a Força Expedicionária Brasileira através da Portaria Ministerial N° 4744[5], após o Brasil ter declarado guerra ao Eixo - Alemanha, Itália e Japão. Organizada nossa força ofensiva de colaboração efetiva aos Aliados, houve a necessidade de criação de suas insígnias e símbolos representativos da Nação Brasileira como uma das nações consortes do intento de destruir e vencer o que se chamou de Forças Eixo.

Sabemos que toda organização necessita de seus símbolos organizacionais, pois eles são uma das formas de comunicar e criar identificação entre os colaboradores. Eles são uma das características mais visíveis da cultura de um empreendimento seja ele qual for militar ou civil, religioso ou leigo. Estas características simbólicas carregam implicitamente as crenças, as relações, do que é valorizado por aquele grupo, ou seja como nas religiões operam sua profissão de fé ou compromisso.

O que ficou mais marcado como símbolo da Força Expedicionária Brasileira foi a jogada de marketing de política internacional tentando criar ao fim do conflito um símbolo à Moda de Hollywood para nosso corpo de tropas como parte do grande Comando do Marechal Harold Alexander, comandante do 15º Grupo de Exércitos Aliados do qual o V Exército Americano[6] e sua sub unidades do IV Corpo de Exército Americano que inicialmente esteve em operações no Egito e depois no teatro de

5 5Diário Oficial da União (DOU) de 9 de Agosto de 1943 pela Portaria Ministerial Nº 4744- AN em função do decreto nº 10.358, de 31 de agosto de 1942 -Declara o estado de guerra em todo o território nacional. O presidente da república, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra k, e o artigo 171 da constituição.

6 Opposite orders of battle from Adriatic to Tyrrhenian sea - 25 august 1944 Schieramento 1ALLIED ORDER OF BATTLE - http://www.gothicline.org/inglese/offensiva/offensiva.htm - 23-03-02

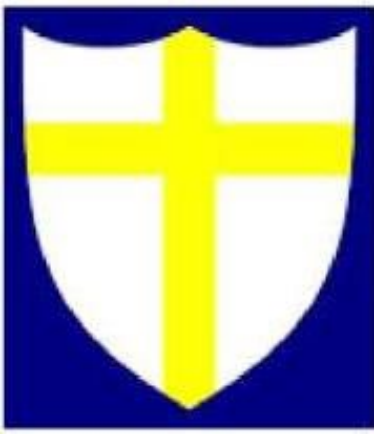
operações da Península Italiana onde nossa Divisão se agregou , força esta composta pelas seguintes subunidades operacionais:

V Corpo de Exercito Britânico, X Corpo de Exercito Britânico, XIII Corpo de Exercito Britânico, I Corpo Expedicionário Australiano, I Corpo de Exercito Canadense,1a DI Sul-Africana,2a DI Sul-Africana, 2a Divisão Neozelandesa, 4a DI (divisão de infantaria) Indiana,7ª DB (divisão blindada) Britânica ("Ratos do Deserto"), 8ª DI Indiana,10ª DI Indiana, 50ª DI Britânica, 51ª Divisão Britânica, além de tropas auxiliares como a 1ª Brigada Francesa Livre, II Corpo Polaco Livre, Corpo Italiano de Libertarão (antifascista), Brigada de Montanha Grega e Brigada Judaica. Parte integrante do XV Corpo de Exercito Aliado juntamente com V Exército Americano que se estruturou operacionalmente com as seguintes unidades: II Corpo de Exército (EUA): 34ª, 88ª, e 91ª Divisões de Infantaria (DI) Americanas; e Brigada Italiana Legnano. IV Corpo de Exercito (EUA):ia Divisão blindada (DB) Americana, 6ª DB Sul-Africana, 1ª DI Brasileira para nós (1a DIE, 1a Divisão de Infantaria Expedicionária), 92ª DI Americana e 10ª Divisão de Montanha (DM) Americana. Em meio a este grande aparato operacional militar houve a necessidade de se criar identificações ora táticas, ora simbólicas, demarcando presença e identidade.

Figura 1 - Marechal Alexander e seus comandados dentro do 15º Grupo de Exércitos Aliados.

A seguir, apresentamos os elementos simbólicos dos dois grandes Exércitos:

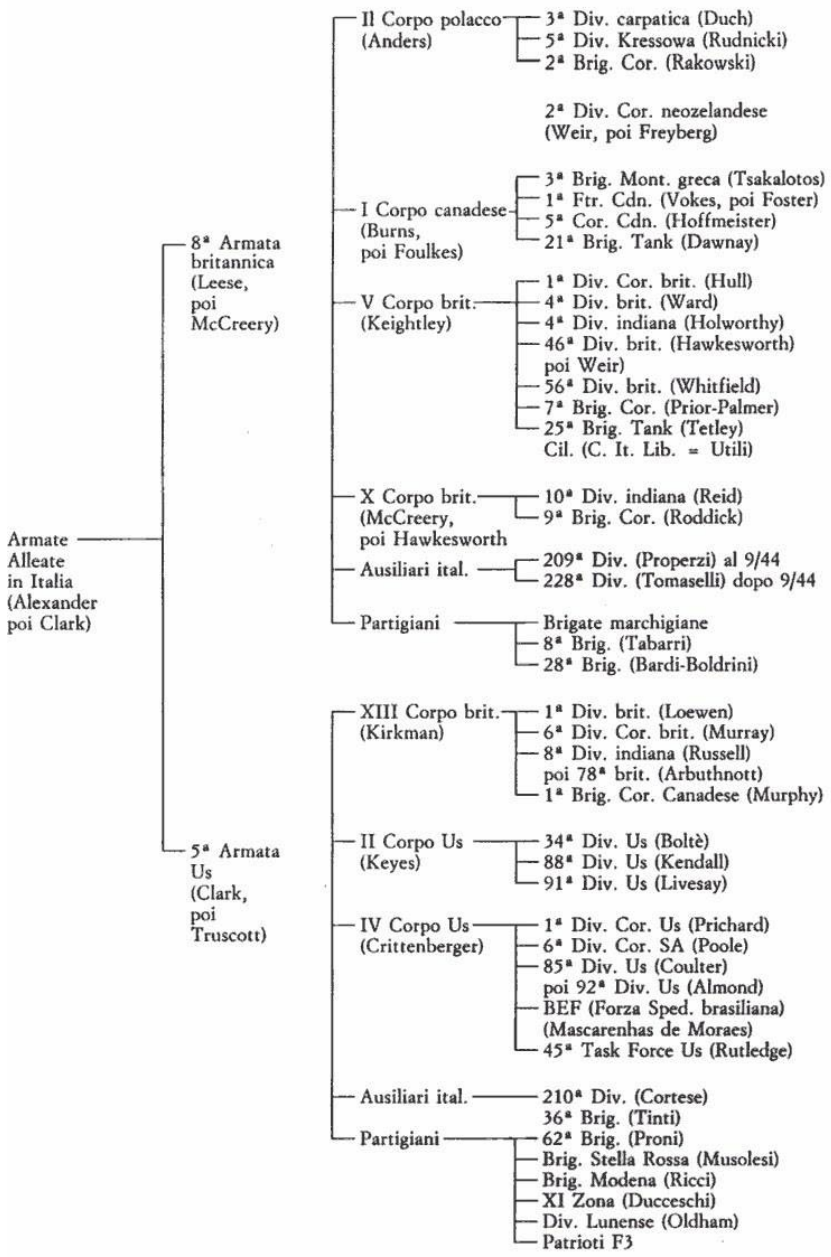
8th British Army



5th American Army

E fim de elucidar de forma esquemática o fluxo das cadeias de Comando onde a DIE estava inserida nesta ordem de Batalha da Linha Gótica apresentamos o seguinte esquema que mostra o Comando Geral das Força Aliadas estando sob ordens direta do Marechal Harold Rupert Leofric George Alexander, pois a tendência de muitos é um olhar restrito do contexto onde nossas tropas operaram e sob qual comando geral.

## Esquema de Estrutural das Forças



Declinaremos de falar de outras unidades sabedores que cada uma delas tem seus brasoes, bandeiras e flâmulas. No caso brasileiro temos o elemento mais conhecido no meio daqueles que gostam de militaria e estudam Historia Militar o famoso símbolo “smoke snake - brazilian symbol”.

Muito embora em nossas pesquisas redescobrimos as famosas flâmulas que representam a alma das tropas que atravessaram o oceano para participarem do conflito mundial na região da Itália na Linha Gótica, a imagem acima trata-se de um simplório brasão fazendo alusão à nossa Divisão de Infantaria. Fato é que tínhamos outros símbolos genuinamente brasileiros oriundo as nossas tradições militares, pois nossas tropas se apresentaram na Itália por um bom tempo com a insígnia divisional que chamamos carinhosamente de Coração do Brasil que abaixo apresentamos como forma de ilustração.

Com muita justiça e alegria apresentamos as Flâmulas que representam a 1a Divisão de Infantaria Expedicionária - Brasileira, formada iconograficamente em um retângulo que segundo Joseph McMillan (2001) assim descreve:

> A 1a Divisão de Infantaria Brasileira, que era o núcleo da Força Expedicionária Brasileira que lutou ao lado dos Estados Unidos e outras tropas aliadas no norte da Itália durante a Segunda Guerra Mundial, usava bandeiras de comando que se diferenciavam das outras divisões do Exército Brasileiro, pois as estrelas de o Cruzeiro do Sul (Cruzeiro do Sul) foram adicionados ao número da divisão e símbolos de ramificação na talha. Aqueles que conhecem a heráldica militar dos EUA podem reconhecer uma semelhança distinta entre o emblema da divisão, o numeral "1" cercado pelas estrelas do Cruzeiro do Sul, e o emblema notavelmente semelhante adotado quase ao mesmo tempo pela Primeira Divisão de Fuzileiros Navais dos EUA. Não tenho motivos para supor que isso seja apenas uma coincidência, já que a Divisão de Fuzileiros Navais lutou no Pacifico Sul, não na Europa.[7]

Flâmula de Comandante da Divisão de Infantaria

A nossa Flâmula de Comando do General Comandante da Divisão de Infantaria Expedicionária pode ser descrita da seguinte forma: um Retângulo, sub dividido por quatro outros subretângulos, sendo o maior em cor vermelha e encimado ou sobreposto por um losango branco com o numeral 1(um) de primeira divisão que figura bem no meio do losango que também tem nele gravado um cruzeiro do sul igualmente vermelhos.

Outro elemento simbólico importante gerado foi a flâmula de Comandante da Brigada de Infantaria[8] denominada Infantaria Divisionária(ID), sob comando do

7 Impresso intitulado Exercito Expedicionário—Insígnias de Comando, publicado pelo Gabinete Foto cartográfico do Ministério da Guerra do Brasil, nos arquivos do US Army Institute of Heraldry. Joseph McMillan, 6 de maio de 2001

8 Tipicamente, cada brigada é composta por vários regimentos ou batalhões. E várias brigadas podem

General Zenóbio da Costa , onde se vê um retângulo formado por três campos um vermelho encimado por um losango branco, que figura nele três elementos o Cruzeiro do Sul, o símbolo de nossa infantaria brasileira que constitui-se de dois fuzis encimados por uma granada, e ainda o numeral "1" arábico definindo como primeira divisão de Exercito, por fim ao lado deste campo descrito temos mais dois o superior verde e o inferior amarelo, fazendo valer as cores nacionais brasileiras.

Flâmula de Comandante da Brigada de Infantaria (Infantaria Divisionária)

Então, se de um lado tenta-se "minimizar" no indivíduo as suas características paisanas até uma pretensa "essência militar" naturalizada, de outro lado pretende-se preencher o que está lá com algo, no caso a presença da tropa brasileira. A engenharia social que realiza esse feito baseia-se fortemente em um dia-a-dia ritualizado, inteiramente pautado pela repetição de um ordenamento da realidade. Tal fato é marcado por uma diagramação constante dos horários, dos modos de conduta, de reconhecimento automático de dispositivos de ação, como ordens, posturas corporais e etiqueta, assim como o reconhecimento de símbolos e notações, como os emblemas e sinais que se estampam nos uniformes, e, finalmente, de uma terminologia realizada principalmente através do emprego de uma linguagem cifrada por meio de siglas e termos nativos. Os exemplos podem ser agrupados em algumas classes terminológicas e classificatórias que escolhemos a fim de ilustrar esse corte indenitário. Como diz Peirce (2000): "Teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e que assumem (linguísticas ou não), enfatizando especificamente a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram." O que nos leva a entender a interface com uma linguagem simbólica que marca a presença de um determinado grupo em um local assim como foi a presença das tropas brasileiras no Teatro de Operações da Itália desde 1944 a 1945.

formar uma divisão. Mas não foi nestas concepção que se estruturou a FEB, muito embora a Infantaria Divisionária fizesse as vezes de uma típica Brigada razão de chamarmos a flâmula de Zenóbio como represetação de um general de brigada.

## REFERÊNCIAS

Barroso, Gustavo, 1888-1959. História militar do Brasil / Gustavo Barroso. - 1. Reimpressão. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019. 268 p.: il., mapas. - (Edições do Senado Federal; v. 192) Luz, Milton. A história dos símbolos nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino / Milton Luz. - Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999 (1ª edição). Reimpressão, 2005 Conselho Editorial - CEDIT - A história dos símbolos nacionais (vol. 47)

Peirce, Charles Sanders. Semiótica. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000. Rodrigues, Adriano Duarte, "Introdução à Semiótica", Lisboa, Editora Presença, 1991;

Santaella, Lucia, "A Teoria Geral dos Signos", São Paulo, Editora Pioneira, 2000 Símbolos das Forças Armadas: conheça o significado da heráldica da Marinha, do Exército e da FAB.

https://militares.estrategia.com/portal/mundo-militar/forcas- armadas/simbolos--das-forcas-armadas/ acessado 2023-03-01

https://www.crwflags.com/fotw/flags/br%5E1id.html 1a Divisão de Infantaria Brasileira (Segunda Guerra Mundial ) acessado 2023-02-28

Entenda o significado dos símbolos "Faca na Caveira" e o gorro preto, usados pelas tropas de Operações Especiais da Policia Militar do Tocantins.

https://www.to.gov.br/pm/entenda-o-significado-dos-simbolos-faca-na- caveira-e--o-gorro-preto-usado-pelas-tropas-de-operacoes-especiais-da-policia- militar-do-tocantins/1ylpkq1n4ycx acessado 2023-03-01 Etnográfica.

https://journals.openedition.org/etnografica/i66o acessado 2023-03-01 Etnográfica

http://www.gothicline.org/inglese/offensiva/offensiva.htm acessado 2023-03-01

Agradecimento especial aos Pesquisadores Colaboradores:

• Marcos Renault - Museu da FEB - Belo Horizonte -MG

• Geovanni Sulla - Antiquariato Storico - Montese – Itália

REVISTA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
vol. 1, n. 10, 2025

# PLATÃO E ARISTÓTELES OS PRECURSORES DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA MILITAR

Júlio Raphaël de Freitas Coutinho[1]

## 1 INTRODUÇÃO

Faz parte da natureza do ser humano entender o mundo que o rodeia. Na busca desse entendimento, desde os tempos imemoriais, ele tem conseguido sucesso a partir de uma organização política que os antigos gregos chamavam de Pólis ou de Suprema Comunidade (a cidade-Estado).

Os filósofos gregos, nesse sentido, já pontificavam em seus ensinamentos a atividade militar nesse contexto social:

> A Polis e a suprema comunidade dos homens. E por isso, por natureza, o homem e um animal político, com os seus componentes (social, econômico, militar e outros que se fizerem necessários), e não simplesmente gregário como a abelha ou a formiga. E o que faz a diferença entre esses animais e o homem e que a natureza, que não faz nada em vão, dotou o homem do entendimento (logos), pelo qual ele distingue o justo do injusto, o bom e o mal, o sim do não. (Aristóteles)

Para que o homem contemporâneo possa entender essas considerações de modo a adentrar na intrincada malha de ações realizadas no interior das organizações políticas hodiernas e fundamental que se faca o estudo e, sobretudo, uma devida interpretação das concepções de dois dos maiores pensadores de todos os tempos, quais sejam: Patão e Aristóteles.

Desde os primórdios históricos da civilização, a política está relacionada ao poder. A política e a arte do poder. Esta sucinta expressão reflete a história da socie-

1 O autor é graduado em Ciência Militar, administração, Filosofia e Pós-graduado (strito ou lato sensu) em Ciência Militar, Administração, Educação, Filosofia, Logística, Negociação, Política e Tecnologia da Informação. Foi instrutor do corpo de cadetes, professor de Filosofia, Ciência Gerencial da AMAN e comandou o Colégio Militar do Rio de Janeiro ( CMRJ ), o 10° BI ( Juiz de Fora – MG ) e o Batalhão de Força de Força de Paz UNAVEM – III ( Angola ), atualmente integra a AHIMTB e a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas ( SEAF/SEÇÃO Sul Fluminense), e é escritor com vários livros e artigos publicados

dade humana e é corroborada por distintos pensadores, como Clausewitz: A guerra (emprego do poder militar) e a continuação da política por outros meios, ou conforme, asseverou, Maquiavel: Na política os fins (o viver bem do ser político) justificam os meios (os campos do poder).

Ao relacionar algumas destas afirmações com as famosas obras de Platão e Aristóteles, República e Política, observamos uma estrita relação com os problemas de educação e organização militar, bem como as concepções de cidadão-soldado. A abordagem deste componente da política, o militar, teve grande influência para a Grécia a partir do século IV a.C e as conseqüentes implicações do poder militar para os Estados do mundo Ocidental contemporâneo.

É intuito deste artigo procurar contribuir para avaliar e relacionar o pensamento histórico-militar daqueles maiores filósofos da Grécia com a conjuntura contemporânea. Inteirar-se acerca da temática bélica de Platão e de Aristóteles permitindo esclarecer algumas ideias que vem desde a antiguidade e que perduram (ainda que com algumas variações) até os dias de hoje. Também, indubitavelmente, influenciaram, no decorrer da história, os mais distintos pensadores e as mais diversas teorias que se referem â dimensão do poder, através da Ciência Militar, dentro da esfera política.

## 2. O Poder Militar

O Poder militar da Grécia antiga foi um dos componentes do seu desenvolvimento político que contribuiu significativamente para a história da humanidade. Esta contribuição representou para a Grécia a implantação, manutenção e irradiação da civilização helênica na antiguidade e, também, possibilitou gerar consequências que repercutem até os dias de hoje no mundo ocidental.

O desenvolvimento da ciência militar levou o ser humano a saber de si. É uma forma de entender a espécie humana em sua essência. É confiar na capacidade de se organizar, de evoluir e obter conhecimento. Enfim, é conhecer o desejo intrínseco do ser humano de buscar a sua sobrevivência, de se superar, de transcender metas e obter conquistas.

A formação do Estado grego e atípica, pois, em sua história não há a caracterização de um único Estado-nação. Uma característica marcante da Grécia antiga era a de que não havia uma administração política centralizada.

A Grécia não era um pais sólido, era apenas uma união de cidades-Estados, que tinham em comum a língua, a proximidade e a cultura.

Nesse mosaico de cidades-Estados destacava-se a busca do predomínio político, através do poder militar, para a imposição das que se destacavam em tamanho e importância.

Duas se destacaram na condução do domínio sobre outras cidades-Estados menores e menos influentes: Esparta e Atenas.

No que tange as ações bélicas a civilização grega passou por duas experiências marcantes; uma a nível interno e a outra a nível externo.

A nível interno a Grécia foi caracterizada por constantes conflitos desde o

inicio da formação da chamada civilização helênica. Destacou-se o conflito de interesses de Atenas e Esparta, a chamada guerra do Peloponeso (século V a. C).

A nível externo a Grécia foi abalada por duas grandes guerras contra os persas. Atenas organizou uma Liga das cidades sob sua liderança, denominada Liga de Delos (477 a. C), para fazer face a esta ameaça externa e como forma de defender as cidades localizadas no mar Egeu e na Ásia menor.

Os gregos venceram a guerra contra os persas. Porém, pagaram um preço alto por causa das violentas e prolongadas lutas externas e nos conflitos entre as próprias cidades da Grécia.

Sua civilização tornou-se esgotada e fraca. Quem soube aproveitar dessa desunião e fraqueza foi Felipe, Rei da Macedônia, que montou um poderoso Exército para invadir as cidades-Estados que compunham a Grécia.

A partir daí, o poder da Macedônia, cidade-Estado helenizada do norte da Grécia, se impôs sobre toda a civilização grega. Esse momento ficou conhecido como período helenístico ou da Grécia unificada numa liga de cidades-Estados sob a égide da Macedônia.

Com a morte de Felipe, subiu ao trono Alexandre, que se tornaria um dos maiores líderes políticos-militares que a humanidade conheceu. Este grande cabo de guerra, que teve a sua formação sob a responsabilidade de Aristóteles, expandiu de modo extraordinário o império helenístico, através do poder militar, a ponto de dominar o mundo conhecido de então e levar a cultura grega aos mais distantes rincões da antiguidade.

Deste extrato da história da civilização grega pode-se verificar que as ações bélicas estiveram presentes desde a sua formação até atingir o acaso desta extraordinária civilização. Pode-se daí verificar a importância para o povo helênico do poder militar seja para a implantação, conquista e manutenção de seus interesses econômicos e políticos.

Quanto ao aspecto sociológico podemos avaliar a sua importância pela participação no serviço militar da maioria ativa dos cidadãos gregos às lides bélicas, inclui-se aí a participação dos principais filósofos gregos: Sócrates, Platão e Aristóteles (sendo este último o preceptor do considerado maior guerreiro de todos os tempos, Alexandre).

Aristóteles, sobre a arte da guerra, fez uma dedução muito interessante: sobre como uma civilização iria obter as necessidade e os meios necessários para a sua sobrevivência.

Dizia ele[2] sobre a necessidade da guerra para a subsistência e manutenção da espécie humana:

> Somos certamente autorizados a crer que os animais atingem o seu pleno desenvolvimento ao interagir de forma harmônica com a natureza. As plantas e alguns animais existem para os animais herbívaros e predadores assim como as plantas e os animais para o homem.

2 Aristóteles, Pol I,3,21.

> Dos animais, os que podem ser domesticados destinam-se ao uso diário e à alimentação do homem, e dentre os selvagens, a maior parte pelo menos, senão todos, lhe fornecem alimentos e outros recursos, como vestuários e uma porção de objetos de utilidades; e, pois, se a natureza nada faz em vão e sem objetivo, é claro que ela deve ter feito isso para o benefício da espécie humana.
>
> Disso se deduz que a arte da guerra é de algum modo um meio natural de conquista: porque a arte da caça é apenas uma das suas partes, aquela da qual serve o homem contra a fera ou contra os outros homens que, destinados por natureza a obedecer, recusam a submeter-se; assim a própria natureza desculpa a guerra. (Aristóteles)

Eis aí, pois, um argumento, da Filosofia, que entendeu e explicou os motivos para que existisse a guerra como uma forma de conquista natural, parte da ciência política e econômica. Para Aristóteles ela deveria existir no sentido de proporcionar um tesouro de coisas úteis e mesmo necessárias à subsistência, a vida (do indivíduo) e da sobrevivência da própria sociedade humana (Pólis).

Portanto, para entender o poder militar e a sua inserção à atividade política é necessário que seja feita uma busca na essência do ser humano sem utopia, má intenção, demagogia ou hipocrisia.

No que se refere a política, essa deve ser interpretada como uma atividade exercida por um indivíduo ou grupo em relação a outras formas de concretizar uma liderança, pela imposição ou convencimento, de forma a prevalecer seus interesses e influência sobre estes outros indivíduos ou grupos.

Para a concretização da liderança na Pólis, Estado-governo, o poder militar é caracterizado como um dos principais componentes da atividade política. Tendo a política neste componente, poder militar, um importante vetor para contribuir com os interesses e influência daquele(s), indivíduos ou grupo(s), que querem desenvolver o seu ideário na Pólis.

Muitos pensadores e estudiosos do assunto, desde a antiguidade helênica, acham mesmo que a busca deste poder é a essência da política. Existe uma frase que define a política, muito expressa por estudiosos da história da humanidade, sem autoria definida, que diz: “a política é a arte do poder”. Neste sentido Otto Von Bismark, disse: “A política é a arte do possível”.

O que era o possível para Bismark, pela política, alcançar a unificação dos estados alemães sob a liderança da Prússia?

Figura 01 - Bismark e seus generais durante a Guerra Franco-Prussiana.

**Resposta**: Utilizou uma série de guerras estratégicas, incluindo a Guerra Austro-Prussiana e a Guerra Franco-Prussiana, para consolidar o poder prussiano **(Seria a arte do possível ou o arte do Poder?).**

Nas teorias de emprego do poder militar no mundo ocidental, de influência helênica, a unidade política escolhida pela maioria dos estudiosos é o Estado. Assim, o poder militar é considerado um instrumento dessa política que se expressa através de relações inter ou entre Estado(s).

A política está associada ao poder, na medida que a consecução da atividade política é representada pelo fortalecimento, manutenção e aplicação desse poder. A aplicação do poder possibilita a elaboração da política. A busca do poder distingue a política de outras formas da atividade humana.

Na interpretação ocidental, de influência helênica, o Estado é uma organização que atua na Nação (Pólis). Sua existência e atividade são baseadas no seu reconhecimento pela sujeição a **vontade geral[3] ou imposta** (de acordo com o regime vigente) de sua autoridade.

Dentro do Estado o povo vive em harmonia, respeitando a lei, menos por hábito e mais por temor, pois o Estado tem o direito de punir os que infringem a lei.

O Estado atua como agente da nação, tanto dentro como fora do País (Pólis). Entre as atribuições internas do Estado estão: preservação da unidade, regulação da atividade econômica, manutenção da lei e da ordem, normatização das atividades internas e externas do País, reconciliação das classes e regularização de conflitos **pelo emprego até da violência necessária.**

Estão incluídos entre as atribuições externas: proteção da população (cidadãos), defesa dos interesses nacionais (Pólis) e mesmo conquista e utilização de outro(s) Estado(s).

---

3 **Rosseau** afirma que a **vontade geral** (como a vontade do povo, como a voz de Deus) "(...) tende sempre à conservação e ao bem estar do conjunto e de todas as partes, e que é a fonte das leis, consiste na regra do que é justo e injusto, para todos os membros do Estado, como respeito a eles mesmos e ao próprio Estado". **O contrato Social de Rosseau-1762-cap III do livro II - Ed Edipro/ 2017.**

A praxe de considerar o Estado como agente de toda a nação, tanto quanto este termo para representar o povo (conjunto de cidadãos), tem produzido tal impacto na terminologia que , no estudo da ciência política, os termos Estado e nação são empregados quase indistintamente. Mas, podemos definir bem Estado como uma nação politicamente organizada.

O poder militar é a atividade meio para atingir o objetivo fim da política do Estado. Pode ser entendida como a concretização e exercício de seu interesse, política do Estado, para a obtenção de influência da nação (Pólis) e até em outras nações (outras Pólis).

Figura 02 - A conquista de Constantinopla pelos otomanos, em 1453, é considerada o marco de início da Idade Moderna.

A política, portanto, é a arte de exercer poder e conduzir os negócios do Estado-nação de forma sistemática, organizada e consentida ou não (de acordo com a forma de regime vigente).

O emprego do poder militar, uso das armas, foi assim expresso[4], como: "o último argumento dos reis" (hoje podemos representar pelos argumentos dos dirigentes dos Estados-nações).

4 A locução ultima ratio regum ("o último argumento dos reis") inscrita num canhão francês (supostamente capturado), em frente ao Museu de História Militar de Viena. Expressão cara ao Cardeal Richelieu (1585-1642), foi posteriormente adotado por Luís XIV da França (1638-17150), que a fez gravar sobre seus canhões.

Figura 03 - Luís XIV da França (1638-17150), que fez gravar sobre seus canhões A locução: ultima ratio regum.

Alguns dos maiores pensadores da arte do poder militar, disseram:

> "Determinados fins, justificam determinados meios". (Maquiavel)
> " A guerra (emprego do poder militar) é a continuação da Política por outros meios". (Clausewitz)

## 3. Entre o Guerreiro e o cidadão-soldado.

O modelo para estabelecer sobre quem e como se usarão as armas (o guerreiro ou o cidadão soldado) é estabelecido, de forma progressiva desde a civilização helênica, através do desenvolvimento da reforma hoplítica[5].

Esta reforma foi compreendida a partir de plano técnico ao longo do tempo, desde a forma preconizada por Homero até a adoção do sistema de falange (adoção dos plebleus ao Exército). Foi consequência da gradual incorporação das partes da panóplia pelos aristocratas ao seu equipamento, ou seja, a reforma hoplítica não foi conduzida contra os nobres, mas por eles. Foram eles que introduziram o uso das partes que, mais tarde, formaram o conjunto do equipamento adotado pelos hoplítas.

É preciso esclarecer que o desenvolvimento e a adoção do sistema hoplita não representou uma "democratização" do Exército, como durante muito tempo, ser guerreiro implicou também dispor de meios para prover o armamento pessoal; a

5 A reforma hoplítica em Atenas foi um processo ocorrido no século VII a. C que teve como principal característica a ascenção da classe dos hoplítas, que eram os soldados de infantaria armados com lança, escudo e capacete. Eles passaram a ter maior influência política e a exigir mais participação na vida pública da cidade, o que contribuiu para a democratização do regime político em Atenas.

adoção de cidadão-guerreiro identificou-se com a de ser rico, detentor de certo rendimento (na maior parte dos casos, de fundiário) que desse ao potencial guerreiro a possibilidade de se armar a expensas próprias.

Dessa forma, a oposição entre cavaleiros e hoplíta, entre nobres e "plebeus", nesse momento ainda não era da mesma ordem daquela que se iria se estabelecer na Atenas do período clássico, principalmente no IV século a. C.

A falange, porém, pela primeira vez propiciou aos cidadãos de menos recursos uma função militar importante, um lugar na falange podia finalmente levar o guerreiro a requerer uma participação no poder político.

Diante dessa exclusividade da prática da guerra, o porte de armas[6] já era considerado por si só sinal de nobreza e tal era a importância desta distinção que os aristocratas eram enterrados com suas armas.

A questão é que estes referenciais não eram mais adequados ao sistema hoplita, O próprio movimento de "popularização" das armas implicou numa ruptura bastante significativa.

A partir daí o centro desta "tendência para a isonomia", que marca o período entre os séculos VII e V a. C, foi justamente esta "presença política" dos "indivíduos armados e, por isso mesmo, cidadãos"[7] .

Por outro lado, o próprio funcionamento da falange pressupunha o estabelecimento de valores coletivos que, gradativamente, se confundiam com os próprios valores públicos da Pólis clássica, processo que pode ser identificado, por exemplo, através da oposição entre o epitáfios que a cidade destinava aos seus mortos e o therénos[8] da epópéia homérica, cantado sobre o corpo do herói caído.

A falange era uma soma de hoplítas, organizados em fileiras onde os indivíduos e suas ações não eram distinguíveis uns dos outros, onde os lugares eram permutáveis e, portanto, isentos de qualquer exclusividade.

De fato, para o eficaz funcionamento desta organização, a falange, não poderia haver lacuna entre a técnica e a disposição ética. Desse modo como não havia no interior da falange espaço para a distinção social o individualismo do guerreiro homérico se dilui na ação coletiva da falange.

Aos combatentes individuais a falange opõe uma ação coletiva: o combate não era mais a obra de um único guerreiro dotado de qualidades excepcionais, como Achilles de Homero; a batalha era conduzida por um grupo de homens submetido `mesma disciplina.

---

6 Daí ser o porte de armas pelos cidadãos ( plebeus ou nobres), até a contemporaneidade, um indicador de reforço por todos os integrantes da sociedade à defesa não só individual como do Estado-nação (Pólis).

7 Na nossa contemporaneidade, por exemplo, a segunda emenda à Constituição americana protege o direito da população de manter a posse de armas, foi aprovada em 15 de dezembro de 1701.

8 Therénos da epopeia homérica descreve as características de valores passados naquela sociedade helênica.

Figura 04 - Achilles de Homero, o combate de um único guerreiro heróico

O culto dos heróis e a necessidade de mitos da sociedade baseada nos ditames de Homero cede a uma outra visão do homem que irá integrar o poder militar na era da falange hoplítica, não mais o guerreiro, mas o cidadão-soldado.

Para Platão a educação iria contribuir de forma efetiva para "construir"[9] esse cidadão-soldado.

De fato, para o eficaz funcionamento desta organização, a falange, não poderia haver lacuna entre a técnica e a disposição ética e cidadã. Desse modo como não havia no interior da falange espaço para a distinção social o individualismo do guerreiro homérico se diluiu na ação coletiva da falange.

Figura 05 - Na ação coletiva da falange surge o cidadão-soldado

9 Em suas obras Platão, traz uma nova concepção de coragem do cidadão grego, que afasta da concepção tradicional de heróis, como Achilles e Ulisses, e ganha uma roupagem mais ética e cidadã.

Para finalizar, sob uma perspectiva política, existe um relativo consenso nas considerações sobre a ligação entre o soldado e o cidadão que a falange proporciona ou pela qual surge: ela é fundamental para o desenvolvimento posterior da Pólis nos moldes clássicos. Uma vez que a dinâmica da falange negou o perfil do guerreiro sujeito de qualidades específicas e com um "estatuto autônomo", ela instituiu um novo sujeito.

As virtudes desse homem da falange se confundiram com a do cidadão, de modo que as virtudes do soldado eram inseparáveis das do cidadão. Desta forma o homem dotado de poder político participava tanto como cidadão quanto guerreiro. Estava assim criado a figura do cidadão-soldado que na paz cumpria as suas missões de cidadão e, quando fosse necessário, o emprego de armas atuando como soldado para preservar a Pólis dos homens desobedientes a nível interno e na sua defesa contra agressores externos.

Para Aristóteles, o cidadão da Pólis deveria exercer funções e cargos que ele estabeleceu da seguinte forma:

> Na juventude, esta classe, servirá ao exército quando se sobressaí pelas suas capacidades e pelas virtudes guerreiras, na maturidade pelo seu conhecimento dedicado as coisas administrativas e política pública e na velhice pela sapiência necessária as coisas da religião[10].

Portanto, para Aristóteles a condição de cidadão era inseparável da necessidade guerreira de defender a Pólis quando necessário.

Essa é também, na contemporaneidade, a forma que o cidadão presta o serviço militar, na maioria dos países, ou o também chamado serviço militar universal, o dever do cidadão na defesa de sua Pólis: o cidadão-soldado.

## 4. CONCLUSÃO

À primeira vista, entendemos a filosofia como algo enigmático, profundamente abstrato e distante da realidade. Essa visão da filosofia decorre dos complexos trabalhos de pensadores que, ao longo da história, refletiram e buscaram diferentes respostas sobre questões que continuamente a sociedade humana faz ao longo de sua história. Indagações sobre o conhecimento, sobre a política e seus componentes, os valores, sobre a natureza, sobre a beleza, sobre o universo e o homem que o habita.

A filosofia, sendo a mãe de todas as ciências, não toma partido para um dos lados da controvérsia que sempre existe entre a humanidade. Pois, caso tome a preferência por um dos lados, certamente, em determinado momento seus argumentos serão inválidos.

Por isso, as marcas da filosofia são a radicalidade, sistematização e abrangên-

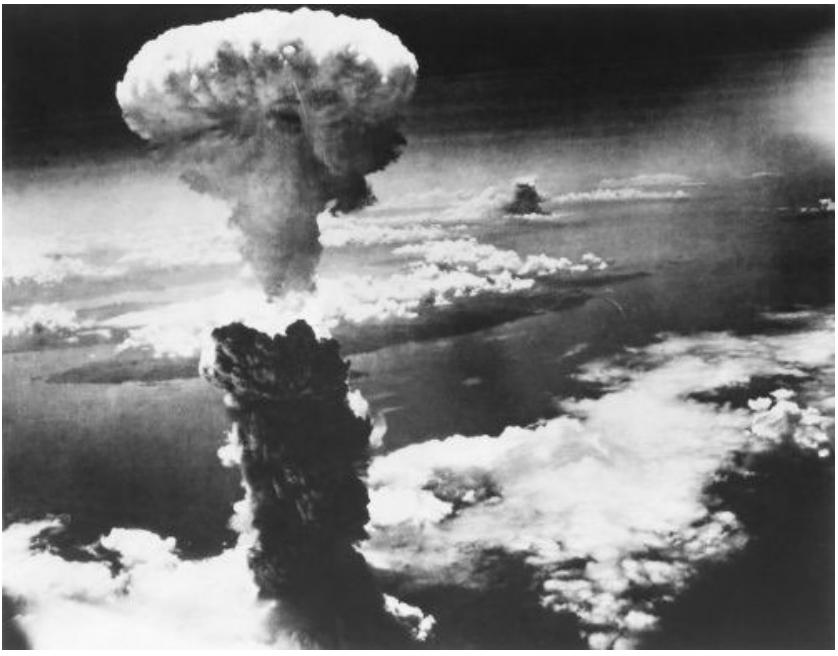
10 Aristóteles. Pol. VII, 9

cia de ideias que não se confundem com as divergências contraditórias. Embora possamos afirmar que a filosofia esteja presente nas diversas manifestações do humano, ela não se confunde com nenhuma dessas formas de conhecimento específico, mas as fundamenta.

Não se pode perder de vista que o homem, enquanto "animal político", tem estruturado e delimitado a ética ocidental, ao longo de dois milênios e meio, através dos paradigmas universais da dignidade humana e do bem comum. Paradigmas que tiveram influência marcante nos comportamentos individuais e costumes sociais pertinentes a cada época.

Aí está com certeza a origem das relações conflitantes entre a individualidade e coletividade da sociedade humana. Platão, Aristóteles e os pensadores que os sucederam apresentaram componentes filosóficos para que se equacione a relação da política, e no nosso caso o do seu componente militar, com a ação destruidora do homem enquanto "animal político".

Figura 06 - A consequência de um conflito que pode até destruir a humanidade.



A intensão deste autor não foi retornar ao tempo de Patão, Aristóteles e de outros filósofos que os sucederam para criar um mundo passado, ao contrário, este recuo histórico foi para tomar impulso, buscar argumentos que nos ajudem a entender nosso mundo paradoxal e complexo e, também, nos indicar que o caminho da política , com seu componente militar, é feito com ética e justiça que nos sinalizam para fazermos reflexões radicais e, como consequência, apresentar soluções adequadas e práticas à nossa realidade presente e futura.

Figura 07 - Alguns conflitos do início do século XXI, o terceiro milênio da humanidade.
(Ucrania e Oriente Médio)

## BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. Livro II. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, c1985, 1992, p. 35-37- 49-50.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. A Justiça em Aristóteles. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BONARD, André. A Civilização Grega. Edições 70. Lisboa, 2007.

COUTINHO, Júlio Raphaël de Freitas. 1 ed. Filosofia e Política: Platão e Aristóteles os mestres do saber político. Rio de Janeiro: Editora SESI, 2009.

CRICK, F. The astonishing hypothesis: the scientific search for the soul. New York: Touchstone, 1994.

DE LA TAILLE, Yves. Moral e Ética – Dimensões intelectuais e afetivas. São Paulo: Artmed Editora, 2006.

DESCARTES, R. Discurso do método. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCARTES, R; SANTIAGO, H. Meditações metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DEFILLIPO, Braz. Coletânea de citações: Pensamentos escolhidos. Juiz de Fora: Editôra Chismare, 2009.

DIOGÈNE Laërce, [2000], Vies et doctrines des philosophes illustres (Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres), Paris, Le livre de poche.

DUPUY, J-P. Nas origens das ciências cognitivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

EDELMAN, G. M. The remembered present: a biological theory of consciousness. New York: Basic Books, 1989.

GAUKROGER, S. Descartes' system of natural philosophy. Cambridge, UK; New York, NY: Cambridge University Press, 2002.

GEERTZ, C. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2001.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

HACKER, P. M. S. Natureza Humana: categorias fundamentais. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HATFIELD, G. A fisiologia de Descartes e a relação desta com sua psicologia. In: Descartes. John Cottingham (org.). Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2009.

HEBECHE, L. O mundo da consciência - ensaio sobre a filosofia da psicologia de L. Wittgenstein. Porto Alegre: Edipuc, 2002.

HUDE, Henri. A Ética do Decisor. Rio de Janeiro: Bibliex, 2015.

LAZZERI, Christian; SENELLART, Michel; CAILLÉ, Alain. História Argumentada da Filosofia Moral e Política: a felicidade e o útil. Tradução de Alessandro Zir. Porto Alegre: Unisinos, 2004.

LEAR, J. Aristotle and Logical Theory. New York: Cambridge University Press, 1980.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Prática. Tradução baseada na edição original de 1788, com introdução e notas de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KENNY, A. J. P. Wittgenstein. Harmondsworth: Penguin, 1984.

LECLERCQ, Jacques. As Grandes Linhas da Filosofia Moral. São Paulo: Ed. Herder, 1967.

MARCO AURÉLIO. Meditações. Seleção, tradução e introdução de William Li (Edição bilíngue: grego/português). Editora Iluminuras Ltda. São Paulo, 1995. (Livro II, n° 17, p. 27).

MENN, S. P. Descartes and Augustine. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MONTENEGRO, M. A. de P. Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão. Kriterion, Belo Horizonte, v. 48, n. 116, Dec. 2007.

PEGORARO, Olinto Antônio. Ética dos Maiores Mestres Através da História. 5ª edição – Petrópolis: Vozes, 2013.

PLATÃO. A República. Coleção Os Pensadores. Tradução de Enrico Corvisiere. São Paulo: Nova Cultural Ltda, edição 2000. P. 26-28; 36-37.

ROSSEAU Jeans Jacques. O Contrato Social 1762. São Paulo. Ed Edipro, edição 2017. Cap III do Livro II.

SÊNECA, Lúcio Anneo. Aprendendo a viver. Tradução do latim por Lúcia Sá Rebbelo e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre-RS, L&PM, 2010.

SPANIOL, W. Filosofia e método no segundo Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1989.

SWINBURNE, R. The Justification of induction. London: Oxford University Press, 1974.

TEIXEIRA, J. de F. O que é Filosofia da Mente. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 1994.

VERNANT, J. P. As origens do pensamento grego. 3. Ed. São Paulo: DIFEL, 2007.

WITTGENSTEIN, L. Gramática Filosófica. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2003.

WITTGENSTEIN, L. Observações Filosóficas. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.

# Crédito Imobiliário Digital

## A casa própria com as melhores condições

Financiamento com juros baixos, rápida liberação e outros benefícios para a construção e a aquisição de imóvel, terreno e material de construção.

ACESSE SIMULE CONTRATE

FHE POUPEX

poupex.com.br

Consulte as normas e condições vigentes. Sujeito a análise cadastral.